Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

www.dn.pt / Segunda-feira 15.4.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 606 / € 1,50 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

PORTUGAL JÁ SOFREU 20 EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS QUE CUSTARAM 800 MILHÕES ÀS SEGURADORAS

AMBIENTE A vaga de incêndios de 2017 foi o evento mais dramático e custou 250 milhões às seguradoras. Nos últimos 17 anos, só em quatro não houve acidentes naturais relevantes em Portugal. É o 7.º país mais afetado em perdas económicas e o 5.º em vidas humanas num conjunto de 35 países europeus, segundo a Agência Europeia do Ambiente. PÁGS. 4-5

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO

PROFESSOR CATEDRÁTICO NA UNIV. COIMBRA

"A imigração não é um fardo. É crucial para travar o envelhecimento demográfico"

PÁGS. 10-11

JAUME DUCH GUILLOT

PORTA-VOZ DO PARLAMENTO EUROPEU

"Fazer a distinção entre política nacional e políticas europeias tornou-se artificial"

PÁGS. 16-17

GUERRA

Escalada de violência no Médio Oriente está nas mãos de Israel

PÁGS. 4-7

Uma bateria do sistema de defesa antimíssil *Iron Dome* instalada no deserto do Negueve, no sul de Israel. Eficácia do *Iron Dome* contra ataque dos *drones* e mísseis iranianos foi elevadíssima.

AHMAD GHARABLI / AFP

OPINIÃO DE ELISABETH EKLUND SUÉCIA: UM ALIADO DE PORTUGAL NA NATO

EMBAIXADORA DA SUÉCIA PÁG. 17

CORRUPÇÃO

Do *lobby* às *offshore*: ministra da Justiça começa a ouvir partidos sobre medidas a adotar PÁGS. 8-9

CONJUNTURA

Insolvências no têxtil e moda mais do que duplicaram no 1.º trimestre PÁG. 21

ONDE ESTAVA HÁ 50 ANOS? RITA FERRO

ESCRITORA PÁGS. 3

Até ver...

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

É possível evitar nova guerra no Médio Oriente?

Têm sido muitas as guerras no Médio Oriente nas últimas décadas. E algumas ainda continuam, como as na Síria e no Iémen, mesmo que nos meses mais recentes tenham sido relegadas para segundo plano mediático por causa do conflito em Gaza, a retaliação de Israel ao Hamas, depois da incursão terrorista do 7 de Outubro, que fez pelo menos 1200 mortos e mais de 200 reféns . Uma retaliação destinada a eliminar o grupo palestiniano, de início apoiada por boa parte da comunidade internacional, mas agora muito contestada, até no Ocidente, dado os milhares de mortos.

Mas se guerras há muitas, uma eventual guerra entre Israel e o Irão adivinha-se que seria algo de uma dimensão tremenda. Apesar de se ter oposto ao plano da ONU para a divisão da Palestina entre um Estado Judaico e um Estado Árabe, o Irão, nação persa, foi um dos primeiros países muçulmanos a reconhecer Israel e acabou por não se envolver nas sucessivas guerras israelo-árabes. Por pressão americana, no tempo do xá até houve cooperação entre Israel e o Irão, a qual terminou abruptamente quando a Revolução Islâmica triunfou em 1979 e o regime dos *ayatollahs* incluiu o apoio à causa palestiniana entre as suas prioridades.

Contudo, se algum tipo de guerra surgiu entre israelitas e iranianos foi uma espécie de guerra nas sombras, com ataques e assassinatos avulsos e apoio a inimigos do inimigo. Bons exemplos das estratégias usadas nesta guerra nas sombras são os ataques do Hezbollah e dos *Houthis* a Israel (intensificados depois do 7 de Outubro, em nome da solidariedade com os palestinianos) e o bombardeamento das instalações diplomáticas iranianas na Síria, a 1 de abril, (não-assumido), pretexto principal para a ofensiva com *drones* e mísseis contra Israel.

Apesar do impacto destrutivo mínimo, o ataque de sábado representou o fim da guerra nas sombras. Pela primeira vez o Irão usou o seu território para atacar Israel.

Se o impacto destrutivo foi reduzido tal deve-se a dois motivos: por um lado, o Irão fez questão de anunciar o ataque e escolheu alvos distantes das grandes zonas urbanas de Israel; e, muito importante, o sistema de defesa israelita funcionou com grande eficácia, contando o país para a sua proteção também com o apoio de aliados como os Estados Unidos. Provavelmente será a análise destas situações que poderá levar a crer que uma guerra total não acontecerá. Mesmo que o nível da resposta prometida por Israel seja ainda uma incógnita e possa pôr em causa a afirmação iraniana de que, depois do ataque dos *drones*, considera fechado o assunto.

O apoio da América tranquiliza Israel e também pode servir de travão a uma escalada que não interessa a ninguém. Mesmo considerando o beligerante Israel mais forte, o poderio militar iraniano não é de descurar. E a tal guerra a evitar envolveria demasiados intervenientes, regionais, mas também de outras geografias, e tanto Estados como agentes não-estatais. Tendo em conta a importância geopolítica do Médio Oriente, seja pelos poços de petróleo, seja pelo valor estratégico de rotas como a do Canal do Suez, seria uma guerra com consequências globais.

É evidente que tanto os governantes de Israel como os do Irão vão atuar ponderando muitos prós e contras de qualquer decisão. De um lado está um país jovem que se considera em perigo existencial, do outro uma das mais antigas civilizações, a persa, que exige ser respeitada. Veremos se quem lidera saberá pesar bem tudo, mesmo que tenha de transmitir uma ideia de força tanto para a população, como para a vizinhança.

Continuam muitos problemas por resolver no Médio Oriente, desde as guerras na Síria e no Iémen, ao futuro dos palestinianos, à espera de um Estado. Mas é prioritário que uma guerra Israel-Irão não se imponha como inevitável, até porque ainda há o fator nuclear. E é evidente que os Estados Unidos, que deram há dois dias um sinal tremendo de solidariedade com Israel, vão pressionar para que não se vá de escalada em escalada. Seria excelente que a pressão americana trouxesse também novidades negociais em relação a Gaza, para que a população palestiniana possa ter uma vida digna e os reféns israelitas ainda nas mãos do Hamas possam ser devolvidos às famílias. Que a diplomacia faça o seu trabalho.

OS NÚMEROS DO DIA

300

***DRONES* E MÍSSEIS**
Israel afirmou ontem que 99% dos mais de 300 *drones* e mísseis disparados pelo Irão, no ataque de sábado à noite, foram intercetados, e que a defesa israelita foi um "êxito estratégico muito significativo".

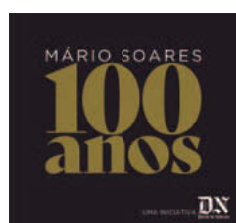
220

EUROS
A Alemanha vai fornecer um pagamento único de 220 euros aos sobreviventes do Holocausto, para os ajudar a lidar com os impactos dos ataques do 7 de Outubro liderados pelo Hamas no sul de Israel. Ao todo, Berlim compensará 113 mil sobreviventes do Holocausto em Israel com 25 milhões de euros.

120

ANOS
O Bayer Leverkusen sagrou-se ontem pela primeira vez Campeão Alemão de Futebol, no ano do seu 120.º aniversário, pondo fim a um ciclo de 11 títulos consecutivos do Bayern.

58

MORTES
As fortes chuvas e inundações na Tanzânia já provocaram a morte a 58 pessoas este mês, disse o porta-voz do Governo, em conferência de imprensa. Mais de 10 mil famílias foram afetadas e 76 698 explorações agrícolas foram danificadas pelas inundações nas zonas costeiras.

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, João Pedro Henriques, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

PORTUGAL HÁ 50 ANOS

O que era a vida quotidiana dos portugueses há meio século, antes do 25 de Abril? O que faziam e como recordam hoje esse tempo em que eram jovens e o país era velho. E como esse mundo era retratado nas páginas do DN da época. Visado pela censura.

No DN

Diario de Noticias

VITACOLA

75250 CONTOS

CASA DA SORTE

VIOLENTOS COMBATES NO GOLÃ PARA A POSSE DOS MONTES HERMON

• AS NOVAS PROPOSTAS SÍRIAS FORAM APRESENTADAS A ISRAEL POR KISSINGER

O CARRO ROUBADO CAIU NA RIBEIRA

DALI RESPONDE AO JORNALISTA:

ENGANAM-SE A ELES PRÓPRIOS OS QUE FAZEM DO SEU PRAZER EGOÍSTA O SUPREMO OBJECTIVO DA EXISTÊNCIA

—AFIRMOU PAULO VI NA SUA MENSAGEM PASCAL

BATALHA Violentos combates foram levados a cabo no Golã, pela posse dos Montes Hermon. Nos Estados Unidos, Henry Kissinger recebia uma delegação síria e apresentava as propostas desta a Israel. Em Odivelas, na Grande Lisboa, um carro roubado caiu a uma ribeira.

Violência aumenta entre Israel e a Síria

TEXTO **ISABEL LARANJO**

As relações entre Israel e os países vizinhos continuava tensa e atingiu um pico de violência. *Violentos combates no Golã para a posse dos Montes Hermon: as novas propostas sírias foram apresentadas a Israel por Kissinger*, titulava o DN.

"Travaram-se hoje na frente do Golã os combates mais renhidos registados desde a Guerra de Outubro, que os observadores qualificados veem como uma batalha decisiva pela posse do estratégico Monte Hermon", lia-se no jornal. "Um porta-voz militar sírio anunciou que mais quatro jatos israelitas foram hoje abatidos, a juntar aos três destruídos ontem. Acrescentou que a Síria sofreu 12 mortos e oito feridos nos recontros que alastraram a toda a extensão da frente e em que teriam sido mortos ou feridos 50 israelitas."

Perante o clima de grande crispação, que se arrastava no tempo, havia conversações em Washington, nos Estados Unidos. "O recrudescimento dos combates, após 34 dias de recontros contínuos nos Montes Golã, coincidem com as conversações de Washington entre o secretário de Estado americano, Henry Kissinger, e uma delegação síria para a separação das forças na frente israelo-síria", escrevia ainda o DN. "O secretário de Estado americano comunicou hoje a Israel as propostas sírias."

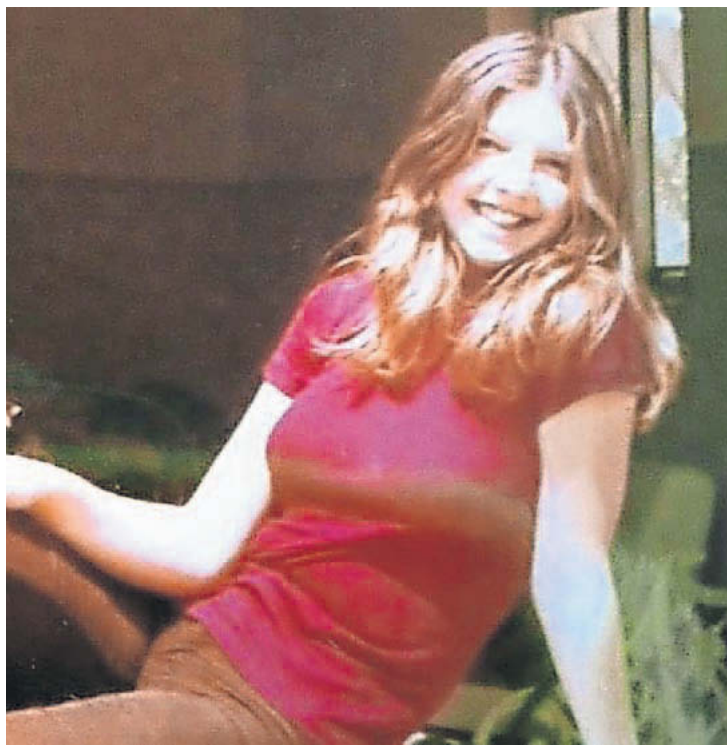
Grande destaque era dado à mensagem pascal de Paulo VI. *Enganam-se a eles próprios os que fazem do seu prazer egoísta o supremo objetivo da existência – afirmou Paulo VI na sua mensagem pascal*, titulava o DN. A encimar a notícia, uma grande fotografia do Sumo Pontífice que, da varanda principal da Basílica de S. Pedro, procedia à bênção dos milhares de católicos que ali ocorreram, por ocasião da Semana Santa.

Em França, a campanha eleitoral continuava, mas o apelo a um único candidato, feito pelo primeiro-ministro e vários ministros, não surtiu efeito. *As eleições francesas: Não se afigura viável o novo apelo gaulista a favor de um candidato único das direitas*, titulava o jornal.

Da Holanda chegava uma notícia de ciência e inovação. *Podem fazer-se eletrocardiogramas por telefone*. A notícia explicava como tudo se processava, entre o domicílio do doente e o hospital.

Em Odivelas, um carro roubado caiu a uma ribeira. Os cinco ocupantes foram todos descobertos pela polícia.

Onde eu estava

Rita Ferro nasceu em Lisboa em 1955. Estudou Design de Interiores no IADE. É escritora.

Em 1974 tinha 19 anos. Um ano depois casar-me-ia e dois anos depois teria a minha filha mais velha. Talvez pela associação imediata do meu avô, António Ferro, à ditadura, não se discutia política em casa. Salazar não se portara bem nem com ele, em cujo enterro não esteve presente, nem com o meu pai, António Quadros, escritor e filósofo, que lhe pediu audiência para discutir a precariedade financeira da minha avó poetisa, Fernanda de Castro, que acabara de enviuvar e de quem se dizia amigo, e não o recebeu.

Eu era, nessa altura, uma miúda alegre e demasiado esperançada no futuro, tão esperançada que a vida ficou sempre aquém das minhas expectativas. Quedava-me acordada até altas horas, imaginando o que seria a minha vida quando, enfim, me libertasse da vigilância dos meus pais. Namorei o que pude, a pulso.

Éramos três irmãos. A minha mãe tivera outros três, no princípio de vida, que não vingaram. Nasciam, eram baptizados e morriam. Depois de os enterrar um a um em pequenas urnas brancas, ficou afectada para sempre, não deixando de ser, no entanto, uma mulher extraordinária, corajosa e divertida. O meu pai, baptizado, mas não religioso, foi a Fátima a pé para pedir a Deus um filho com saúde. Quando, finalmente, o meu irmão nasceu e sobreviveu, a alegria foi indescritível.

Depois dele chegaram a minha irmã e eu, com 11 meses de diferença. O meu pai, com as filhas, era do século XIX. Não podíamos nada. Apesar de ter um salário alto para a média, na Fundação Gulbenkian como director das Bibliotecas Itinerantes, e de termos pessoal doméstico suficiente para a minha mãe jamais se cansar ou enervar, cansou-se e enervou-se o resto da vida. Em casa não se encorajavam luxos nem tagatés.

"Eu era nessa altura uma miúda alegre e demasiado esperançada no futuro, tão esperançada que a vida ficou sempre aquém das minhas expectativas."

Tudo o que tínhamos era negociado, dependendo do comportamento em casa ou nos colégios. O "porta-te bem para ires para o céu" aterrorizou a minha infância e o "Deus está em toda a parte" incomodava-me como uma devassa na minha infância passada em colégios religiosos.

Em Portugal nada acontecia, para além da Guerra de África, de cujas notícias nos privavam, mas soube que uma tia próxima teve, concomitantemente, três filhos na guerra. Lembro-me das cheias de 67, quando a minha mãe nos recrutou para ajudar no terreno – tinha 12 anos – e de um fogo de grandes proporções que, ainda nos Anos 60, deflagrou na casa da minha avó Fernanda, já viúva, e que consumiu parte do seu espólio precioso.

Quando 74 aconteceu, o meu irmão, também António e carregando o apelido do avô, estava na tropa. Mandaram-no prender "fascistas". À frente do SNI, o busto do meu avô foi encapuzado.

Fui eu a dar a notícia, em primeira mão, do que acontecia no Carmo, pois voltava do Chiado. Cheguei a casa nervosa, mas sem a noção de como aquilo mudaria para sempre as nossas vidas. "Pai, prenderam o Marcello!" Como resultado, deu-me um sopapo na cara, por me ter achado histérica e totalmente inconsciente do que afectaria a família.

Foi logo, dias depois, que comecei a experimentar o sentimento da incriminação por sangue que nos atingiu a todos. Até lá, todos elogiavam o meu avô e eu tinha vaidade no meu nome.

António Ferro morreu um ano depois de eu nascer, e, apesar de consanguíneos, os netos tiveram menos sorte do que os amigos: só já lhes chegou o eco da sua energia, os testemunhos da sua obra tão vasta, a ressonância do seu poder encantatório, a evocação entusiasta dos admiradores e o ódio dos adversários.

Salvou-nos o bom senso. Em 1999, publiquei com a minha irmã o livro *Retrato de uma Família*, e, em 2016, por minha conta, a biografia *António Ferro, um homem por amar*. Pude confirmar o que a minha mãe, sua nora, dizia dele: além de ter feito o que fez por Portugal, era o melhor coração que conhecera na vida. Depois, a descendência lá soube separar as boas das más lições e aderir espontaneamente à democracia, aturando, com paciência, os seus sofismas: toda a direita é sinistra, toda a esquerda é benévola.

Depoimento recolhido por Alexandra Tavares-Teles

GUERRA

Escalada de violência no Médio Oriente está nas mãos de Israel

ATAQUE Irão lançou o o seu primeiro ataque direto contra o solo israelita, mas 99% dos *drones* e mísseis foram neutralizados. Telavive ainda não decidiu a sua resposta, mas já teve a garantia de que os Estados Unidos ficarão de fora. Comunidade internacional pede contenção.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Sinais de *rockets* no céu acima do complexo da Mesquita Al-Aqsa, em Jerusalém.

AFP

É quase certo que Israel retaliará em algum momento contra o ataque sem precedentes de *drones* e mísseis do Irão, mas a questão é como e quando. Vários ministros israelitas apelaram este domingo a uma resposta firme ao ataque iraniano de sábado à noite, que membros da coligação governamental, radicais e ultranacionalistas, consideram ser uma oportunidade para "moldar o Médio Oriente". "Perante a ameaça do Irão, construiremos uma coligação regional e garantiremos que o Irão pague o preço da forma certa e no momento certo para nós", afirmou Benny Gantz, membro do Gabinete de Guerra israelita, líder do partido da oposição Unidade Nacional e principal adversário político do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu.

O Gabinete de Guerra israelita – composto pelo primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, o ministro da Defesa do país, Yoav Gallant, e Gantz – iniciou uma reunião às 13.30 (hora de Lisboa) para discutir uma resposta ao ataque. Mas, à hora de fecho desta edição, ainda não havia novidades.

Uma certeza Netanyahu, Gallant e Gantz tinham durante esta reunião: os Estados Unidos, o maior aliado de Israel, já tinham deixado claro que não participarão em qualquer ação de retaliação israelita contra o Irão. "Não faremos parte de qualquer resposta que pretendam dar", disse um alto responsável norte-americano sob condição de anonimato. E reforçou: "Não nos vemos a participar num tal ato."

Apesar de Joe Biden ter manifestado publicamente o seu "apoio férreo" a Israel contra o Irão após o ataque de Teerão, o presidente dos Estados Unidos disse, numa conversa telefónica com Benjamin Netanyahu, que se oporia a um contra-ataque israelita que o primeiro-ministro deveria "aproveitar a vitória", segundo noticiou o Axios.

O Irão lançou seu primeiro ataque direto ao território israelita na noite de sábado, em retaliação ao ataque ao consulado de Teerão em Damasco, a capital da Síria, no passado dia 1, e no qual morreram sete elementos da Guarda Revolucionária, incluindo dois generais.

> "Perante a ameaça do Irão, construiremos uma coligação regional e garantiremos que o Irão pague o preço da forma certa e no momento certo para nós", afirmou Benny Gantz.

Israel anunciou que 99% dos mísseis e *drones* lançados por Teerão foram neutralizados, mas a verdade é que os analistas apontam que o Irão procurou deliberadamente manter a intensidade do ataque abaixo de um limiar presumido para a inevitável retaliação israelita.

"Acho que os iranianos levaram em consideração o facto de que Israel tem um sistema antimíssil multicamadas muito, muito forte e provavelmente levaram em consideração que não haverá muitas baixas", adiantou Sima Shine, antiga diretora da Divisão de Investigação e Avaliação da Mossad e atual líder do Programa do Irão no *think tank* israelita Instituto de Estudos de Segurança Nacional (INSS).

Julien Barnes-Dacey, diretor do Programa para o Médio Oriente no Conselho Europeu de Relações Externas, escreveu no X que a exibição "fraca" dos *drones* do Irão pretendia sinalizar que Teerão queria "evitar uma guerra mais ampla".

O próprio Irão, através do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, disse ter anunciado antecipadamente, incluindo aos Estados Unidos, a realização do ataque, que classificou como "limitado e

mínimo" e que visava "punir o regime israelita".

Com este esperado ataque do Irão, Israel conseguiu recuperar o apoio internacional que vinha a perder com a sua ofensiva em Gaza e a situação dramática em termos humanitários em que se encontram os palestinianos. Telavive obteve o apoio total do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, que anunciou que as forças norte-americanas contribuíram para a frustração quase completa do ataque iraniano de mísseis e *drones*. E vários países intercetaram projéteis que sobrevoavam as suas bases ou territórios no Médio Oriente durante o ataque – o Reino Unido, que tem uma importante base militar em Chipre, a Jordânia, onde objetos voadores penetraram no seu espaço aéreo, e a França, que mobilizou defesas aéreas em torno das suas bases militares regionais.

Já os aliados regionais do Irão – o Hezbollah no Líbano e os rebeldes *Houthi* no Iémen – dispararam bombas e enviaram *drones* na direção de Israel durante o ataque iraniano.

Mas este apoio a Israel pode estar condicionado pela resposta que o Governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, nomeadamente por parte dos Estados Unidos. Mas não só: ontem, numa conversa telefónica com Joe Biden, o rei Abdullah da Jordânia – um dos países que fica entre Israel e o Irão – garantiu que "não será uma arena para uma guerra regional" e que qualquer "escalada por parte de Israel apenas alargaria o círculo de conflito".

"A bola está agora no campo de Israel e a resposta aos acontecimentos da noite passada determinará se estamos a caminhar para uma escalada grave ou se estamos a pôr fim ao ciclo atual. Israel pode contentar-se com a taxa de interceção sem precedentes, com a cooperação extraordinária com os Estados Unidos e o Reino Unido num quadro de coligação e, acima de tudo, com o facto de os danos causados pelo ataque iraniano terem sido mínimos", defendia ontem Danny Citrinowicz, investigador do Programa do Irão do INSS.

" Israel pode responder de forma limitada, especialmente quando parece que os americanos não apoiam um contra-ataque israelita. Ao mesmo tempo, este é um acontecimento sem precedentes que pode justificar uma resposta severa, a fim de evitar tais acontecimentos no futuro e traçar um limite para o Irão, para que este não volte a repetir uma resposta semelhante. No entanto, qualquer ataque ao Irão aumenta significativamente a probabilidade de um conflito regional, estendendo-se para além de um simples cenário de Israel *versus* Irão. Por conseguinte, seria aconselhável coordenar qualquer resposta com a Administração dos EUA", prosseguiu o investigador.

Os países do G7 "condenaram veementemente" o ataque a Israel e advertiram o Irão de que "tomarão novas medidas" se este continuar com "iniciativas desestabilizadoras".

G7 não esquecem Gaza

O dia de ontem foi marcado por uma onda de condenação quase geral (exceção feita aos aliados de Teerão) ao ataque do Irão, mas também por pedidos de contenção para evitar uma potencial escalada de violência no Médio Oriente. A União Europeia afirmou que uma nova escalada de tensão no Médio Oriente "é do interesse de ninguém" e instou as partes envolvidas no conflito, Israel e Irão, a "agirem com a máxima contenção" depois de ataque iraniano.

Numa declaração escrita em nome da União Europeia, o chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell, reiterou "o seu compromisso para com a segurança de Israel" e garantiu que Bruxelas "continua comprometida em contribuir para a segurança da região e está em contacto próximo com todos os lados". Borrell convocou para amanhã uma reunião de emergência dos ministros dos Negócios Estrangeiros para UE para discutir este tema, encontro que será realizado através de videoconferência.

Já a presidente da Comissão Europeia disse ontem que a União Europeia vai discutir novas sanções contra o Irão para conter os programas de *drones* e mísseis deste país. "Em estreita cooperação com os nossos parceiros, iremos refletir sobre sanções adicionais contra o Irão, visando em particular os seus programas de drones e mísseis", afirmou Ursula von der Leyen, depois de ter participado na reunião por videoconferência com os líderes do G7.

Os países do G7 "condenaram veementemente" o ataque iraniano a Israel e advertiram o Irão de que "tomarão novas medidas" se este continuar com "iniciativas desestabilizadoras" no Médio Oriente, após uma reunião por videoconferência.

Numa declaração conjunta, os dirigentes da Itália, Alemanha, Reino Unido, Estados Unidos, Japão, Alemanha e Canadá, para além dos da União Europeia, afirmaram que, "com as suas ações, o Irão deu mais um passo no sentido da desestabilização da região e arrisca-se a provocar uma escalada regional incontrolável". "Esta situação deve ser evitada", defenderam na reunião presidida pela primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni.

A situação em Gaza não foi esquecida pelo grupo dos sete países, que se comprometeu a reforçar a sua cooperação "para pôr termo à crise em Gaza, nomeadamente continuando a trabalhar para um cessar-fogo imediato e sustentável e para a libertação dos reféns do Hamas, e prestando uma maior assistência humanitária aos palestinianos necessitados".

O secretário-geral da ONU condenou igualmente "a grave escalada" representada pelo ataque do Irão a Israel e apelou a "uma cessação imediata destas hostilidades", sublinhando estar "profundamente alarmado com o perigo muito real de uma escalada devastadora em toda a região". António Guterres exortou ainda "todas as partes a exercerem a máxima contenção, a fim de evitar qualquer ação que possa levar a grandes confrontos militares em várias frentes no Médio Oriente".

O Governo do Qatar, um dos países que tem mediado as negociações entre Telavive e o Hamas, manifestou "profunda preocupação" com a situação no Médio Oriente na sequência dos ataques do Irão contra Israel e apelou a todas as partes para que "promovam a calma", "exerçam a máxima contenção" e "ponham termo" à escalada.

Outro dos mediadores, o Egito, através do Ministério dos Negócios Estrangeiros, apelou à "máxima contenção" e alertou para o "risco de expansão regional do conflito".

Na mesma linha, o presidente iraquiano apelou a uma "redução das tensões" no Médio Oriente, ao mesmo tempo que pediu que o conflito não se "alastre". Abdel Latif Rachid sublinhou também "a necessidade de pôr termo à agressão contra a Faixa de Gaza e de encontrar uma solução para a questão palestiniana, uma vez que se trata de um elemento fundamental para a estabilidade da região".

De Moscovo veio também um apelo a "todas as partes envolvidas" para a "contenção", de forma a "evitar uma escalada perigosa". "Contamos com os Estados da região para encontrar uma solução para os problemas existentes, através de meios políticos e diplomáticos", acrescentou a diplomacia russa. "Calma e contenção" foi o que pediu também a China, mostrando uma "profunda preocupação" com a atual escalada da situação" na região.

ana.meireles@dn.pt

320

Ataque O Irão usou no seu ataque 30 mísseis de cruzeiro (nenhum atingiu Israel), 120 mísseis balísticos (10 entraram em Israel) e 170 *drones* (nenhum entrou em território israelita).

99%

Interceção De acordo com as Forças de Defesa de Israel, 99% do ataque do Irão foi intercetado, num esforço concertado entre Israel, Estados Unidos, Reino Unido, França e Jordânia.

1

Alvo Os militares israelitas avançaram que "foi identificado um pequeno número de ataques" e na Base de Nevatim, localizada no sul de Israel, "ocorreram pequenos danos na infraestrutura".

32

Feridos ou afetados Há o registo de 32 israelitas que receberam tratamento hospitalar por ferimentos ou ansiedade. O caso mais preocupante é o de uma menina de 7 anos, ferida com gravidade.

720

Locais de alerta Foram ouvidas explosões em cidades como Telavive ou Jerusalém. As sirenes antiaéreas foram acionadas em mais de 720 localidades enquanto Israel tentava neutralizar o ataque.

Opinião

RAÚL M. BRAGA PIRES
Politólogo/Arabista

A "desescalada" da guerra, num olhar argelino!

Foi madrugada animada a de 14 [de Abril], a propósito do "enxame de *zangões*" (já agora "*drone*" significa "zangão" em inglês) que cruzava os céus do Médio Oriente a caminho de Israel. O *Day After* foi farto de opiniões e análises, tanto durante a Missa, como nas redes sociais, com o espectro da guerra total a pairar sobre a cabeça de todos/as.

Encontrámos uma "agulha neste palheiro de unanimidade", que vale a pena realçar, já que inverte a lógica dos 99%. Akram Kharief, trata-se do especialista argelino em Defesa e Segurança, autor/animador do *site* Menadefense, cuja leitura deste fim-de-semana é a seguinte:

"Como previsto este ataque foi endossado ao Comando da Guarda Revolucionária Islâmica, significando isto que seria sempre um ataque limitado, já que são uma unidade separada do Exército;

O objectivo da Guarda Revolucionária foi atacar as bases aéreas de onde partiram os aparelhos israelitas para o ataque na Síria (Consulado iraniano);

Outro objectivo, é aquilo a que chamamos de prova de conceito; Ou seja, provar que é possível e mesmo fácil e barato, ultrapassar diferentes camadas de defesa aérea israelita, em Israel e fora;

Por fim, os *Pasdarans*, os Guardas Revolucionários, lideram uma batalha psicológica contra os seus inimigos (israelitas, ocidentais e árabes), provando que os mesmos que são incapazes de fazer pressão militar sobre Israel para cessar o ataque a Gaza, foram os primeiros a colocarem-se em linha para a defesa de Israel, a propósito deste ataque;

Dito e visto isto, não creio que os israelitas vão responder, ou fá-lo-ão de uma forma limitada e simbólica, considerando que poderemos entrar numa fase de desescalada e não o contrário. O Irão provou que conta!"

www.maghreb-machrek.pt

Escreve ao abrigo da antiga ortografia.

Portugal antecipa cenários sobre o conflito no Médio Oriente

ESTRATÉGIA Marcelo Rebelo de Sousa reúne Conselho de Defesa amanhã para avaliar a situação e o Governo garante que está a seguir todas as medidas para retirar de Israel e do Irão os turistas portugueses que estão a tentar deixar qualquer um dos dois países. Aperta-se o cerco a um conflito cada vez mais próximo que dura há seis meses.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

O conflito no Médio Oriente, que se agravou com o ataque do Hamas – o grupo palestiniano que controla a Faixa de Gaza desde 2007 – a Israel no dia 7 de Outubro do ano passado, obrigou este fim de semana a que Portugal assumisse várias posições face ao cenário de guerra, incluindo uma reunião do Conselho de Segurança convocada para amanhã pelo Presidente da República. Para já, o Governo garante estar a fazer tudo para retirar tanto do Irão, como de Israel todos os portugueses que assim o desejem.

A nível internacional, a União Europeia (UE), também para amanhã, já anunciou que vai convocar uma reunião urgente com os chefes da diplomacia de cada Estado-membro. O anúncio foi feito ontem pelo Alto-Representante da UE para os Negócios Estrangeiros, Josep Borrell, com o objetivo de evitar a "desescalada" do conflito.

Tudo isto surge na sequência do ataque com *drones* feito pelo Irão contra Israel no sábado à noite, e que representa mais um degrau subido na longa escadaria que tem sido o conflito entre Israel e o Hamas. Como reação, a comunidade internacional condenou todos os ataques.

Por parte de Teerão, o presidente iraniano, Ebrahim Raisi, classificou o ocorrido neste fim de semana como uma ação de "legítima defesa" contra o "regime sionista" que se tem representado uma oposição aos "interesses iranianos".

Portugueses no conflito

No que diz respeito à resposta do Governo português aos turistas que se encontram tanto em Israel, como no Irão, há a garantia de que todos os esforços estão a ser feitos para que tudo decorra com normalidade, de acordo com o que o DN apurou junto do secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Cesário.

Entre a meia centena de portugueses que no sábado se encontravam no Irão e que pretendem regressar a Portugal, "há um pequeno grupo" que já deixou Teerão por via terrestre, de autocarro, confirmou o governante. "Serão oito a dez e demoram 58 horas de Teerão até à Turquia", garantiu José Cesário, acrescentando que saíram da capital iraniana no sábado à noite. "Sei que pernoitaram esta noite em viagem, e vão continuar provavelmente até amanhã, se calhar à noite", esclareceu.

Em relação aos restantes, "a maior parte deles, que são uns 35, esses estão em Teerão ainda. São pessoas mais velhas, não quiseram fazer a viagem de autocarro por terra. E, portanto, esses estão a aguardar por um voo que os deverá trazer hoje diretamente para Lisboa", acrescentou.

"Quanto a Israel, temos também alguns turistas, 13, tanto quanto foi referido", adiantou o secretário de Estado, explicando que este número pode sofrer atualizações. Só há uma certeza: estão "a tratar do regresso através de voos comerciais", destacou José Cesário.

Neste momento o Estado português está em "contacto com as autoridades do país local, neste caso de Israel, para saber se podemos fazer aterrar uma aeronave no respetivo espaço aéreo", sustenta José Cesário, adiantando que é preciso "articular essa ação com os países parceiros da União Europeia. Isso é o que se faz sempre. Há contactos regulares e permanentes entre as autoridades diplomáticas dos diversos países da União, e, portanto, muitas vezes o que acontece é que vai um avião de uma determinada nacionalidade e que traz pessoas, dependendo da nacionalidade. Depois, a terceira questão é evidente, é ter os meios mobilizados. Nós já temos os meios mobilizados, pelo menos para uma primeira necessidade, e aguardamos que seja necessário buscar as pessoas. Para já, importa é realçar este aspeto: há condições de relativa normalidade para as pessoas poderem sair", assegura José Cesário.

"Oportunamente, vamos avaliar de acordo com a evolução das coisas, de acordo com as circunstâncias. Vamos avaliar se é preciso mandar de facto um voo, que estará a ser chamado um voo militar, em princípio, para trazer as pessoas.

Pedro Nuno Santos, o líder do PS, e Luís Montenegro, primeiro-ministro, não se afastam ideologicamente no que diz respeito ao conflito no Médio Oriente.

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

> "Há um pequeno grupo", de oito a dez portugueses, que já deixou Teerão por via terrestre, confirmou José Cesário. "Demoram 58 horas de Teerão até à Turquia."

A posição consequente

O Governo, que assumiu os destinos do país há duas semanas, no programa que na semana passada foi debatido na Assembleia da República assumiu uma posição muito clara sobre este conflito: "Portugal lutará pela adoção da solução dos dois Estados", Israel e Palestina.

No entanto, o Executivo de Luís Montenegro, nesta missiva, optou por destacar também que o objetivo é reconhecer "a Israel o direito à legítima defesa contra o terrorismo, reclamando a libertação de todos os reféns e advogando o estrito respeito pelas regras de Direito Humanitário Internacional, defendendo um cessar-fogo que faculte a ajuda humanitária e o estabelecimento de negociações com vista a uma paz duradoura, que passará pela autodeterminação do povo palestiniano".

Se há dúvidas sobre possíveis entendimentos entre o Governo e o PS em várias matérias, desde política fiscal até à habitação, no que diz respeito a defesa nacional parece que há margem para negociações mais fáceis.

"No caso do conflito do Médio Oriente, defender intransigentemente a solução de dois Estados e contribuir no quadro das instituições internacionais, para a promoção de uma paz justa e estável através da convivência de um Estado palestiniano e de um Estado israelita", propôs o PS no programa eleitoral, acrescentando que "Portugal deverá combater sem tibieza, no plano interno e externo, todas as manifestações de antissemitismo e de islamofobia, que se têm manifestado de forma recrudescente, em parte devido ao conflito no Médio Oriente".

vitor.cordeiro@dn.pt

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Maria João Tomás
“O regime do xá Reza Pahlavi era pró-Israel e pró-Estados Unidos”

HISTÓRIA Especialista em Magrebe e Médio Oriente, a professora do ISCTE Maria João Tomás analisa a inimizade entre o Irão depois da Revolução Islâmica de 1979 e Israel.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

A rivalidade Irão-Israel nasce com a Revolução Islâmica de 1979?
Sim, porque o regime do xá Reza Pahlavi, que Khomeini depôs com a Revolução Islâmica de 1979, era pró-Israel e pró-Estados Unidos. A maioria da população iraniana na época não se revia nas políticas pró-ocidentais da Dinastia Pahlavi, muito alinhadas com os valores ocidentais e laicos, e demasiado afastadas dos princípios tradicionais islâmicos xiitas. A maioria da população também se sentia à margem das reformas económicas, que só favoreciam as elites mais ligadas à monarquia. O afastamento de Israel, e dos valores ocidentais, intensificou-se com a Revolução Islâmica de 1979, continuando a ser muito popular ainda hoje, pelo menos para uma parte da população.

É importante a causa palestiniana para o regime dos *ayatollahs*?
Sim, pela oposição a Israel. Em 1979 o Irão corta relações diplomáticas com Israel e deixa de o reconhecer como Estado.

Israel várias vezes atacou interesses iranianos na Síria. Mais para prevenir ameaças futuras ao seu território do que para prejudicar o Governo de Bashar al-Assad, apoiado militarmente pelo Irão na guerra civil síria?
O regime de Assad só existe graças à intervenção do Irão e da Rússia, que ajudaram Bashar al-Assad a vencer a guerra. Os ataques de Israel contra alvos cirúrgicos na Síria são contra o regime do presidente Assad, mas também contra aqueles que lhe dão apoio, como é o caso do Irão.

Israel é dado como potência nuclear e o Irão como ambicionando essa condição. Como pode tal afetar o conflito?
Quando duas potências que podem ter armas nucleares se antagonizam, a cautela é a palavra de ordem, porque a utilização de armas nucleares por qualquer uma das partes tem consequências imprevisíveis!

Numa guerra aberta com o Irão, Israel terá sempre apoio incondicional americano?
Israel terá sempre o apoio incondicional dos Estados Unidos, assim como o atual regime do Irão o apoio incondicional da Rússia!

> *“Israel terá sempre o apoio incondicional dos Estados Unidos, assim como o atual regime do Irão o apoio incondicional da Rússia!”*
>
> ***Maria João Tomás***
> *Professora no ISCTE*

Seis meses da história de um longo conflito

CRONOLOGIA **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

7 DE OUTUBRO DE 2023
Israel sofre um ataque do Hamas, o grupo palestiniano que controla Gaza, na Palestina, desde 2007. De acordo com dados israelitas, morreram cerca de 1200 pessoas e 250, incluindo os corpos de algumas das pessoas mortas, são levados para Gaza.

9 DE OUTUBRO DE 2023
O ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant, declara um cerco em torno de Gaza, onde moram mais de dois milhões de palestinianos. “Nenhuma eletricidade, comida ou combustível” serão permitidos.

12 DE OUTUBRO DE 2023
Israel dá um prazo de 24 horas para que os civis que moram no norte de Gaza evacuem a zona em direção ao sul.

21 DE OUTUBRO DE 2023
A travessia de Rafah é reaberta pelo Egito, que no momento é a única saída ou entrada de Gaza que não está sob controlo israelita.

24 DE OUTUBRO DE 2023
O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, perante o Conselho de Segurança da ONU, diz que os ataques do Hamas “não aconteceram do vácuo”, relembrando que o povo palestiniano “é sujeito a uma ocupação sufocante há 56 anos”. O embaixador de Israel na ONU Gilad Erdan, reage a estas declarações e pede que Guterres renuncie ao cargo. O secretário-geral acaba por justificar as declarações, mas mantém-se sempre ao lado do reconhecimento de um Estado palestiniano.

31 DE OUTUBRO DE 2023
Um ataque de Israel ao campo de refugiados de Jabalya, no norte de Gaza, mata mais de 110 pessoas e fere centenas.

6 DE NOVEMBRO DE 2023
De acordo com o Ministério da Saúde de Gaza, o número de mortos na região ultrapassa os 10 mil.

19 DE NOVEMBRO DE 2023
Rebeldes xiitas do Iémen, os *houthis*, apoiados pelo Irão, atacam o navio *Galaxy Leader*. Este é o primeiro de vários ataques na zona.

24 DE NOVEMBRO DE 2023
Israel e Hamas acordam um cessar-fogo e trocam reféns de ambos os lados.

22 DE DEZEMBRO DE 2023
O número de mortos, de acordo com o Ministério da Saúde de Gaza, atinge a marca de 20 mil.

11 DE JANEIRO DE 2024
A África do Sul apresenta ao Tribunal Internacional de Justiça um caso de genocídio contra Israel. As alegações sul-africanas são contestadas tanto por Israel como pelos Estados Unidos.

15 DE JANEIRO DE 2024
O Irão dispara mísseis contra um local no Iraque, que alega ser de espionagem israelita.

26 DE JANEIRO DE 2024
O Tribunal Internacional de Justiça ordena a Israel que tome todas as ações necessárias para que haja comida para os civis em Gaza.

23 DE FEVEREIRO DE 2024
Benjamin Netanyahu apresenta ao Governo um plano para o período pós-guerra em Gaza que passa por manter operações militares.

1 DE ABRIL DE 2024
O movimento islamista Hamas pede, pela primeira vez, desculpa à população de Gaza pelo sofrimento causado pelo conflito.

13 DE ABRIL DE 2024
O embaixador de Portugal no Irão, anuncia que vai reunir-se com o chefe da diplomacia iraniana, a propósito da captura de um navio com pavilhão português. O presidente dos Estados Unidos (EUA), Joe Biden, pede a Teerão que não avance com o ataque que anunciou. A Casa Branca avisa que vai ajudar Israel com a defesa contra o ataque do Irão com *drones*. Irão apela aos EUA que fiquem de fora. Irão avança com o ataque, que é repelido por Israel. União Europeia anuncia uma reunião com os chefes da diplomacia de cada Estado-membro para dia 16 de abril. Portugal, nesse dia, vai reunir o Conselho de Defesa, convocado por Marcelo Rebelo de Sousa.

ISRAEL ARMY / AFP

A 24 de novembro do ano passado, Israel e Hamas trocaram prisioneiros por reféns, durante um cessar-fogo.

AFP

Algumas crianças conseguiram sair da Faixa de Gaza para o Egito através da travessia de Rafah, reaberta a 21 de outubro de 2023.

Do *lobby* às *offshore*: ministra da Justiça começa a ouvir partidos sobre a corrupção

MEDIDAS As reuniões devem durar dois meses, segundo anunciou o Governo. No final, haverá um conjunto de propostas prontas a serem aplicadas. O tema é uma prioridade e une todos, da esquerda à direita.

Até ser eleita, Rita Júdice (*à esq.*) não tinha qualquer experiência política. À sua direita, a ministra da Cultura, Dalila Rodrigues.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Uma missão: auscultar "todos os partidos" com assento parlamentar para reunir um conjunto de propostas. E uma protagonista: Rita Júdice, 50 anos, ministra da Justiça.

O anúncio foi feito pelo primeiro-ministro, no dia da tomada de posse (2 de abril), durante o seu discurso. Dizendo que "o combate tem de ser nacional" e "mobilizar todos". Dizia Luís Montenegro na sua intervenção: "Importa reconhecer que há propostas apresentadas pelos vários partidos parlamentares que merecem ser igualmente estudadas, discutidas e consideradas. Ninguém tem o monopólio das melhores soluções. O contributo de todos é essencial."

Estava dado o primeiro passo por parte do Governo para incluir propostas de outros nas suas – algo que acabou por fazer no Programa do Executivo, integrando seis dezenas de medidas da oposição.

Dias depois, aquando da apresentação do Programa do Governo, o ministro da Presidência anunciava que a intenção é aprovar "um pacote de medidas que seja ambicioso, eficaz e consensual" para poder combater a corrupção. "O objetivo é ter, no prazo de dois meses, uma síntese de propostas, medidas e iniciativas que seja possível acordar e consensualizar, depois de devidamente testada a sua consistência, credibilidade e exequibilidade". E reiterou o que Montenegro já dissera: "Ninguém tem o monopólio das melhores soluções." E, a partir dessa junção de medidas, a intenção do Governo, dizia o primeiro-ministro na tomada de posse, é "partir para a aprovação das respetivas leis", sejam elas de iniciativa própria ou do Parlamento.

A promessa deixada por António Leitão Amaro foi que, logo após a investidura do Executivo, a ministra da Justiça comece a abordar os partidos para a marcação de reuniões, algo que deverá acontecer já a partir desta semana.

O combate à corrupção é uma prioridade transversal a todos os partidos, algo que está plasmado nos programas eleitorais, da esquerda à direita.

> Há várias referências ao tema no Programa do Governo. Segundo o primeiro-ministro, o "contributo de todos é essencial".

Regulamentar o *lobby* é tema de consenso

Numa Legislatura que se adivinha difícil, o diálogo será a chave para Montenegro e os seus ministros conseguirem aprovar diplomas. O próprio primeiro-ministro já o assumiu em diferentes ocasiões, o Presidente da República também já aconselhou ao diálogo entre Governo e oposição.

E, à primeira vista, há uma matéria que todos (ainda que com diferentes formulações) incluem nas suas listas: a regulamentação do *lobby* (prática que consiste em pressões feitas por um determinado grupo ou indivíduo a favor dos seus interesses, geralmente associada a crimes de corrupção e tráfico de influência).

O tema já esteve na agenda parlamentar, antes. Mas, por este ou por aquele motivo, nunca chegou a ser legislado. Antes da dissolução da Assembleia da República, o assunto voltou à mesa de discussões e houve, até, projetos do PS, PSD, IL e PAN a ser aprovados (com votações diferentes). Seguiram para a discussão na especialidade, mas com a queda do Governo (e, depois, com a dissolução do Parlamento), o tema voltou a ser deixado de parte.

Entretanto, nos primeiros dias de trabalho da atual Legislatura, o PCP já anunciou medidas que, previsivelmente, levará para as reuniões com a ministra. Na passada quarta-feira, o deputado António Filipe anunciou que o partido propôs que seja imposta uma proibição a transferências para empresas *offshore* que não cooperem com autoridades nacionais. Além disso, o partido propôs também que seja aumentado para cinco anos o chamado "período de nojo", impedindo, durante cinco anos, que os políticos assumam funções em empresas que tenham tutelado.

"Vale de pouco" falar-se sobre o tema, se depois "se permite que centenas de milhões de euros sejam perdidos pelo fisco em manobras de ocultação de proventos por via do recurso a paraísos fiscais", atirou, sugerindo também que, além de definir quais os países ou regiões que não cooperem com as autoridades portuguesas, o Estado aplique uma taxa de 35% para transações "que sejam feitas para paraísos fiscais".

Os comunistas querem, ainda, proibir o Estado de "recorrer à arbi-

Quem é a nova ministra da Justiça?

Rita Júdice, 50 anos, é advogada. A nova responsável pela pasta da Justiça exerceu durante 25 anos no escritório do pai, a PLMJ, de onde saiu no ano passado. Eleita pela primeira vez deputada nas últimas eleições, a agora ministra é especialista em Direito Imobiliário. Na PLMJ, foi, aliás, coordenadora desta área. E foi também responsável por acompanhar vários processos de Autorização de Residência para Atividade de Investimento em Portugal, os chamados *Vistos Gold*. Numa reportagem de 2014 do jornal espanhol *ABC*, Rita Júdice confirmava que a China era o principal país dos interessados neste regime. Numa entrevista ao *Diário Económico*, em 2010, queixava-se do sistema judicial, que dizia ser "um labirinto" que demovia "muitos clientes" de continuarem a investir no país. Chegou à política depois de ter sido convidada a colaborar com o Conselho Estratégico Nacional do partido. Na convenção feita pela AD, em janeiro deste ano, falou sobre pobreza, competitividade económica e habitação. A Justiça não foi abordada nesse discurso.

JOSÉ SENA GOULÃO / LUSA

tragem para diminuir litígios resultantes da contratação pública".

O que quer o Governo?
Ao longo das quase duas centenas de páginas do Programa do Governo, várias são as referências feitas à Justiça e ao combate à corrupção. A agenda governativa é definida como "ambiciosa, célere e idealmente consensual".

Entre as medidas propostas pelo Executivo está, naturalmente, a regulamentação do *lobby*. Mas não só. O Governo quer, entre outras, instituir a pegada legislativa dos seus diplomas (permitindo perceber cada etapa do processo legislativo); alargar o "período de nojo" para empresas privadas, relacionadas com a área de atuação dos ex-políticos (como propõe o PCP); reformar entidades como o Mecanismo Nacional Anticorrupção (MENAC) ou a Entidade da Transparência – algo que Luís de Sousa elogiou, em entrevista ao DN (*ver peça ao lado*).

Certo é que, no final destes dois meses de reuniões, o Governo já sabe que, sejam quais forem as medidas postas em prática, a associação cívica Transparência Internacional estará a monitorizá-las, como foi anunciado no início do mês.

rui.godinho@dn.pt

Portugal no *ranking* da corrupção

A Transparência Internacional divulga, todos os anos, o seu índice de perceção da corrupção a nível mundial. Feito com base num conjunto de análises de corrupção desenvolvidas por entidades independentes, o *ranking* avalia 180 países e vai de 0 a 100. Quanto mais alto for o valor, menos corrupto é um país. Eis a classificação dos cinco melhores, onde se posiciona Portugal e qual (ou quais) os que estão no fim da lista.

2019
Nova Zelândia, Dinamarca **(87)**
Finlândia **(86)**
Suécia, Singapura, Suíça **(85)**
Noruega **(84)**
Países Baixos **(82)**
...
Portugal (62)
Somália **(9)**

2020
Dinamarca, Nova Zelândia **(88)**
Finlândia, Singapura, Suécia, Suíça **(85)**
Noruega **(84)**
Países Baixos **(82)**
Luxemburgo, Alemanha **(80)**
...
Portugal (61)
Sudão do Sul, Somália **(12)**

2021
Dinamarca, Nova Zelândia, Finlândia **(88)**
Singapura, Suécia, Noruega **(85)**
Suíça **(84)**
Países Baixos **(82)**
Luxemburgo **(81)**
...
Portugal (62)
Sudão do Sul **(11)**

2022
Dinamarca **(90)**
Finlândia, Nova Zelândia **(87)**
Noruega **(84)**
Singapura, Suécia **(83)**
Suíça **(82)**
...
Portugal (62)
Somália **(12)**

2023
Dinamarca **(90)**
Finlândia **(87)**
Nova Zelândia **(85)**
Noruega **(84)**
Singapura **(83)**
...
Portugal (61)
Somália **(11)**

Luís de Sousa
"Não estamos perante um problema social, mas sim de valências"

ENTREVISTA Investigador no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa afirma que, além de combater, é também preciso repensar o modelo das instituições de fiscalização e controlo.

Na sua opinião, o que se pode fazer em termos de medidas de combate à corrupção?
Em primeiro lugar, é preciso entender que não estamos perante um problema de moralidade. Não estamos perante um problema social, de cariz organizacional, que tem a ver com culturas organizacionais ou com atitudes das pessoas em relação a este tipo de práticas e comportamentos. Isto é, se se condenam ou se se toleram. É um problema de valências. As pessoas, tal como no desemprego ou no combate à pobreza, querem menos disso. Querem menos corrupção, querem uma resposta política adequada que não as faça passar por esse tipo de situações, como solicitações de subornos. É preciso, também, desmistificar. Há outras formas de corrupção que nada têm a ver com o pagamento de subornos, mas sim com a promiscuidade entre pessoas que têm cargos de decisão ou politicamente expostos e os grupos económicos. Essa é que tem sido a corrupção que tem vindo a abalar a opinião pública nos últimos anos, sobretudo após a crise financeira, quando vieram à luz uma data de conluios e promiscuidades. Trouxeram um enorme prejuízo direto e indireto aos contribuintes. E é exatamente isso que se precisa perceber: que é um problema que requer uma política pública. Para a desenhar é também preciso pensar que o Governo fará a sua parte, que não se combate nem casuisticamente, nem pontualmente. É verdade que, de há uns anos para cá, os Governos têm vindo a incluir o tema do combate à corrupção nos seus programas, mas muito vagamente.

Como deve ser feito esse combate?
O combate, prevenção e repressão deve ser feito com base em três pilares: conhecimento; pensado de forma integrada, porque não há balas de prata para este problema; e, por fim, com inovação. Conhecimento, por um lado, porque há toda uma narrativa sobre a especialização na *Convenção das Nações Unidas de Combate à Corrupção*, especialização na prevenção, especialização na repressão, especialização até na educação, na investigação que se faz na Europa. De forma integrada porque estamos a falar de um sistema, ou de uma engrenagem com várias componentes. Não há um autor único. Temos de pensar com tudo aquilo que temos. E, por fim, com inovação porque é preciso uma reforma. O programa da AD – e gostei de ver isso – incluía uma proposta sobre a reforma institucional das entidades públicas especializadas na transparência e prevenção da corrupção, designadamente o Mecanismo Nacional Anticorrupção, a Entidade da Transparência e a Entidade das Contas, baseada na avaliação do seu desenho institucional, formato, competências e desempenho. Podíamos ficar só pelo desempenho, mas temos de discutir também o desenho. Será que faz sentido a Entidade das Contas estar sob alçada do Tribunal Constitucional? Não, nunca na vida.

"O combate, prevenção e repressão [da corrupção] deve ser feito com base em três pilares: conhecimento; pensado de forma integrada e, por fim, com inovação."
Luís de Sousa
Investigador no ICS

Indo nessa ótica da inovação de que fala, deixe-me introduzir outro tema: o *lobby*. Os dois maiores partidos (PS e PSD) concordam na necessidade de regular esta prática. Deve essa ser outra prioridade?
Vamos ter de encontrar algumas respostas inovadoras e essa questão vai nesse sentido. Não é tudo só sobre como pôr o sistema a funcionar, o que temos de capacitar ou aumentar em termos de especialização, que conhecimento de setores de risco temos de ter. A inovação passa também por processos legislativos que toquem áreas que já venham sendo discutidas há algum tempo, mas também com um processo legislativo pouco adequado. Ou seja, não se ouvem peritos, não se fazem estudos prévios. Mas toda a gente dá palpites sobre a regulação do *lobby*. Gostava de saber quantos são os atores – e, digo, legisladores – que estão nas comissões a avaliar essas propostas, que estudaram a matéria, que têm estudos comparados com outros regimes feitos lá fora. E assim continuamos. Muito de dedo molhado no ar para ver de onde sopra o vento. Não se faz avaliação, nem legislação assim. Mais do que haver diferentes perspetivas sobre a questão do *lobby* – porque às vezes anda-se ali numa discussão estéril – é saber se essas perspetivas se enquadram com regimes existentes noutros países, quais as vantagens, desvantagens e resultados conseguidos. E é isso que nunca é dito. As verdadeiras questões ficam à margem.

R.M.G.

João Gouveia Monteiro
"A imigração não é um fardo. É crucial para travar o envelhecimento demográfico"

TERTÚLIAS O primeiro semestre de 2023 assistiu a um ciclo de sete encontros dedicados à observação das principais transformações ocorridas em Portugal nas últimas cinco décadas. Dos encontros resultou o livro *Portugal 50 Anos Depois do 25 de Abril*, mote para conversarmos com o responsável pela direção científica da obra, João Gouveia Monteiro, professor catedrático na Universidade de Coimbra.

ENTREVISTA **JORGE ANDRADE**

Os encontros corporizaram-se na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, com moderação de João Gouveia Monteiro, professor catedrático na mesma universidade, onde leciona História Militar e História das Religiões. A visita conduzida aos últimos 50 anos contou, entre outros, com os contributos de Helena Roseta, Maria Vlachou, Joaquim Furtado, António Leuschener e Manuela Cruzeiro. O produto dos encontros verteu para o livro *Portugal 50 Anos Depois do 25 de Abril* (edição Manuscrito), obra com direção científica de João Gouveia Monteiro. O livro "compara o Portugal de 1973 com o Portugal de 2023 em diversos domínios, da demografia à comunicação social, dos direitos individuais ao envelhecimento e à saúde mental, da condição dos jovens à cultura e ao ensino", sublinha o investigador integrado no Centro de História da Sociedade e da Cultura. Pretexto para uma conversa com o também diretor da Academia para o Encontro de Culturas e Religiões.

Abre o livro a elencar "10 grandes conquistas do 25 de Abril". Os 50 anos volvidos sobre a Revolução tendem a esboroar a memória destas conquistas. Os mais jovens darão, eventualmente, por adquiridas essas conquistas sem equacionarem o que representam no quotidiano. Quer recordar-nos algumas dessas conquistas?

Hoje todos os cidadãos têm direitos civis, políticos, sociais e deveres iguais. E já ninguém pode ser discriminado negativamente em resultado da sua raça, sexo, credo religioso ou opção política. Todos podemos exprimir livremente as nossas opiniões sem o risco de sermos censurados. Podemos integrar partidos políticos e associações de diverso tipo. E temos direito a votar livremente para eleger os nossos governantes nacionais e locais. A escolaridade obrigatória alargou-se de seis para 12 anos e democratizou-se, pelo que o número de analfabetos é quase residual [3%, contra os mais de 25% em 1973] e temos hoje cinco vezes mais diplomados com o Ensino Superior. Há igualdade de personalidade jurídica entre homens e mulheres. Estas, só votavam se tivessem o Ensino Secundário e precisavam de autorização do marido para se deslocarem ao estrangeiro. Os cônjuges têm direitos equivalentes e já não há "filhos ilegítimos". A jornada semanal de trabalho foi reduzida de 48 para 35 horas, passámos a ter direito a férias pagas, surgiram o Subsídio de Desemprego, o 13.º mês e o Rendimento Mínimo Garantido, e alargou-se muito a Licença de Maternidade. Criou-se o precioso Serviço Nacional de Saúde, democratizou-se o acesso à Justiça e passou a haver sindicatos livres e direito à greve. *Last but not least*, foi posto fim à Guerra Colonial que flagelava os nossos jovens e que conduziu à morte de quase 8300 em Angola, Guiné e Moçambique, para além dos estropiados e doentes de vária ordem. Convenhamos que não foi nada pouco.

PORTUGAL 50 ANOS DEPOIS DO 25 DE ABRIL
João Gouveia Monteiro
Manuscrito Editora
312 páginas

Na tertúlia que dedicaram à *Demografia e Ordenamento do Território* afirma: "A distribuição da população é de tal maneira desigual que cria um cenário desolador a todos os níveis. Penso que nós temos de olhar seriamente para isso e perceber como podemos homenagear o 25 de Abril." Como podemos prestar essa homenagem quando para este tema concorrem tão diversos fatores?

Em primeiro lugar, devemos trazer a questão da desertificação do interior para o primeiro plano do debate público. Temos hoje 82,5% da população a viver em perto de 20% do território. Isso acrescenta muita desigualdade às outras desigualdades. Em segundo lugar, devemos entender-nos sobre como desenvolver o território à escala nacional. De que modo? Repensando o nosso modelo económico, redefinindo a nossa política de infraestruturas e comunicações, combatendo a macrocefalia cultural e institucional, criando oportunidades de vida nas regiões mais afastadas do litoral, em vez de encerrar escolas e serviços públicos. Enfim, encontrando um modelo de regionalização que devolva coerência, solidariedade e harmonia ao todo nacional. Diversos países europeus sem frente marítima, ou quase sem esta, têm níveis de desenvolvimento altíssimos. E o congestionamento dos centros urbanos também traz problemas graves, não só em termos ambientais, mas até em matéria financeira. Já consome 1% do PIB na União Europeia. Note-se que repensar tudo isto também é "desenvolver".

Nessa mesma tertúlia abordaram a questão da imigração. Uma vez mais, estamos perante uma questão complexa. Sem lhe pedir fórmulas mágicas, qual é, em seu entender, a abordagem mais sensata ao tema?

Antes de mais, reconhecer que a imigração não é um fardo. É crucial para travar o envelhecimento demográfico, contribui para a mão-de-obra ativa, sobretudo em certos setores, e para a sustentabilidade da Segurança Social. Lembro que nós estamos numa situação de desequilíbrio demográfico delicadíssima, pois neste momento Portugal já integra a lista restrita dos dez países mais envelhecidos do mundo. Temos menos de metade da percentagem de jovens que tínhamos em 1973, e o número de idosos cresceu de 9,8 para 23,7%. O índice de filhos por mulher já está abaixo do limite mínimo de 2,1 que garante o equilíbrio demográfico. Ora, lembremo-nos de que em 2022 os filhos de mãe estrangeira nascidos em Portugal representaram 17% do total de bebés. Nós precisamos da imigração, não temos futuro sem ela, como muito bem demonstraram os professores Diogo de Abreu e Eduardo Anselmo. Mas também não devemos receá-la. Na minha opinião, o segredo está em três coisas. Primeiro, em perceber que não podemos acolher toda a gente, temos de ter regras e limites para isto, de outro modo seria incomportável. Em segundo lugar, como explicou o professor Eduardo Anselmo, devemos privilegiar uma imigração qualificada nas áreas técnico-económicas onde temos mais carência, e de preferência oriunda de países latino-americanos, porque isso facilita a integração social e cultural. Em terceiro lugar, temos de garantir um acolhimento digno a essas famílias de imigrantes, ao contrário do que por vezes sucede e nos tem chocado a todos. Repare que o desenvolvimento do interior também pode beneficiar muito com a chegada de imigrantes, aliás isso já se está a notar em algumas zonas.

Olhemos para a tertúlia *Ser Jovem em Portugal* na sua relação com a Educação e Formação. Aí ligaram o tema a duas questões prementes: a habitação e a empregabilidade. Quer, sucintamente, analisar as conclusões a que chegaram?

FERNANDO FONTES / GLOBAL IMAGENS

Sim, na minha opinião os dois problemas mais graves da nossa juventude são o do acesso ao primeiro emprego e à habitação. 34% dos nossos jovens que está já a trabalhar recebe o salário mínimo. Como explicou o professor Paulo Marques, 65% dos nossos contratos de trabalho temporários são involuntários, ao contrário da média da União Europeia [28%]. O salário mensal dos nossos jovens, calibrado com o respetivo poder de compra, é apenas 33% do dos jovens suíços e 55% do da média europeia. A tentação é, pois, emigrar. Para contrariar isto será preciso corrigir o nosso modelo de desenvolvimento económico, nomeadamente alterar o perfil de especialização que temos, muito centrado em setores como o Turismo ou o Imobiliário, que pagam relativamente mal e têm baixos índices de conhecimento intensivo. Não basta aumentar as qualificações escolares e as exportações, é preciso que isso seja combinado com o crescimento dos setores económicos mais intensivos em conhecimento e com uma estratégia regulatória mais eficaz. Uma maior aposta no ambiente também pode ajudar a encontrar soluções.

Falou do trabalho, falemos da habitação.

Outro problema grave. Sobre este tema a arquiteta Helena Roseta falou com grande conhecimento de causa no decorrer da tertúlia. É curioso notar que, em 1974, em Portugal, faltava meio milhão de casas, tínhamos era muitas barracas e "ilhas". Hoje temos mais de um milhão de casas a mais, muitas das quais são residências secundárias e fogos vagos ou devolutos. Portanto, o nosso problema atual é menos a construção e mais a distribuição. Também aqui notamos o contraste entre o litoral e o interior, onde há muita habitação vaga. Um dos dados mais chocantes é que temos muito pouca habitação pública [cerca de 2%], enquanto em diversos países da União Europeia esse índice ultrapassa os 30%. A globalização financeira dos mercados, como é exemplo os Vistos *Gold* e o Alojamento Local vieram colocar novos desafios. É preciso saber responder-lhes de forma mais incisiva e completa. Exige-se um *Porta 65 Jovem* mais alargado e versátil e um Programa Nacional de Alojamento para o Ensino Superior eficaz. Há igualmente que tirar partido da revolução tecnológica, reinventar o modelo cooperativo e reduzir a cultura burocrática, que complica tudo.

"O salário mensal dos nossos jovens, calibrado com o respetivo poder de compra, é apenas 33% do dos jovens suíços e 55% do da média europeia. A tentação é, pois, emigrar."

A propósito do debate sobre *Literacia, Cultura e Artes* há a reter a alusão ao inquérito conduzido pela Fundação Calouste Gulbenkian que indica que dois terços, aproximadamente, dos inquiridos declaravam que já tinham aprendido tudo aquilo que precisavam de aprender na vida. Preferiam o imediatismo da informação. Que reflexão lhe trazem estes números?

Os hábitos culturais mudaram muito. E não é fácil contrariar isso, numa época em que se descarregam 500 horas de vídeo por minuto no YouTube, 66 mil fotos por minuto no Instagram e 1,7 milhões de *posts* no Facebook. Em Portugal, 79% das fontes de notícias já são *online*, incluindo as redes sociais. A professora Clara Almeida Santos explicou tudo isto na tertúlia dedicada à comunicação social. Os hábitos de leitura convencional ressentiram-se, de facto. Sabemos que, no ano de 2021, 61% dos portugueses não leram um único livro. E eu, sendo professor, sei que isso acarreta consequências ao nível da expressão escrita e até oral. Se tivermos também em conta que a escola formata demasiado os jovens para a obtenção de resultados imediatos e que a programação televisiva é aquilo que é, chegamos a resultados como aquele que citou. Falta estimular a aprendizagem permanente. E reservar às artes o lugar que elas efetivamente merecem, como território de liberdade por excelência que são, como bem explicou o professor Abílio Hernandez.

Na tertúlia *Jornalismo*, Fake News e *Redes Sociais* o jornalista Joaquim Furtado levou a debate uma frase do norte-americano Timothy Harbinger: "As pessoas esquecem, fingem que se esquecem, acomodam mentiras como se fossem verdades". O direito a uma informação livre e plural foi uma das grandes conquistas de Abril. Teme que o contexto atual de desinformação nos esteja a empurrar para um abismo com consequências imprevisíveis?

Há esse perigo relevante, porque a comunicação social é um esteio vital das democracias. Os progressos tecnológicos colocam novos desafios e temos de estar preparados para os enfrentar. Como também disseram o Joaquim Furtado e a Clara Almeida Santos, o desafio principal consistirá em perseguirmos sempre a verdade, mesmo que não saibamos muito bem qual é. Precisamos de saber identificar os diversos tipos de manipulações e "desordens informativas" e de aprofundar os sistemas de *fact checking*, que de resto já existem em alguns órgãos de comunicação social. Também é preciso sabermos 'educar' – e eu diria até: enganar – os algoritmos da IA, para não recebermos apenas a informação que mais nos convém, poupando-nos assim a uma visão abrangente do mundo e dos seus problemas. A valorização e diversidade dos conteúdos informativos também é importante para contrariar o fenómeno de *news avoidance*, que já é bem evidente no seio das gerações emergentes. Tudo isto é essencial para salvar a nossa democracia – não esqueçamos que, como disse o Joaquim Furtado, o jornalismo é a única profissão que tem por objeto a verdade.

O que presidiu ao facto de juntarem na mesma tertúlia *Saúde Mental e Envelhecimento*?

Os dois temas estão bastante interligados, e a prova disso é o *curriculum* de um dos nossos convidados, o professor António Leuschner. O envelhecimento potencia uma série de fatores que podem ser perturbadores da saúde mental: isolamento, solidão, sentimento de aproximação do fim, sofrimento físico ou doença, ausência de contributo social positivo, sensação de inutilidade e/ou de falta de reconhecimento pelo que se deu à sociedade, perda de amigos e familiares próximos. Precisamos de saber envelhecer. Felizmente, as pessoas vivem cada vez mais. Como lembrou a professora Margarida Pedroso de Lima, hoje, pela primeira vez na História, a maioria pode esperar viver 80 anos ou mais. Mas não basta "sobreviver", é preciso assegurar um envelhecimento saudável. Como? Desde logo, quebrando os preconceitos relativamente ao "idadismo", tanto mais que "envelhecer é viver" e, em boa verdade, nós começamos a envelhecer desde que nascemos. É preciso perceber que há crescimento e senescência em todas as fases da vida; que aprendemos sempre; que a felicidade, a saúde e a paixão pela vida, nos idosos, depende em 75% de fatores que podemos prevenir e só em 25% do nosso material genético. Importa, pois, ter uma visão integrada dos cuidados de saúde, e aqui devo dizer que 63% dos mais velhos não recebe ainda o apoio necessário.

O termo utopia é vasto e complexo. Olhemo-lo como tendente a apontar para a sociedade ideal, consideravelmente melhor do que aquela de que fruímos. Dedicaram a última tertúlia do ciclo ao tema *Utopias: A Liberdade: O Tempo*. Que significado teve este encerramento?

O tema que citou permitiu um *grand final* do nosso ciclo de tertúlias. Depois de tanta discussão em torno do tema do 25 de Abril de 1974, impunha-se refletir sobre o que é uma "revolução" e qual o seu lugar na história. E, para isso, ninguém melhor do que a dra. Manuela Cruzeiro. Por outro lado, quisemos olhar para a frente e perceber o que é que – dentro da herança espiritual do *Movimento dos Capitães* – nos pode ajudar a construir o futuro. E uma dessas dimensões é, certamente, a do lugar e do papel da "utopia", como explicou o professor André Barata. Porque as utopias servem precisamente para que não deixemos de caminhar rumo a um lugar que não existe, mas que serve como horizonte a perseguir e onde possamos responder à exigente pergunta de Roland Barthes: "Como é que vamos viver juntos?" Porque é quase sempre disso, e sobretudo disso, que se trata. Ora, eu acho que esse espírito, essa ousadia, esteve muito presente na madrugada libertadora de 25 de Abril de 1974, em que os militares saíram à rua sem saberem se, nos outros quartéis, todos cumpririam a sua parte do plano. Arriscaram, com isso, as suas vidas e as suas carreiras. Fizeram-no por Portugal. Acho que nos cabe a nós fazer agora o que nos compete. Afinal, como creio ter dito um dia Winston Churchill: "*We make a living by what we get, but we make a life by what we give*" ["Vivemos com o que recebemos, mas marcamos a vida com o que damos", numa tradução livre].

Portugal já sofreu 20 eventos climáticos extremos que custaram 800 milhões às seguradoras

AMBIENTE A vaga de incêndios de 2017 foi o evento mais dramático e custou 250 milhões às seguradoras. Nos últimos 17 anos, só em quatro não houve acidentes naturais relevantes em Portugal. É o 7.º país mais afetado em perdas económicas e o 5.º em vidas humanas num conjunto de 35 países europeus, segundo a Agência Europeia do Ambiente.

TEXTO **CARLA AGUIAR**

O incêndio de Pedrógão Grande, em Junho de 2017, teve características inéditas. Matou 66 pessoas, feriu 253 e destruiu 261 habitações.

Tornados inéditos, tempestades mais destrutivas, incêndios incontroláveis e regiões em seca extrema e em risco de racionamento de água. São sinais de que as alterações climáticas chegaram a Portugal, vieram para ficar e, dizem-nos, vão piorar.

Portugal já tem um rasto assinalável de eventos climáticos extremos. Entre inundações, tempestades, incêndios florestais e tornados, o país enfrentou nos últimos 17 anos um total de 20 "eventos extremos", na classificação usada pelas companhias de seguros. Entre 2006 e 2023, foram raros os anos em que não houve um ou mais acidentes naturais relevantes, em danos e custos para o setor, de acordo com dados fornecidos ao DN pela Associação Portuguesa de Seguradoras (APS).

É, aliás, o 7.º país europeu mais afetado em perdas económicas, num conjunto de 35 países, e está em 5.º lugar em mortes prematuras, segundo um relatório da Agência Europeia do Ambiente, de 2022, que analisa duas décadas entre 1980 e 2020, e que tem em conta também fenómenos como ondas de calor e seca.

Para além do rasto deixado nas cidades e nos campos, na vida de pessoas e animais ou nas infraestruturas, as alterações climáticas estão também a ter um impacto na economia e, em particular, no setor segurador, muito exposto ao risco pela natureza da sua atividade.

Ao longo dos últimos 17 anos, foram participados às seguradoras nacionais cerca de 166 500 sinistros relacionados com eventos climáticos, segundo a análise do DN dos dados da APS. O evento mais dramático em vidas e em custos financeiros foi a vaga de incêndios florestais de 2017, que motivaram a participação de 47 668 sinistros. Nesse ano, só o incêndio de Pedrógão Grande – no qual perderam a vida 66 pessoas e 253 ficaram feridas –, significou um encargo da ordem dos 25 milhões de euros para as seguradoras. E os restantes incêndios do mesmo ano, no fatídico mês do outubro, implicaram um custo de quase 230 milhões de euros em indemnizações e provisões, indicou ainda aquela associação. No total perderam a vida 116 pessoas e centenas de habitações ficaram destruídas.

No período em análise – 2006 a 2023 – o setor segurador português pagou uma fatura pesada pelos eventos climáticos extremos. Foram perto de 800 milhões de euros em indemnizações e provisões, de acordo com cálculos feitos pelo DN, a partir dos dados enviados pela Associação Portuguesa de Seguradores.

> Os desastres meteorológicos ou climáticos ceifaram 142 mil vidas e deixaram um rasto de 510 mil milhões de euros de danos económicos na Europa desde 1980, segundo um relatório da Agência Europeia do Ambiente.

Cobertura de seguros é muito baixa

Entre 1980 e 2020, o relatório da Agência Europeia do Ambiente havia estimado as perdas totais em 13,46 mil milhões de euros, mas apenas 478 milhões de euros delas estavam cobertas pelos seguros em Portugal. Este enorme desvio entre as perdas registadas e o valor de indemnizações deve-se, sobretudo, ao facto de "mais de 90% das perdas patrimoniais registadas não estarem cobertas pelos seguros", de acordo com os dados da plataforma CATDAT e do NatCatService em que se baseia o relatório da Agência Europeia do Ambiente (AEA). Estes dados englobam todos os eventos meteorológicos e relacionados com o clima, mas nem todos podem ser atribuídos às alterações climáticas.

Apesar do aumento previsível deste tipo de fenómenos extremos, o grau de cobertura dos danos patrimoniais pelos seguros é muito baixo em Portugal. Apenas 3,6% das perdas estavam cobertas, o que faz com que as vítimas destes desastres sofram prejuízos muito avultados.

Outras fontes, que cruzam os dados da companhia de resseguro Munich RE com os do Eurostat, sinalizam igualmente uma brecha de proteção superior a 90% em Portugal (8,09 mil milhões de danos totais contra 664 milhões milhões de euros em perdas seguradas), significando que apenas 8,2% dos estragos estavam protegidos por seguros.

Este défice de proteção está longe de ser um exclusivo nacional, visto que naqueles 40 anos, apenas um quarto dos danos climáticos registados na União Europeia estavam cobertos por seguros. Ainda de acordo com a AEA, os desastres meteorológicos ou climáticos ceifaram 142 mil vidas e deixaram um rasto de 510 mil milhões de euros de danos

RUI OLIVEIRA / GLOBAL IMAGENS

13,4

Mil milhões de euros Este foi o total das perdas verificadas em Portugal em 40 anos de acidentes climáticos.

90%

Cobertura Mais de 90% dos danos registados desde 1980 não estavam cobertos por seguros. Só entre 3% a 8% das perdas estavam seguradas.

económicos na Europa desde 1980.

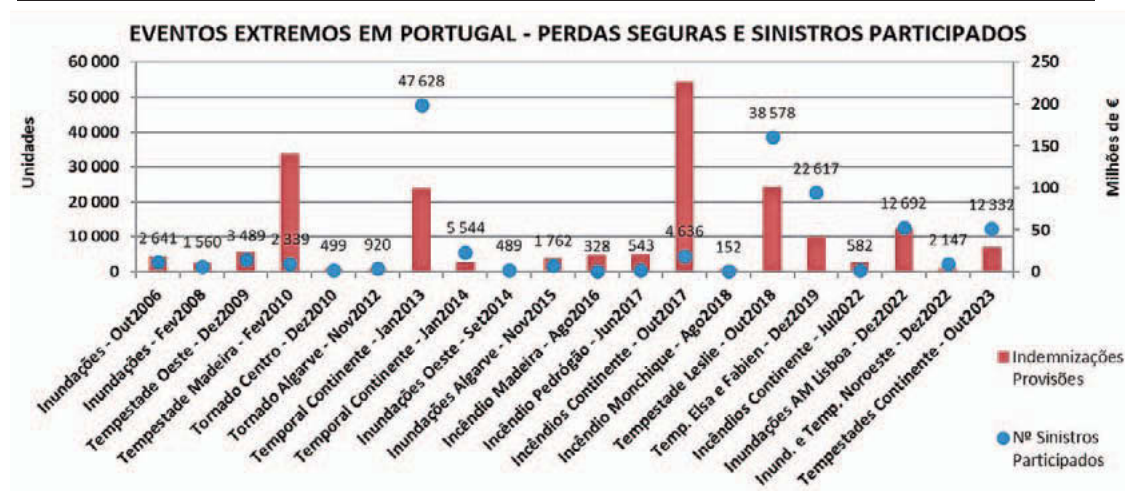
Apesar de reconhecer que o grau de cobertura está a aumentar, a AEA defende o reforço da proteção por seguros, tanto a nível individual, como das entidades públicas para fazer face a fenómenos naturais que tenderão a ser cada vez mais frequentes.

As vagas de calor ou de frio, secas ou incêndios florestais são responsáveis por 93% do total de mortes e um quarto dos prejuízos financeiros. As perdas humanas são muito menores nas inundações, mas são justamente estes que causaram os maiores prejuízos (44% do total), à frente das tempestades (34%).

dnot@dn.pt

Associação quer fundo para "mitigar" impacto de grandes catástrofes

PREVENÇÃO A Associação Portuguesa de Seguradoras está a trabalhar numa nova carta de risco de inundações para antecipar as consequências dos danos.

TEXTO **CARLA AGUIAR**

Segundo o histórico de eventos extremos, reunidos desde 2006 pela APS, estes têm sido constantes.

Porque o setor segurador sabe que vai ser confrontado com um número crescente de participações de sinistros relacionados com fenómenos naturais, está a tentar preparar-se para melhor antecipar e gerir os riscos, nomeadamente sobre as inundações. A APS defende a criação de um fundo para grandes catástrofes (Sistema de Proteção de Riscos Catastróficos) "para mitigar as consequências de incidentes extremos que, previsivelmente, virão a acontecer com cada vez mais frequência", disse fonte oficial da Associação Portuguesa de Seguradoras ao DN.

Por outro lado, revela, estão "nesta altura a trabalhar, em conjunto com uma entidade externa especializada, na produção de uma cartografia atualizada do risco de inundações em cenários de alterações climáticas, uma ferramenta que ajudará o setor segurador a gerir este risco ainda mais eficientemente, mas que pode vir a ajudar, também, outros agentes envolvidos na sua prevenção e gestão, incluindo autoridades públicas".

A preocupação com o aquecimento global é que este tende a "provocar uma redução da precipitação média nas regiões do Sul da Europa mas, simultaneamente, um agravamento de fenómenos extremos de concentração de precipitação, incluindo trombas de água. E tende, ainda, a determinar uma subida do nível do mar e de erosão das zonas costeiras", contextualiza a APS.

Questionada sobre o impacto que estes fenómenos podem vir a ter no setor, a APS defende que tal depende não apenas do clima, mas também da efetiva ação preventiva das entidades competentes e de toda a sociedade.

"Para projetar os impactos destas tendências climáticas nas condições dos seguros, é preciso introduzir, também, na equação, o esforço de prevenção e mitigação que, normalmente, estas arrastam consigo. Porque a avaliação do risco para as seguradoras não pondera apenas a exposição natural aos fenómenos; envolve também essas medidas de prevenção e mitigação que os agentes adotam, e que acabam por influenciar, substancialmente, o custo do risco".

E, nesta matéria, a associação considera que "há ainda muito espaço para progresso, sobretudo em relação aos incêndios em meio florestal ou rural (porque em meio urbano a preocupação está esbatida) e, nomeadamente, através de políticas públicas".

> A seca é o maior risco para a agricultura, mas não está incluída nos contratos do Sistema de Seguros Agrícolas.

Seguros agrícolas em baixo

No universo rural, a agricultura está particularmente exposta aos humores do clima. Mas nem por isso a subscrição dos seguros agrícolas tem aumentado substancialmente. O volume total de prémios representou pouco mais de 30 milhões de euros em 2023, o que, segundo a APS, "espelha bem a escassa penetração deste seguro na atividade agrícola nacional; e a sua evolução foi bastante moderada nos últimos 5 anos, o que reflete também a dificuldade de o fazer desenvolver nas atuais condições".

Em Portugal, os seguros agrícolas estão quase totalmente enquadrados no Sistema de Seguros Agrícolas (SSA), um sistema de apoios públicos aos produtores, que condiciona substancialmente a configuração desta oferta seguradora.

A seca é o maior risco para a agricultura, "mas não faz parte do leque de coberturas previsto nos contratos abrangidos pelo SSA". Já o mesmo não se poderá dizer de "outros que tenderão também a aumentar, como os de incêndio, tromba de água ou tornado, estes já tipicamente cobertos nas apólices".

A APS defende que, fruto das mudanças em curso, aquele sistema deve redefinir as zonas tarifárias e os níveis dos apoios e considera que tem outros desafios de natureza económica e operacional para superar.

Dorothy Gibson, a sobrevivente a dois naufrágios do *Titanic*

CIÊNCIA *VINTAGE* A madrugada de 15 de abril de 1912 assinalou uma tragédia sem precedentes. Em três horas um colosso dos mares afundou-se. Perto de 1500 vidas sucumbiram ao naufrágio do *Titanic*. Entre os sobreviventes encontrava-se a atriz Dorothy Gibson. Um mês após o desastre, Dorothy encenou no cinema a sua experiência no naufrágio.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

Na madrugada de 15 de abril de 1912, "o mar parecia vidro, tão suave que as estrelas estavam nele claramente refletidas", assim escreveu Archibald Gracie IV, escritor, historiador amador e empresário. Poucas horas volvidas, o mesmo mar setentrional, 650Km a leste da Terra Nova, entraria num tumulto de aço, ferro, madeiras e vidas. Às 2.20, perto de 46 000 toneladas de peso bruto, sob a forma de um transatlântico, inclinavam-se num ângulo mortal de 45 graus e desciam a pique num mar coalhado de gelo. A queda rumo ao fundo do Atlântico Norte, 3795 metros sob as ondas oceânicas, fez-se em poucos minutos.

É por demais conhecido o fado do *RMS Titanic*, com os seus 260 metros de comprimento, 53 metros de altura e motores com estatura de 12 metros. A viagem inaugural entre os portos de Southampton, no Reino Unido, e de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, terminou num torvelinho de tragédia, com perto de 1500 mortes. Sobre os segundos finais, antes do silêncio nas águas geladas, escreveram-se as seguintes palavras: "Os gritos dos que pediam ajuda permanecerão na minha memória até ao dia em que eu morrer."

As palavras entregues às páginas da revista *Motion Picture News*, na edição de 27 de abril de 1912, são creditadas a Dorothy Gibson. A atriz, modelo e dançarina americana não só testemunhou *in loco* o naufrágio do *Titanic*, como reiterou na tragédia: 31 dias decorridos sobre o confronto do icebergue com o colosso da engenharia naval do século XX, a debutante da 7.ª Arte levava ao ecrã a recriação do momento.

Dorothy Gibson sobreviveu para contar a sua história no *Titanic*.

Dorothy Gibson, nascida em Nova Jersey no ano de 1889, protagonizou a película *Saved From the Titanic*, obra de dez minutos, filha do cinema mudo. A primeira entre muitas dramatizações da tragédia suscitou louvores, mas também críticas e fez de Dorothy a única mulher que sobreviveu duas vezes à tragédia do *Titanic*, uma real, outra ficcionada.

A vida da heroína do filme saído dos estúdios de cinema Éclair, também escreveu alguns capítulos dignos de uma obra de ficção. De modelo-fetiche do ilustrador norte-americano Harrison Fisher, autor de inúmeras capas das revistas *Cosmopolitan* e *Saturday Evening Post*, Dorothy Gibson singrou nos palcos, no cinema e protagonizou uma fuga de uma prisão italiana no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

Em 1909, encontramos Dorothy a trabalhar como modelo para publicações comerciais. O rosto da jovem de 20 anos ilustrava o ideal feminino da época. Harrison Fisher materializava esse ideal em pinturas sumptuosas. Gibson, então uma estrela em ascensão no cinema e também cantora em teatros de Vaudeville, entregava às capas das revistas femininas uma aura de charme.

Fora do circo mediático, a atriz saía de um casamento com George Battier Jr.. Em 1911, Dorothy encanta-se por Jules Brulatour, magnata do cinema, cofundador dos estúdios da Universal Pictures, casado com Clara Blouin. Com Jules, Dorothy viria a casar-se em 1917 para se divorciar pouco depois.

No início dos anos de 1910, Gibson recebia críticas favoráveis pela sua participação em comédias. Em 1912, a atriz empreenderia um périplo europeu culminando numas férias mediterrânicas, em Itália. Uma chamada dos Estados Unidos com a proposta de um novo projeto cinematográfico atrairia a jovem Dorothy para um camarote de 1.ª classe no *Titanic*.

Na noite fatídica, a atriz jogava *bridge* num dos sumptuosos salões do paquete. Algumas dezenas de metros abaixo, a ponta de um icebergue trilhava 91 metros de casco a bombordo. Nos 40 minutos seguintes, 13 700 toneladas de águas gorgolejavam no interior do navio. Dorothy teria nessa noite de 15 de abril um encontro com o primeiro barco salva-vidas a abandonar o *Titanic*, o n.º 7. Às 00.40, 28 passageiros e tripulantes sentiram o embate do salva-vidas nas águas do Atlântico.

Com Dorothy entraram na pequena embarcação um punhado de famosos, entre eles Pierre Maréchal, aviador francês; Alfred Nourney, hedonista neerlandês e Margaret Bechstein Hays, ilustre na sociedade nova-iorquina, que assumiria mais tarde o cuidado daquelas que ficaram conhecidas como as duas crianças órfãs do *Titanic*, Michel e o seu irmão Edmond. Nas quatro horas seguintes ao naufrágio, restou aos ocupantes do salva-vidas suportar o frio glacial até à chegada do navio *Carpathia*, na sua colheita de almas sobreviventes.

Dorothy Gibson regressou a Nova Iorque com uma história para contar. Jules Brulatour, dono dos estúdios Éclair quis transpô-la para filme. A atriz foi convocada a escrever o guião. A premência de estrear no cinema a recriação da história que chocava o mundo obrigou a filmagens em tempo recorde. Uma semana foi quanto bastou para ilustrar um enredo que envolvia Dorothy Gibson a interpretar-se a si mesma e a contracenar com pais e um noivo fictícios.

As filmagens nos estúdios em Fort Lee e no Porto de Nova Iorque, intercalavam imagens diversas de icebergues, do lançamento à água do *Titanic*; do seu comandante, Edward Smith e do navio irmão, o *Olympic*. Dorothy contracenava com a roupa que usara na madrugada fatídica, um vestido de noite branco, tecido a seda, coberto com um casaco de lã.

Os Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha renderam-se ao filme. O presidente dos Estados Unidos, William Howard Taf, recebeu uma cópia da película. As receitas de bilheteira evidenciavam o filão comercial do filme. Na imprensa, a revista *Motion Picture News* tecia louvores à obra: "Maravilhosos efeitos mecânicos e de iluminação do filme, cenas realistas, reprodução perfeita e verdadeira história da viagem fatídica."

Ainda em maio de 1912, a publicação *Moving Picture World* escrevia a propósito de Gibson: "Uma atuação única no novo filme sensacional da Éclair Company". Outros, porém, como a revista *New York Dramatic Mirror*, criticavam o oportunismo do filme, realizado aos ombros da dor dos sobreviventes. Gibson defendeu-se: "O filme é a oportunidade de prestar homenagem àqueles que deram as suas vidas naquela terrível noite."

Dorothy só reiteraria frente às câmaras na série *The Revenge of the Silk Masks*. Na Europa, onde se radicaria nos anos seguintes, a americana foi acusada de simpatizante do nazismo, algo que refutou. Em Itália, seria presa sob a acusação de agitadora antifascista. Dorothy Gibson, a par de outros dois presos, evadiu-se da cadeia de San Vittore, em Milão, apoiados pela Fiamme Verdi, uma organização de resistência partidária de orientação católica romana.

Os últimos dois anos de vida de Dorothy Gibson fizeram-se sob os céus de Paris. A sobrevivente ao naufrágio do *Titanic* sucumbiria a um ataque cardíaco em 1946. Tinha 56 anos. Para a posteridade, o único filme de Gibson que sobreviveu foi a comédia de 1912, *The Lucky Holdup*.

Saved From the Titanic afundar-se-ia num mar de fogo em 1914, num incêndio que deflagrou nos estúdios Éclair. Da película entraram no barco salva-vidas do tempo apenas alguns pósteres, umas quantas fotografias e as críticas na imprensa.

AMIN CHAAR / GLOBAL IMAGENS

Investigação envolveu seis dezenas de animais e mais de 100 pessoas.

Cães e gatos de estimação transmitem bactérias multirresistentes aos donos

SAÚDE Estudo feito em Portugal e no Reino Unido encontrou indícios de que os animais podem propagar resistência a remédios essenciais.

Um estudo realizado em Portugal e no Reino Unido sugere que cães e gatos de estimação desempenham um papel importante na propagação de bactérias resistentes a antibióticos. Em comunicado, a Sociedade Europeia de Microbiologia Clínica e Doenças Infecciosas (ESCMID na sigla em inglês) adianta que a investigação vai ser apresentada no seu Congresso Global a decorrer em Barcelona (Espanha) entre 27 e 30 de abril.

Tendo encontrado "indícios da transmissão de bactérias multirresistentes entre cães e gatos doentes e os seus donos saudáveis em Portugal e no Reino Unido", o trabalho levanta preocupações "de que os animais de estimação possam atuar como reservatórios de resistência e, assim, ajudar na propagação da resistência a medicamentos essenciais". Neste sentido, chama a atenção para a importância de incluir famílias com animais de estimação em programas de vigilância da resistência aos antibióticos, indica o comunicado.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica a resistência aos antibióticos como uma das maiores ameaças à Saúde Pública que a Humanidade enfrenta. As infeções resistentes aos medicamentos matam anualmente em todo o mundo mais de 1,2 milhões de pessoas e prevê-se que em 2050 sejam 10 milhões, se não forem tomadas medidas.

"Estudos recentes indicam que a transmissão de bactérias de resistência antimicrobiana (RAM) entre humanos e animais, incluindo animais de estimação, é crucial na manutenção dos níveis de resistência, desafiando a crença tradicional de que os humanos são os principais portadores de bactérias RAM na comunidade", afirma a investigadora principal Juliana Menezes, citada no comunicado.

"Analisar e compreender a transmissão de bactérias RAM de animais de estimação para humanos é essencial para combater eficazmente a resistência antimicrobiana" em pessoas e animais, acrescenta a estudante de doutoramento, do Laboratório de Resistência aos Antibióticos do Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde Animal, da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa.

O estudo envolveu cinco gatos, 38 cães e 78 pessoas em 43 casas em Portugal e 22 cães e 56 indivíduos em 22 habitações no Reino Unido. Todos os humanos eram saudáveis e todos os animais de estimação tinham infeções da pele e tecidos moles ou infeções do sistema urinário. Os cientistas testaram amostras de fezes e urina e esfregaços de pele dos animais e dos seus donos para detetar *Enterobacterales* (família de bactérias que inclui a *Escherichia coli* e a *Klebsiella pneumoniae*) resistentes a antibióticos comuns.

O foco foram as bactérias resistentes "às cefalosporinas de terceira geração" (dos mais importantes antibióticos, segundo a OMS) e "às carbapenemas (parte da última linha de defesa quando outros antibióticos falham)".

Segundo o comunicado, "não foi possível comprovar a direção da transmissão", mas "em três dos lares de Portugal, o *timing* dos testes positivos para a bactéria produtora de ESBL/AmpC sugere fortemente que, pelo menos nestes casos, a bactéria tinha passado do animal de estimação para o humano".

Juliana Menezes considera que "aprender mais sobre a resistência nos animais de estimação ajudaria no desenvolvimento de intervenções fundamentadas e direcionadas, para defender a saúde animal e humana".

Carícias, toques ou beijos e tocar nas fezes do animal permitem a passagem das bactérias entre os cães e os gatos e os seus donos, pelo que os investigadores pedem atenção à lavagem das mãos após fazer festas aos animais ou tratar dos seus dejetos.

Todos os cães e gatos ficaram sem infeções depois de terem sido tratados. **DN/LUSA**

Opinião
Paulo Guinote

O poder

A capacidade para, com as suas decisões e acções, ter influência decisiva no próprio destino ou no de outras pessoas exerceu, desde tempos que ninguém já se recorda, uma atracção intensa sobre quem, de algum modo, sente em si um desígnio especial ou uma capacidade ímpar para "liderar".

Aquilo a que chamamos "poder", nas suas diversas dimensões, já foi considerado (Kissinger) como o mais poderoso dos afrodisíacos. Porque com o poder se conseguem outras coisas e a sua sedução é enorme, ao ponto de, quando surge a oportunidade de o exercer em proveito próprio, poucos serem os que resistem a tal fascínio.

A caminho do final do século XIX, *Lord* Acton escreveu que "o poder tende a corromper e o poder absoluto corrompe absolutamente", acrescentando que "os grandes homens são quase sempre maus, mesmo quando exercem influência e não autoridade".

E muito antes, já Shakespeare tinha desenvolvido o tema de forma dramática em muitos dos seus escritos e advertido que "o Diabo tem o poder para assumir uma forma agradável" (*Hamlet*), o que é especialmente relevante quando alguém pretende ocultar a sua ânsia pelo poder com o interesse de servir terceiros.

Porque há duas formas de querer ter "poder": conseguir com isso controlar a sua própria vida e destino, pois a sensação de fragilidade e vulnerabilidade é das principais causas de frustração, que levam a desequilíbrios na saúde mental; ou ter a capacidade de influenciar a vida de muitas outras pessoas, nomeadamente através do acesso a posições de dominação política ou económica, quando não religiosa ou mesmo militar.

No primeiro caso, estamos perante um esforço individual por conquistar autonomia, independência ou liberdade para agir, sem pressões e constrangimentos externos excessivos ou que, deste ou daquele modo, limitem de forma quase determinista a capacidade de uma pessoa alcançar os seus objectivos. No segundo caso, temos o desejo de alcançar uma posição de liderança, no sentido de conseguir determinar o destino do ambiente em nosso redor, em particular do meio social, mais ou menos alargado, no qual nos inserimos ou que sentimos a legitimidade para conduzir.

Estamos aqui, de forma clara, no território da Política e da disputa pelo poder de "governar", de legislar, de exercer autoridade e coerção sobre os outros indivíduos. Ou seja, estamos num território mais concreto do exercício do poder do que o concebido por Foucault no sentido do poder estar em todo o lado. Embora a sedução dos micro-poderes de proximidade tenha uma capacidade de intoxicar igualmente violenta. Aliás, não é raro que o exercício mais abusivo e cruel do poder sobre outrem se manifeste à escala local, sobre aqueles que estão mais próximos.

O serviço público, não apenas o do aparelho administrativo, mas em especial ao nível dos decisores políticos, deixou de ser atractivo para quem pretende exercê-lo do modo como foi concebido nos regimes liberais saídos do Iluminismo, com o sistema de *checks and balances*, acabando por ser capturado por representantes dos interesses que deveria regular. Em grande parte, devido ao modo como progressivamente o poder económico conseguiu controlar um poder mediático, que se pretendia independente, mas acabou por se tornar uma extensão das estratégias de promoção de políticos como produtos de consumo de massas.

Por isso, os mecanismos de acesso ao poder, em particular os legítimos, resultantes do regime democrático, devem ser especialmente exigentes no escrutínio de quem a eles acede. Não sou dos que acha que quem se apropria dos mecanismos legais de poder deva ser tratado como qualquer outro cidadão, porque não é como qualquer outro cidadão. A vida "pública" tem essa designação por alguma razão e, embora se mantenha o dever de reserva da privacidade dos indivíduos, quem pretende ter poder de decidir sobre o destino de milhões deve estar consciente de que isso pode e deve vir com deveres acrescidos de transparência e responsabilização.

Professor do Ensino Básico. Escreve de acordo com a antiga ortografia.

Jaume Duch Guillot
“Fazer a distinção entre política nacional e políticas europeias tornou-se artificial”

EUROPA À margem de um seminário para jornalistas sobre as eleições europeias, em Bruxelas, o diretor-geral de Comunicação e porta-voz do Parlamento Europeu falou ao DN do desafio de mobilizar os eleitores em 27 países, da probabilidade de ver a extrema-direita crescer no escrutínio de 6 a 9 de junho e dos desafios para os próximos cinco anos.

ENTREVISTA **HELENA TECEDEIRO,** EM BRUXELAS

O *slogan* do Parlamento Europeu para as próximas eleições é *Use Your Vote*. Apesar de todos sabermos que a União Europeia é onde se tomam muitas das decisões que importam nas nossas vidas, ainda é um desafio mobilizar os eleitores em 27 Estados-membros diferentes?
É sempre um desafio. Mas a última experiência foi positiva, porque em 2019, 51% da população que tinha direito de voto foi votar, o que significa que houve um aumento de nove pontos percentuais em relação a 2014. Agora, cinco anos depois, vemos que tanto a visibilidade, como a credibilidade da União Europeia são maiores do que eram em 2019 – por causa do *Brexit*, por causa do que fizemos na luta contra a pandemia, por causa do que temos feito para ajudar e apoiar a Ucrânia. Mas mesmo assim, se é verdade que 71% ou 72% dos cidadãos europeus nos dizem que sabem a importância do que acontece aqui e como isso tem um impacto nas suas vidas, é preciso estabelecer a ligação entre esta realidade e a importância do voto. Porque é preciso que as pessoas tomem parte nessas decisões de alguma forma. E, segundo, porque as eleições são sempre um bom momento para proteger a democracia.

A experiência que temos, em Portugal – mas julgo que não será muito diferente na maioria dos outros países –, é que nestas eleições se debate quase tudo menos as questões europeias, sendo muitas vezes um referendo ao partido no poder num Estado. Como é que vocês, responsáveis pela comunicação institucional do Parlamento Europeu, tentam trazer essas questões para a discussão em 27 países com prioridades e realidades diferentes?
É mais fácil agora do que já foi no passado. Porque chegámos a um ponto em que fazer a distinção entre política nacional e políticas europeias, entre os assuntos nacionais e os assuntos europeus, se tornou artificial. Todas as questões, neste momento, têm um lado europeu e um lado nacional. Quer estejamos a discutir o ambiente, a política industrial, a agricultura; quer estejamos a discutir as migrações, o crescimento económico – é uma questão nacional ou uma questão europeia? São ambas as coisas. Por isso diria que mesmo no caso dos políticos que acham que estão apenas a discutir as questões nacionais, não, estão também a discutir questões europeias.

> *“Esta é a terceira vez que toda a gente está à espera de uma grande subida da extrema-direita. Foi anunciado em 2014, mas não aconteceu. E voltou a ser anunciado em 2019 e voltou a não acontecer. Claro que não estou a dizer que não pode acontecer agora, sobretudo quando vemos as sondagens e a situação que se vive em vários países.”*

Já falou de alguns dos temas que marcaram os últimos anos – *Brexit*, covid, guerra na Ucrânia. Foi um mandato difícil. Quais vão ser os grandes desafios para os próximos cinco anos?
Eu acredito que os desafios vão ser ainda maiores, porque estes estão relacionados com a situação no mundo, com o facto de neste momento a paisagem internacional ser mais complicada do que era há cinco anos. Temos uma guerra nas fronteiras da União Europeia, uma guerra de agressão. Temos também um conflito, muito sério, em Israel e Gaza e, num nível diferente, não sabemos quais vão ser as consequências do resultado das eleições americanas. Por isso há muitas coisas que, de uma forma ou de outra, nos mostram que temos de assumir as nossas próprias responsabilidades enquanto europeus, enquanto União Europeia. E isso significa sermos capazes de criar o nosso próprio guarda-chuva de Defesa e Segurança com a NATO. Significa também sermos mais autónomos em termos de acesso à energia, a muitos tipos diferentes de produtos, que até agora eram importados de países terceiros. Há muitas coisas a fazer desse ponto de vista. É o que agora chamam “autonomia estratégica”, que é uma designação estranha, mas que significa que temos de ser os verdadeiros adultos neste mundo. Depois, tem ainda a ver com o alargamento. Sabemos que por razões geopolíticas, este alargamento torna-se cada vez mais importante, mas também vai ser mais difícil, portanto tem de ser bem preparado e isso vai ser um desafio. E, por causa do alargamento, é preciso termos uma discussão sobre como reformar a maneira como a União Europeia toma decisões. Essa questão também vai estar na agenda.

Com 27 já vimos como é, por vezes, difícil tomar decisões. Podemos imaginar como vai ser com 30 ou mais países...
É essa a questão. Ou seja, com 27 já vimos que, por vezes, há bloqueios e que o Conselho precisa de muito mais tempo do que seria necessário para tomar decisões. Portanto temos de acelerar as coisas. E isso significa que o número de casos em que as decisões são tomadas por unanimidade tem de ser bastante reduzido.

Um dos grandes receios nestas eleições é que, tendo em conta o panorama em vários países europeus, a extrema-direita tenha grandes ganhos e como é que isso vai afetar a forma como o Parlamento Europeu vai trabalhar nos próximos cinco anos...
Bem, esta é a terceira vez que toda a gente está à espera de uma grande subida da extrema-direita. Foi anunciado em 2014, mas não aconteceu. E voltou a ser anunciado em 2019 e voltou a não acontecer. Claro que não estou a dizer que não pode acontecer agora, sobretudo quando vemos as sondagens, as projeções e a situação que se vive em vários países. Podemos imaginar o que isso vai significar se projetarmos esses resultados para as eleições europeias – vai haver um aumento da presença desses partidos. Mas ao mesmo tempo, todas as sondagens nos dizem que, depois das eleições, o Parlamento Europeu vai manter a sua maioria pró-europeia. No fim de contas o que importa não são as sondagens, é quem vai votar e quem vai ficar em casa. Por isso é tão importante aumentar o nível de conhecimento e o nível de interesse dos cidadãos por estas eleições.

Já falou, há pouco, das eleições americanas. Se Donald Trump ganhar, vai ser ainda mais importante ter uma União Europeia, um Parlamento Europeu, fortes e unidos, por exemplo, no apoio à Ucrânia?
Eu acredito que a primeira presidência de Donald Trump foi um despertar para a União Europeia, de várias formas. Não sei quem vai ganhar as eleições americanas a 5 de

ALAIN ROLLAND / PARLAMENTO EUROPEU

novembro, mas a simples possibilidade de haver uma mudança nas prioridades da Casa Branca está de novo a provocar um despertar. E esse é um lado positivo, que nós, europeus, percebamos que não podemos simplesmente esperar para ver. Não podemos pensar que a Administração americana vai estar sempre lá para nós. Há já alguns anos, e não só com Trump, que as prioridades das Administrações americanas, do Governo americano, estão cada vez mais viradas para o Pacífico e menos para a Europa. Temos de ter isso em conta.

No ano passado vimos o Parlamento Europeu envolvido no escândalo do *Qatargate*. Casos como esse podem minar a credibilidade das instituições europeias junto dos eleitores?

As sondagens não mostram isso, de todo. E eu penso que isso é o resultado de todas as medidas que foram tomadas no último ano e meio. No dia a seguir a ter surgido o *Qatargate*, a presidente do Parlamento Europeu anunciou a intenção de fazer uma reforma interna da instituição, para reforçar as medidas ligadas à responsabilização, à transparência. E isso foi feito ao longo dos últimos 18 meses. Foram adotadas 14 medidas importantes pelos órgãos desta câmara. E, ao mesmo tempo, não aconteceu mais nada. Hoje sabemos exatamente o que foi o *Qatargate*. E não foi uma falha sistémica do Parlamento Europeu. Teve a ver com o comportamento de um pequeno número de pessoas. E isso explica, do meu ponto de vista, que a opinião pública não tenha sido, nem vá ser, influenciada pelo *Qatargate*.

Quando olhamos para os dados do Eurobarómetro, vemos que os portugueses são esmagadoramente pró-europeus...

São inteligentes!

Mas, por exemplo, os polacos também estão entre os que são mais a favor da União Europeia. Isso surpreende-o, tendo em conta que até às recentes eleições o anterior Governo polaco esteve algumas vezes em conflito com Bruxelas?

Não, não me surpreende. Não são só os polacos, são também os suecos, os finlandeses, os países Bálticos. E isso está relacionado com o que está a acontecer na Europa e com a guerra na Ucrânia. Muitos cidadãos europeus descobriram agora que pertencer à União Europeia significa ter proteção extra, que traz um valor acrescentado. Durante muitos anos, era mais fácil os países do Sul compreenderem isso, porque eram os grandes beneficiários dos fundos estruturais, da solidariedade financeira, etc. Mas essa importância da União Europeia era menos evidente nos países onde esses fundos eram menos importantes. Mas hoje, independentemente da geografia, do sítio onde vive, muita gente descobriu que pertencer à União Europeia é uma vantagem.

Mas ainda temos uma Hungria, por exemplo, que parece mais difícil de convencer. Pode ser um problema no futuro?

Eu penso que na Hungria a sociedade é bastante pró-europeia. E, por exemplo, quase ninguém na Hungria está a propor deixar a União Europeia. Na verdade é algo que está a acontecer em quase todos os países. Essas forças que há uns anos propunham o *Brexit*, o *Frexit*, o *Grexit*, etc, abandonaram essas ideias.

Provavelmente porque viram como correu o *Brexit*...

Em primeiro lugar devido ao resultado do *Brexit*. E em segundo lugar devido às duas grandes crises do últimos anos: a pandemia e a Ucrânia. Os cidadãos europeus viram o que aconteceu à sua volta. E há hoje uma enorme maioria que percebe que deixar a União Europeia seria um erro.

O DN viajou a convite do Parlamento Europeu

Opinião
Elisabeth Eklund

Suécia: um aliado de Portugal na NATO

7 de março foi um dia histórico para a Suécia. A Suécia tornou-se membro da NATO. É um marco assinalável para o meu país que implica uma mudança profunda e imediata na política externa e de segurança da Suécia. A Suécia aderiu agora orgulhosamente, como 32.º aliado, a esta Aliança cuja importância para a segurança internacional nunca foi tão grande. A Suécia deixa para trás 200 anos de política de não-alinhamento militar. É um passo importante, mas ao mesmo tempo um passo muito natural.

A invasão em grande escala da Ucrânia pela Rússia foi um ponto de viragem irreversível para a segurança sueca, europeia e global. A adesão da Suécia à NATO é um resultado direto desta guerra de agressão ilegal, não-provocada e indefensável. O objetivo da Rússia com esta guerra é recriar um império e derrubar violentamente a ordem de segurança europeia. A Ucrânia está, portanto, também a defender a nossa segurança e a nossa liberdade. Um apoio forte, previsível e sustentado à Ucrânia é o nosso principal meio de influenciar as ações da Rússia.

Nestes tempos perigosos, as adesões da Suécia e da Finlândia à NATO tornam a situação na nossa região da Europa mais previsível. Aumenta a dissuasão para um conflito armado na nossa vizinhança. Aumenta a segurança e a estabilidade, tanto para nós, como para os nossos aliados. Foi por isso que a Suécia se tornou membro da NATO. Para auferir segurança, mas também para fornecer segurança.

A Suécia tomou uma decisão livre, democrática e soberana ao aderir à NATO. Há um amplo apoio no nosso Parlamento e entre a população. Isto é um ponto forte, tanto para a Suécia como para a Aliança. Como uma democracia forte, a Suécia defenderá os valores do Tratado do Atlântico Norte, assinado há 75 anos: liberdade, democracia, liberdades individuais e Estado de Direito.

A unidade e a solidariedade irão iluminar o caminho da Suécia como membro da NATO. Partilharemos encargos, responsabilidades e riscos com os outros aliados.

A Suécia tem capacidades únicas para contribuir para a defesa coletiva da NATO: na terra, no ar, no mar. Contribuiremos para a segurança da NATO como um todo, de acordo com a abordagem de 360 graus da Aliança. O nosso apoio à Ucrânia é uma parte fundamental desta abordagem. Estamos a fortalecer toda a nossa Defesa Nacional. A Suécia cumpre a meta da NATO de 2 % do PIB.

A adesão da Suécia à NATO não é um fim, mas sim um começo. Esperamos tornar o mundo mais seguro e mais livre, juntamente com os nossos aliados da NATO, incluindo Portugal, tal como foi transmitido na reunião da semana passada, entre os nossos ministros dos Negócios Estrangeiros, em Bruxelas. Estamos muito gratos pelo forte apoio que nos foi dado durante o processo de adesão e esperamos uma excelente colaboração com o novo Governo português.

A adesão da Suécia à NATO não é um fim, mas sim um começo. Esperamos tornar o mundo mais seguro e mais livre, juntamente com os nossos aliados da NATO, incluindo Portugal.”

Embaixadora da Suécia em Lisboa

A estrela pornográfica, o presidente e o pagamento para ficar calada

ESTADOS UNIDOS Donald Trump senta-se, a partir de hoje, no banco dos réus no primeiro processo criminal de um antigo residente da Casa Branca. Em causa não está o encontro sexual que alegadamente terá tido com Stormy Daniels, mas o facto de supostamente ter falsificado registos empresariais para comprar o seu silêncio.

O magnata do mercado imobiliário e estrela de programas de *reality show* Donald Trump e Stormy Daniels, uma atriz de filmes pornográficos, estiveram ambos num torneio de golfe de celebridades no Lago Tahoe em julho de 2006.

Isso não está em causa.

Trump estava a jogar no torneio (terminou em 62.º lugar entre 80 jogadores) enquanto Daniels estava a trabalhar como "rececionista" no *stand* do estúdio pornográfico Wicked Pictures.

Posaram juntos para uma fotografia – Trump com um polo amarelo e boné vermelho do seu clube de golfe e Daniels num *top* preto.

Daniels, cujo verdadeiro nome é Stephanie Clifford, diz que Trump a convidou para a sua *suite* de hotel e que fizeram sexo.

Trump diz que nunca aconteceu.

Avancemos 18 anos no tempo, para o presente. Trump, que está a tentar reconquistar a Casa Branca em novembro, está prestes a reunir-se de novo com Daniels – numa sala de tribunal em Manhattan para o primeiro julgamento criminal de um ex-presidente norte-americano.

Estes são os acontecimentos que levaram ao caso politicamente explosivo.

Lago Tahoe

No seu livro revelador de 2018, *Full Disclosure*, e num novo documentário no canal Peacock, *Stormy*, Daniels reconta o seu encontro fatídico com Trump no *resort* do Nevada.

Daniels tinha então 27 anos e Trump 60. A sua terceira mulher, Melania, tinha dado à luz o filho de ambos, Barron, quatro meses antes. Daniels disse que um dos guarda-costas de Trump a convidou para jantar com a estrela de *The Apprentice* no seu quarto de hotel.

Numa entrevista para o documentário, Daniels contou que tinham tido uma "boa conversa" que "não era nada sexual" e que Trump mostrou interesse na parte dos negócios da indústria pornográfica.

"Ele disse-me que eu lhe lembrava a filha", afirmou. "Pensei que havia um respeito mútuo. Daí que tenha sido alucinante que, sem qualquer sinal de alerta durante a conversa, quando saí da casa de banho e me vi encurralada."

ETHAN MILLER / GETTY IMAGES / AFP

MEGAN BRIGGS / GETTY IMAGES / AFP

Stormy Daniels saltou para a ribalta devido ao encontro de 2006 com Trump, mas teve também de enfrentar ameaças de morte. O ex-presidente denuncia uma "caça às bruxas" do procurador.

"Foi horrível, mas não disse que não", explicou. "Não queria, mas deixei que acontecesse."

Daniels disse que ficou em contacto com Trump ao longo do ano seguinte, na esperança que ele cumprisse a promessa de a meter no programa *The Celebrity Apprentice*.

Nunca aconteceu e Daniels contou que, eventualmente, deixou de atender os telefonemas dele.

Revista *In Touch*

Em 2011, quando Trump estava a contemplar uma corrida à Casa Branca contra o democrata Barack Obama, a revista *In Touch* contactou Daniels por causa do encontro no Lago Tahoe.

Daniels fez um exame de polígrafo, que diz que passou, e devia ter recebido 15 mil dólares.

A história nunca saiu, abafada por Michael Cohen, o advogado pessoal de Trump conhecido como "*Pitbull*".

Daniels disse que foi ameaçada pouco depois por um homem num parque de estacionamento em Las Vegas, que a avisou para "deixar Trump em paz".

Silêncio comprado

A história do Lago Tahoe reapareceu nos últimos dias da campanha presidencial de 2016, na qual Trump era o candidato republicano. Isto numa altura em que já estava a enfrentar críticas pelos comentários feitos num vídeo do programa *Access Hollywood*, no qual se vangloriava de poder "agarrar" as mulheres "pelas vaginas".

O *National Enquirer*, um tabloide detido por um aliado de Trump, descobriu que Daniels estava à procura de licitantes para a história potencialmente prejudicial sobre o seu encontro sexual com Trump. O tabloide pô-la em contacto com Cohen. O advogado, que desde então se virou contra Trump, admitiu ter arranjado 130 mil dólares para pagar a Daniels em troca do seu silêncio sobre o encontro de 2006.

Daniels e Trump – sob os pseudónimos Peggy Peterson e David Dennison – chegaram a um acordo de sigilo preparado por Cohen.

Os reembolsos de Trump a Cohen pelo pagamento dos 130 mil dólares estão na base das 34 acusações de falsificação de registos empresariais que ele enfrenta como parte de um esquema para "influenciar ilegalmente as eleições presidenciais de 2016". Trump nega ter feito algo de errado e alega ser vítima de uma "caça às bruxas" política por parte do procurador distrital de Manhattan, Alvin Bragg, um democrata que quer inviabilizar a campanha para o seu regresso à Casa Branca.

Cohen, que cumpriu pena de prisão por evasão fiscal e violação das regras de financiamento de campanhas, e Daniels deverão testemunhar no julgamento de Trump, que começa hoje com a seleção do júri.

Notoriedade

Desde que quebrou o silêncio, Daniels lucrou com a sua notoriedade com uma digressão pelos clubes de *strip* de todo o país, intitulada *Make America Horny Again* – inspirada no lema *Make America Great Again* de Trump. Mas também enfrentou ameaças de morte, o receio pela segurança da filha, o fim do seu casamento, custas legais crescentes e até a traição do seu próprio advogado.

Michael Avenatti enganou agentes literários para que enviassem 300 mil dólares de um adiantamento de 800 mil dólares que ela recebeu pelo seu livro para uma conta que ele controlava.

DN/AFP

O primeiro de quatro processos

O ex-presidente dos EUA, Donald Trump, começa hoje a ser julgado por 34 crimes de falsificação de documentos empresariais, no caso relacionado com os pagamentos feitos à antiga estrela pornográfica Stormy Daniels para calar o caso que ambos terão tido. Cada um dos crimes é punível com até quatro anos de prisão. Trump diz-se inocente e denuncia uma "caça às bruxas". Este é o primeiro dos quatro julgamentos criminais que o ex-presidente enfrenta, sendo considerado o mais fraco – face aos processos sobre as tentativas de anulação dos resultados das presidenciais de 2020 ou o dos documentos secretos em Mar-a-Lago. A seleção dos 12 jurados começa hoje, podendo demorar até duas semanas. O julgamento durará outras seis a oito semanas.

ANATOLII STEPANOV / AFP

Chasiv Yar tem sido alvo de ataques russos.

Ucrânia anuncia reforço das defesas para impedir o avanço russo em direção a Chasiv Yar

GUERRA Alemanha garantiu no sábado que vai enviar para Kiev mais um sistema de defesa antiaérea Patriot.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O comandante-chefe das Forças Armadas ucranianas, Oleksandr Syrskyi, afirmou ontem que as tropas que defendem a cidade de Chasiv Yar, no leste do país, receberam mais armas para travar o avanço do Exército russo, que procura controlar esta cidade estratégica. "Foram tomadas medidas para reforçar significativamente as brigadas com munições, *drones* e equipamento de guerra eletrónica", escreveu no Facebook. Syrskyi havia dito no sábado que a situação tinha piorado "consideravelmente" na frente leste e que os soldados russos tinham intensificado a pressão para tentar conquistar Chasiv Yar.

A cidade, localizada em altitude, fica a menos de 30 quilómetros de Kramatorsk, principal urbe da região controlada pelos ucranianos e que constitui um importante centro ferroviário e logístico. Já ontem, o comandante-chefe das Forças Armadas ucranianas havia declarado que Moscovo estava a concentrar os "seus esforços em romper" as defesas ucranianas a oeste de Bakhmut, cidade tomada pelos russos em maio de 2023 após uma batalha sangrenta.

O objetivo de Moscovo, insistiu Syrskyi, é "tomar Chasiv Yar antes de 9 de maio, dia em que se comemora na Rússia a vitória sobre a Alemanha nazi. Desta forma, as tropas russas "criariam as condições para um avanço mais profundo" em direção a Kramatorsk, referiu o líder militar ucraniano.

A Ucrânia, invadida pela Rússia em fevereiro de 2022, pede há meses aos seus aliados ocidentais mais munições e sistemas de defesa aérea para impedir o avanço de Moscovo. No sábado recebeu uma boa notícia por parte da Alemanha, que anunciou que vai enviar um sistema de defesa antiaérea Patriot "adicional" à Ucrânia para ajudar a proteger-se face ao "aumento dos ataques aéreos russos".

"Devido ao aumento dos ataques aéreos russos contra a Ucrânia, o Governo alemão decidiu reforçar ainda mais a defesa aérea ucraniana" com o envio de um "sistema Patriot adicional", informou o Ministério da Defesa da Alemanha, em comunicado, referindo que a transferência deste sistema começa imediatamente. Este é o terceiro sistema Patriot que Berlim fornece a Kiev. O Ministério da Defesa alemão esclareceu que este carregamento foi feito "a pedido do Governo ucraniano" e em coordenação com os seus aliados.

Em resposta a este anúncio, o presidente ucraniano agradeceu à Alemanha pela "verdadeira demonstração de apoio à Ucrânia num momento crítico" para o país, apelando aos seus aliados para que façam o mesmo. "Sou grato ao chanceler [alemão Olaf Scholz] pela decisão de fornecer um sistema adicional de defesa aérea Patriot à Ucrânia e mísseis" para os sistemas existentes, disse Zelensky.

Ao anunciar a decisão da Alemanha, o ministro da Defesa disse que "o terror russo contra as cidades ucranianas e a infraestrutura do país está a causar um sofrimento imensurável". "Isso põe em perigo o fornecimento de energia à população e destrói a prontidão operacional das Forças Armadas ucranianas", apontou Boris Pistorius.

A Rússia intensificou os seus ataques aéreos contra a Ucrânia. Na quinta-feira, bombardeou instalações energéticas no país, destruindo uma central elétrica na região de Kiev. Com **AGÊNCIAS**

BREVES

Maduro quer mexer na Constituição

O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, anunciou que quer iniciar um debate no país para alterar a Constituição e incluir prisão perpétua para crimes de corrupção e traição. "Quero fazer-lhes uma proposta em que tenho vindo a pensar há um ano e que creio que chegou o momento de a pôr em prática. Muitas vezes, os traidores, os *vende-pátria*, os corruptos, atuam zombando da lei e penso que chegou o momento de uma reforma constitucional para introduzir na nossa Constituição a pena de prisão perpétua por corrupção, por traição e por crimes graves contra o povo", disse. No passado dia 9, o procurador-geral da Venezuela, Tarek William Saab, anunciou a detenção de dois ex-ministros e um empresário suspeitos de corrupção e envolvimento num esquema com criptomoedas no setor petrolífero.

Ataque em Sidney não foi terrorismo

A polícia australiana anunciou ter identificado o autor do ataque que no sábado provocou seis mortos num centro comercial de Sidney: um homem de 40 anos com uma doença mental, afastando, assim, uma eventual motivação terrorista. O comissário-adjunto da polícia de Nova Gales do Sul, Anthony Cooke, declarou que o homem era conhecido das forças de segurança e que "nada" indica uma "motivação particular, uma ideologia" relacionada com o seu ato.
O ataque com uma faca num movimentado centro comercial de Sidney, na Austrália, provocou seis mortos e vários feridos, entre os quais um bebé de nove meses. Joel Cauchi, o agressor, foi morto por uma agente da polícia no local do ataque, o Centro Comercial Westfield Bondi Junction, que estava lotado na hora da tragédia.

Hungria trouxe os *Hungarikum* e mostrou o seu "rosto mais bonito"

LAÇOS A celebração dizia respeito aos 50 anos de restabelecimento das relações entre Portugal e a Hungria, mas política foi minimizada e, a coincidir com a visita do secretário de Estado Zsolt V. Németh, a aposta foi na divulgação dos produtos de alta-qualidade, da gastronomia aos têxteis.

TEXTO **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

A visita de Zsolt V. Németh a Portugal, no ano em que se celebram 50 anos do restabelecimento das relações diplomáticas luso-magiares, teve como grande objetivo a promoção da imagem da Hungria através dos *Hungarikum*, produtos nacionais de elevada qualidade, desde os vinhos e a gastronomia à ourivesaria, passando pela moda, nomeadamente estilistas que usam nas suas criações bordados tradicionais. E houve eventos nos últimos dias em Lisboa, Santiago do Cacém e Setúbal, três municípios geminados com cidades húngaras (Budapeste, Szombathely e Debrecen, respetivamente). Mas a política não esteve totalmente ausente da conversa, sobretudo porque Németh é secretário de Estado e o comissário do primeiro-ministro responsável pela Proteção do Modo de Vida Húngaro e dos Valores Nacionais e, portanto, trabalha de perto com Viktor Orbán.

"Nós húngaros somos muito orgulhosos das nossas tradições. E, por isso, criámos esta categoria de produtos, os *Hungarikum*, para mostrar o rosto mais bonito do país", explica Németh, numa conversa em Lisboa, no Círculo Eça de Queiroz, mesmo antes de uma prova de vinhos húngaros, destinada a mostrar aos especialistas portugueses do setor que a oferta é grande, de tintos e brancos, e que há muito a descobrir além do excelente *Tokaji*, um vinho doce, durante séculos conhecido na Europa como o vinho dos reis.

Orbán e António Costa, apesar de pertencerem a famílias políticas muito diferentes, sempre procuraram manter relações cordiais, e as críticas do Governo socialista português a decisões do Executivo de direita de Budapeste, muitas em choque com a posição maioritária na UE – como em relação à imigração ou o envio de armas para a Ucrânia –, nunca impediram que os dois países procurassem acertar posições quando era o momento dos pequenos países defenderem as ajudas vindas do Orçamento Europeu.

"Estou certo de que vão ter também uma relação muito boa", declarou Németh, questionado sobre Órban e o novo primeiro-ministro social-democrata Luís Montenegro. O PSD e o Fidesz, no poder da Hungria desde 2010, estiveram juntos no Partido Popular Europeu até 2021, quando os conservadores húngaros passaram a integrar, no Parlamento Europeu, o grupo dos não-inscritos, que acolhe 51 dos 705 eurodeputados.

> "Os nossos dois países gostam da liberdade e lutaram pela liberdade. Ambos venceram a ditadura com êxito. E sem sangue", sublinhou o secretário de Estado húngaro, de visita a Portugal.

A relação entre Portugal e a Hungria é velha de séculos, até por se tratar de dois dos países mais antigos da Europa (o rei Estevão I, depois santo, converteu-se ao cristianismo no ano 1000). Luís Vaz de Camões até atribuiu n' *Os Lusíadas* origem húngara à Dinastia Afonsina, o que pode explicar que, já no século XVII, nobres húngaros conhecessem o épico e que, depois de versões em francês, alemão e latim surgirem em bibliotecas do reino, a primeira tradução completa acontecesse ainda no século XIX, segundo escreveu Ernesto Rodrigues, romancista, poeta e ensaísta grande conhecedor da língua e cultura magiares.

Mais próximo de nós, durante a Segunda Guerra Mundial, o embaixador português em Budapeste ajudou judeus húngaros a escapar do nazismo e há hoje uma placa que homenageia Sampaio Garrido na Sinagoga da capital húngara.

As relações diplomáticas só foram reatadas depois do 25 de Abril de 1974, quando o regime comunista mandava ainda na Hungria, resultado da influência soviética pós-Segunda Guerra Mundial e que durou até 1989, com um jovem Orbán, então de ideologia mais liberal, a ter um papel importante na transição para a democracia. "Os nossos dois países gostam da liberdade e lutaram pela liberdade. Ambos venceram a ditadura com êxito. E sem sangue", sublinhou o comissário governamental, numa conversa em que falou sempre em húngaro e que contou com a presença de uma tradutora húngara que falava português.

Sobre as relações luso-magiares, Németh falou de Carlos Mardel (Martell Károly), arquiteto húngaro que se fixou em Portugal no século XVIII e ajudou tanto à construção do Aqueduto das Águas Livres, como na reconstrução de Lisboa depois do terramoto de 1755. Também disse ter visitado o museu dedicado ao casal de pintores Árpád Szenes e Maria Helena Vieira da Silva, ele húngaro, ela portuguesa. E ainda falou da tradição de treinadores húngaros no Benfica e no Sporting.

Sobre a força da identidade nacional húngara, um país que fala uma língua da família fino-úgrica e está rodeado por países de expressão eslava, germânica e latina (todas da família indo-europeia), o comissário falou da antiguidade da nação magiar (é assim que os húngaros chamam a si mesmos), da sua chegada à Europa em finais do século IX e destacou como, ao contrário de outros povos oriundos da estepe asiática, se tornaram parte da região: "Há dois motivos muito fortes para só as tribos magiares se terem conseguido instalar na Europa e manterem um país até hoje. A adoção do cristianismo e a defesa da cultura." E foi evidente a ênfase posta na vontade de a Hungria "ser um país cristão e querer a paz".

Sobre a guerra na Ucrânia, diz que o país condena a agressão russa, que o impacto é grande na economia nacional, pois o conflito é num vizinho, e sublinhou que a Hungria acolheu centenas de milhares de refugiados ucranianos.

Além dos eventos em Lisboa, Santiago do Cacém e Setúbal, os *Hungarikum* foram também assinalados através da semana gastronómica *Dias da Hungria*, no Hotel Hyatt Regency e com a participação do *chef* Béla Prohászka, e das ações promocionais *Sabores da Hungria*, como a famosa paprica, em supermercados portugueses.

Sobre se considera a música clássica ainda mais importante como arma do *soft power* húngaro do que a gastronomia (como a popular sopa *goulash*), Németh afirmou "nunca ter pensado na música como uma arma, mas que sim, nomes como Ferenc Liszt ou Béla Bartók, mostram como o país tem grande tradição musical". E houve música húngara nestes dias.

Zsolt V. Németh no *Círculo Eça de Queiroz*, em Lisboa.

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

ARTUR MACHADO / GLOBAL IMAGENS

Com a inflação e as taxas de juro em alta, há menos dinheiro para comprar roupa ou calçado.

Insolvências no têxtil e moda mais do que duplicaram no 1.º trimestre

CONJUNTURA A retração dos consumidores está a criar dificuldades aos setores industriais. Das 544 falências até março, 176 são indústrias, 106 das quais do têxtil, vestuário e calçado.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

Portugal registou, nos primeiros três meses do ano, 544 empresas insolventes, mais 40 do que há um ano, o que representa um crescimento de 7,9%. Números globais que escondem realidades díspares em termos setoriais. É que, enquanto a construção, as atividades imobiliárias, o alojamento e restauração e a agricultura tiveram menos insolvências este ano, no caso da indústria, as falências dispararam, impulsionadas pelas dificuldades do têxtil e da moda.

Os dados são da Informa D&B e mostram que, dos 174 processos de insolvência de empresas industriais no primeiro trimestre, 61% são da têxtil e moda, que inclui as indústrias do vestuário e do calçado. Comparativamente ao primeiro trimestre de 2023, assistiu-se a um crescimento de 159% de insolvências nestes setores, com 106 empresas em dificuldades, contra as 41 do ano passado. Um agravamento significativo, sobretudo se tivermos em atenção que, nos 12 meses de 2023, a têxtil e a moda registaram 259 insolvências. No setor industrial como um todo foram 464 falências.

A provar as dificuldades das indústrias ligadas à moda estão os números do desemprego. Em fevereiro, dos 288 658 desempregados inscritos nos centros de emprego, quase 56 mil eram oriundos do setor industrial. E, destes, mais de 14 mil eram trabalhadores do têxtil, vestuário e calçado, setores com crescimentos homólogos de inscritos de 8,4%, 12,3% e 80,7%, respetivamente.

Para o presidente da Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP), estes são números que não surpreendem, atendendo às indicações que vai recebendo das "dificuldades em fazer negócio". E que não são exclusivas de Portugal. "Até os nossos amigos turcos se queixam da diminuição de compras", garante Mário Jorge Machado, que esta semana esteve em Bruxelas em reuniões da Euratex, a confederação europeia do setor.

A provar a menor apetência dos consumidores em gastar dinheiro em artigos de moda está a quebra das exportações do têxtil e vestuário, que nos primeiros dois meses do ano caíram 8,4%, ficando-se pelos 925 milhões de euros, mas também as importações, que recuaram 10,2% para 741,8 milhões de euros.

Há setores onde as insolvências estão a regredir, como é o caso das atividades imobiliárias, com menos de metade das falências do ano passado, e a construção.

"Não estamos sozinhos, o que, não sendo bom, é menos mau. Poderia ser um problema de a nossa economia estar desadequada às tendências de crescimento global. Assim, entende-se que não é um desajustamento do nosso tecido industrial, estamos, sim, é a passar uma fase negativa na Europa", refere o responsável, sublinhando: "Se compararmos o crescimento económico europeu em 2023 com o americano, só temos de ficar envergonhados. Os números europeus são um desastre."

Mário Jorge lembra que a China "está a dar grandes incentivos à indústria" para conseguir que os seus produtos cheguem mais baratos à Europa, e que os Estados Unidos estão, igualmente, a "dar grandes apoios para estimular o crescimento" da sua indústria, o que faz com que a Europa, "muito pressionada" por estes dois grandes blocos, "esteja a ficar para trás".

Apesar de tudo, o empresário acredita que o sentimento nos negócios em março já esteve "ligeiramente melhor" e o lado bom da situação é que a indústria portuguesa não está a perder clientes. Pelo contrário, há novas marcas a quererem deslocalizar a sua produção para Portugal, assegura. A questão é mesmo conjuntural, decorrente do enorme arrefecimento económico provocado pela guerra na Ucrânia e pelo agudizar do conflito israelo-árabe. "Estamos com níveis de poupança recorde na Europa, o que prova que os consumidores estão com uma atitude de grande precaução", diz.

Do novo Governo, Mário Jorge Machado pede ajuda para acesso a crédito bonificado e a simplificação dos programas de formação, de modo a auxiliar as empresas "nesta travessia do deserto". Até porque, lembra, "as empresas portuguesas estão agora com dificuldades agravadas face às suas congéneres europeias, porque, ao contrário do resto da Europa, que deu ajudas a fundo perdido na pandemia, Portugal concedeu sobretudo crédito, que agora tem de ser pago".

Também a APICCAPS, a associação do calçado, fala num "reajustamento necessário" do tecido industrial face a um enquadramento internacional "particularmente adverso". "Estamos a falar de setores altamente exportadores e, por isso, muito dependentes da evolução dos mercados externos. E, em particular no calçado, os nossos principais destinos tiveram comportamentos muito frágeis, o que penaliza as nossas exportações", afirma Paulo Gonçalves, sublinhando que o setor aguarda por melhores dias no comércio internacional.

Mas há também quem esteja a atravessar um bom momento. É o caso da construção e das atividades imobiliárias que, em conjunto, registaram, este ano, 82 empresas insolventes, contra as 104 do primeiro trimestre de 2023. O presidente da Confederação Portuguesa da Construção e do Imobiliário (CPCI) aponta o "bom estado do setor", à boleia das obras do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) e de "algum crescimento" na habitação.

"O setor não tem, neste momento, problemas de trabalho. Temos falta de mão-de-obra, temos os materiais mais caros, mas não falta trabalho", diz Reis Campos, lembrando que, nos tempos da *troika*, a realidade era distinta e o setor perdeu 43% das suas empresas e mais de 250 mil trabalhadores. Hoje é constituído por 98 mil empresas e cerca de 630 mil trabalhadores.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Sporting podia ter comprado Geny Catamo por 600 mil euros... agora ofereceu 2,5M€

IMBRÓGLIO Rafik Sidat trouxe o jogador para Portugal e conta ao DN como o negociou com o clube leonino e por que considera que o Amora está a complicar o negócio. Leões têm 25% e querem comprar a totalidade dos direitos económicos.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

O Sporting podia ter comprado a totalidade do passe de Geny Catamo por 600 mil euros. Mas não o fez e agora está envolvido num imbróglio difícil de perceber e resolver. O clube leonino já quadruplicou o valor estabelecido no contrato inicial com o Amora, tendo oferecido 2,5 milhões de euros para tentar adquirir a totalidade dos direitos económicos do internacional moçambicano de 23 anos, avaliado em oito milhões de euros pelo *site* Transfermarkt. Mas o emblema do Seixal quer cinco milhões pelos 75% do passe.

Zuneid Rafik Sidat negociou o acordo com os leões e explicou ao DN todo o processo e como ofereceu 25% para garantir que o jogador ficaria em Alvalade o tempo suficiente para mostrar todo o seu talento, como se viu quando decidiu o dérbi lisboeta da 28.ª jornada da I Liga (2-1).

Nascido em Maputo, a 26 de janeiro de 2001 (23 anos), Geny Cipriano Catamo, filho de uma educadora (Quitéria) e de um polícia (Cipriano), começou a jogar futebol no Maxaquene – antigo Sporting de Lourenço Marques, onde despontou Eusébio –, mas rapidamente foi para a Associação Black Bulls, que tinha um protocolo com o FC Porto, e assim o extremo descobriu o caminho do futebol português em 2018.

"Não sei por que não ficou no FC Porto, apesar de haver o tal protocolo, mas depois disso recebi a chamada de um dos investidores do Amora a perguntar se teria espaço para o Geny. Eu já o conhecia e sabia do talento do miúdo, mas quis falar com ele, porque sei que o jogador moçambicano precisa de tempo para se adaptar a Portugal e sabia que ele era um jogador com uma autoconfiança e uma autoestima elevada. Percebi que poderia ser complicado para ele jogar numa divisão não-profissional. Disse-lhe que se fizesse o que sabia fazer e tivesse paciência acabaria no Benfica ou Sporting", contou ao DN o antigo administrador do Amora, feliz por o tempo lhe ter dado razão.

No primeiro jogo como júnior do Amora, a equipa estava a ganhar e Geny aqueceu 45 minutos e não saiu do banco. No segundo jogo, a mesma coisa, a equipa ganhou e ele esteve 30 minutos a aquecer e não entrou.

"Ele estava cego, partia tudo, se isso fosse possível. Eu e o treinador tivemos uma conversa com ele, e percebeu que a equipa era o importante. No jogo a seguir estávamos a perder 1-0 com o Sacavenense e o treinador lançou o miúdo. Meu Deus, sozinho virou o jogo. Foi uma coisa abismal, há muitos anos que não via um júnior sozinho virar o jogo daquela forma", relembrou Rafik Sidat.

Geny marcou dois golos no jogo com o Benfica e deu a vitória ao Sporting no dérbi.

MÁRIO VASA / GLOBAL IMAGENS

O complexo contrato

Geny começou então a destacar-se e teve a oportunidade de treinar com a equipa principal do Amora. "O Pedro Russiano disse-me: 'O miúdo tem de jogar aqui, não sai mais daqui.' E ele ganhou o espaço dele assim."

Entretanto surgiu o interesse do Benfica, mas as conversas não evoluíram e, em 2019, surgiu o Sporting. "O acordo foi simples: empréstimo de um ano com opção de compra. E no final dessa época o Sporting podia exercer a opção de compra de 90% do passe do jogador, ficando o Amora com 10%. Mas nessa altura o Amora só já tinha 15% dos direitos económicos e os outros 85% eram, e são, da Associação Black Bulls. E é esse o contrato que está registado na FIFA", segundo Rafik Sidat, que recusou revelar os valores de cada *tranche* acordada.

Dos juniores, o extremo passou para a Equipa B leonina e depois foi cedido ao Vit. Guimarães (dez jogos e um golo) e Marítimo (11 jogos e um golo) até voltar a Alvalade.

A certa altura, o então líder do Amora percebeu que o Sporting não iria exercer a opção de compra. "Falei com o Paulo Gomes, diretor da Academia, e propus oferecer 25% dos direitos económicos, podendo o Sporting comprar o restante ao longo dos três anos, conforme estava parcelado no acordo inicial. Por isso o Sporting tem 25%. Sem o contrato que fizemos, provavelmente o Sporting já teria dispensado o Geny", garantiu Rafik.

Entretanto, os investidores moçambicanos saíram do Amora e venderam a sua participação, e os leões assinaram contrato com Geny – renovado em dezembro, válido até 2028 e com uma cláusula de rescisão de 60 milhões de euros – e tentaram adquirir a totalidade do passe... mas esbarraram num verdadeiro imbróglio burocrático.

"Apareceu em cena um senhor acionista do Amora a tentar inflacionar o valor, quando ele só tem de receber e pagar aos Black Bulls e aos antigos donos o resto. O Amora é um veículo para receber e pagar, porque os contratos estão registados. As pessoas que estão lá não têm direito a nada. Eu acredito que isto se vai resolver, mal ele saia do Amora", crê o empresário moçambicano.

Para tentar desbloquear a situação, o Black Bulls pediu esclarecimentos à FIFA para perceber se pode fazer o negócio diretamente com o Sporting, porque não quer prejudicar o clube leonino ou o jogador, que agora é representado pelo irmão de Daniel Carriço, ex-jogador dos leões. "O Sporting tendo 25% dificilmente vai vender o jogador, mesmo que apareça amanhã o Real Madrid interessado", atirou Rafik, lembrando as declarações de Rúben Amorim a dizer isso mesmo.

isaura.almeida@dn.pt

Recuar 77 anos para ver mais golos

Com os quatro golos marcados ao Gil Vicente na abertura da 29.ª jornada da I Liga, o Sporting chegou aos 127 golos marcados em todas as competições, o sexto melhor registo de sempre. O melhor registo de sempre pertence à época de 1946-47, no início da *Era Cinco Violinos*. Sob o comando do inglês Robert Kelly, o Sporting marcou 160 golos em 36 jogos. Esta época leva 127 golos em 47 jogos, quando ainda tem sete jogos por disputar entre campeonato e final da Taça. Rúben Amorim já reconheceu a importância que os golos no campeonato podem ter para o apuramento de campeão em caso de igualdade pontual e no confronto direto (esta situação verifica-se nesta altura com o Benfica, que jogou ontem com o Moreirense). Os leões têm 83 golos na I Liga, mais 19 que as águias (62).

BAYER LEVERKUSEN

A festa do título dos *farmacêuticos*, que chegaram finalmente ao título.

Xabi acabou com o *Neverkusen* e o reinado bávaro

BUNDESLIGA Bayer Leverkusen goleou Werder Bremen e sagrou-se campeão alemão ao fim de 11 títulos consecutivos para o Bayern de Munique.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Não havia melhor forma de festejar os 120 anos de história. A farmacêutica Bayer, fundada em 1863, tem a sua sede em Leverkusen e dá nome ao maior clube da cidade e um dos maiores da Alemanha desde 1904, quando aceitou o pedido de seus funcionários para a criação de um clube. Nasceu como Turn-und Spielverein Bayer 04 Leverkusen, atualmente Bayer 04 Leverkusen Fussball GmbH – abreviando, chama-se Bayer Leverkusen e é o novo Campeão Alemão.

A equipa liderada por Xabi Alonso festejou ontem o título, após golear o Werder Bremen (5-0) na 29.º jornada da *Bundesliga*, quando faltam jogar cinco rondas e tem já 16 pontos de avanço sobre Bayern Munique e Estugarda. Mas estes *farmacêuticos* não são apenas campeões, são os terceiros mais precoces. O Bayer foi campeão ao fim de 29 encontros, um feito só superado pelo rival Bayern Munique em duas ocasiões – na época 2012-13, com 28 rondas, e em 2013-14, depois de 27 jornadas.

O emblema estreou-se na *Bundesliga* em 1979 e nunca desceu, tendo ganho a alcunha de *Neverkusen* – "eterno segundo" ou "eterna noiva" – devido à tendência para falhar a conquista de títulos na fase das decisões. Foi ao pódio 11 vezes e foi segundo classificado por cinco vezes – a última em 2010-11 e outras quatro entre 1996-97 e 2001-02 (época em que perdeu também a final da *Champions* para o Real Madrid).

Em 1999-00, os *farmacêuticos* precisavam de apenas um ponto na última jornada para serem campeões, mas acabaram por perder com o Unterhaching... e o Bayern Munique venceu o campeonato pela diferença de golos.

Esta temporada, no entanto, o Leverkusen acabou (finalmente, dirão os adeptos) com o reinado dos bávaros, que há 11 anos festejavam sem oposição. E fê-lo sob a liderança de Xabi Alonso, um ex-astro do Real Madrid que terminou a carreira de jogador no verão de 2017, aos 35 anos, precisamente no Bayern Munique.

> Segundo classificado por cinco vezes na *Bundesliga*, os *farmacêuticos* chegaram finalmente ao título, muito graças ao talento do técnico Xabi Alonso.

O técnico mais cobiçado do momento no futebol europeu começou nos Sub-14 do Real Madrid, em 2018, e um ano depois aceitou regressar à sua Real Sociedad, para treinar a Equipa B dos bascos, onde ficou durante três anos.

Já decorria a época 2022-23, quando surgiu um convite irrecusável: render o suíço Gerard Seone no Bayer Leverkusen. Surpreendeu ao levar a equipa desde os lugares de descida até ao 6.º posto da *Bundesliga*. Agora superou tudo e todos ao fazer dos *farmacêuticos* finalmente Campeões.

Xabi Alonso bebeu os ensinamentos de Rafa Benítez, Pep Guardiola, José Mourinho e Carlo Ancelotti e criou o seu próprio método: o jogador é livre para jogar e interpretar o jogo, seguindo os fundamentos *tiki-taka* (recebe e passa) e do *gegenpressing* (pressão sobre o adversário e a bola).

Com contrato até 2026, o técnico foi sondado por Liverpool, Real Madrid e Bayern Munique, o CEO do Bayer disse que não lhe iria abortar os sonho, mas Xabi Alonso quer ficar mais uma época, para jogar a *Champions* como Campeão da *Bundesliga*.

O sucesso da equipa esta época teve destacadas contribuições do ex-Benfica Grimaldo, autor de 11 golos, do defesa Jonathan Tah ou do médio Granit Xhaka, mas também do jovem Florian Wirtz, que ontem fez um *hat-trick* ao Bremen.

É o terceiro grande título do Bayer Leverkusen, depois de ter vencido a Taça UEFA em 1988 e a Taça da Alemanha em 1993. Dois troféus que esta época ainda ambicionam conquistar. A equipa está na final da Taça da Alemanha e ainda está na Liga Europa (herdeira da Taça UEFA).

isaura.almeida@dn.pt

FPF

Sporting vence dérbi feminino

O Sporting venceu ontem o dérbi lisboeta da 19.ª jornada da Liga BPI e relançou a luta pelo campeonato com o Benfica. As leoas foram mais eficazes e inauguraram o marcador aos 28 minutos por intermédio de Raphino. Em cima do intervalo, Joana Martins aumentou a vantagem. O segundo tempo começou com o Benfica a reduzir a desvantagem na marca dos onze metros, graças ao bem-sucedido penálti marcado pela capitã Carole Costa. Aos 64 minutos, Jéssica Silva, que voltou a começar no banco de suplentes, viu um grande golo de chapéu ser invalidado pela equipa de arbitragem e, contra a corrente do jogo, a equipa de Mariana Cabral chegou ao terceiro golo – um grande remate de primeira de Olivia Smith. Perto do fim do jogo, Kika Nazareth atirou ao poste e assim se esfumou a oportunidade para reduzir a desvantagem no marcador. Com o triunfo diante do Campeão, o Sporting aproximou-se da liderança do campeonato, estando agora a dois pontos do Benfica, que tem 47 pontos.
As leoas procuram regressar aos títulos que lhe têm faltado desde que as águias entraram em cena no futebol feminino.

A/GABRIELE MENISA / GABRIELE MENIS

Susto com desmaio de Evan Ndicka

O jogo entre a Udinese e a AS Roma foi suspenso aos 70 minutos, depois de o internacional costa-marfinense Evan Ndicka ter desmaiado em campo. O defesa da Roma, de 24 anos, caiu inanimado e, após a rápida intervenção da equipa médica do clube visitante, foi transportado de maca para fora do relvado, tendo efetuado um gesto com o polegar, para indicar que estava bem. Segundo a Imprensa italiana o jogador não corre perigo de vida.
O treinador da formação romana, Daniele de Rossi acompanhou Ndicka até aos balneários e a partida foi suspensa após regressar ao relvado e ter conversado com os seus jogadores e o técnico adversário e o árbitro. No momento em que o jogo da 32.ª jornada da Liga Italiana de futebol foi interrompido, registava-se um empate 1-1, com golos do argentino Roberto Pereira, aos 23 minutos, para a Udinese, e do belga Romelu Lukaku, aos 64, para a Roma, na qual alinham os portugueses Rui Patrício, Renato Sanches e João Costa, todos suplentes não-utilizados.

“O que fazemos é um trabalho de amor” – os Welchman

CINEMA Estreia-se esta quinta-feira, um dos filmes mais comentados de animação para adultos. Chama-se *Em Nome da Terra* e é o sucessor de *A Paixão de Van Gogh*, onde também se utilizava animação em pintura de óleo feita por cima das imagens. Um filme que aborda questões de ativismo feminista. O DN falou com os realizadores, o casal Welchman.

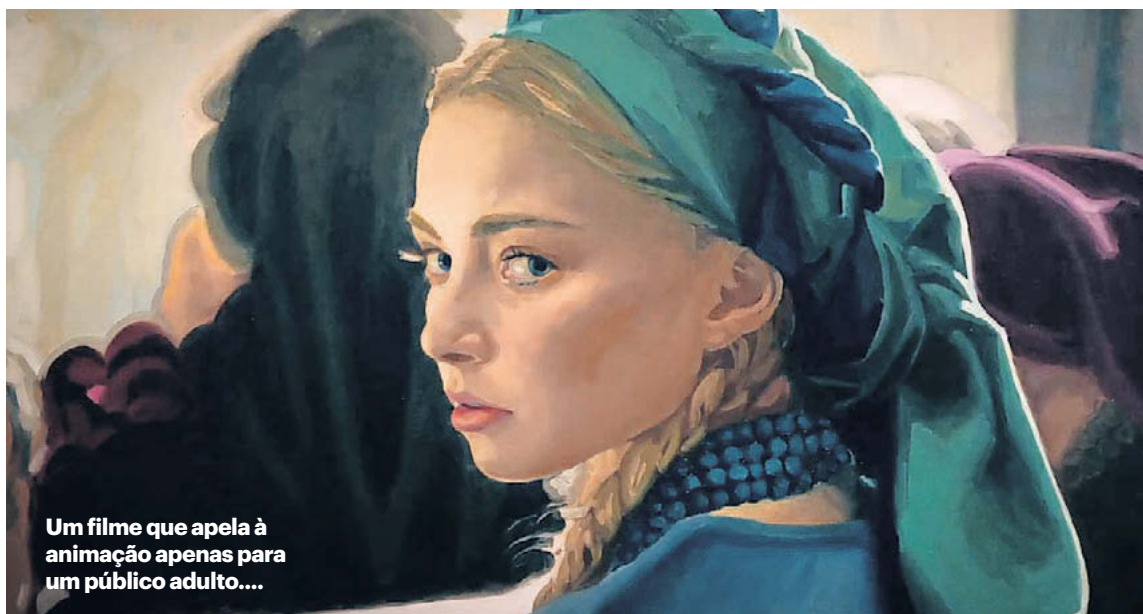
TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

O escritor Prémio Nobel Władysław Reymont (1867-1925) jamais imaginou que o seu livro mais famoso, *Chlopi – Camponeses*, viesse a ser alvo de uma adaptação ao cinema com a mais insuitada técnica digital: desenho à mão pintado sobre as imagens. Aconteceu o ano passado e o filme chega agora aos cinemas portugueses com o título *Em Nome da Terra*, realizador por DK Welchman e o seu marido Hugh, o mesmo casal do sucesso *A Paixão de Van Gogh*, também executado da mesma forma. Se é animação ou truque digital, daí muita discussão pode ser gerada. Há quem proclame beleza suprema, há quem grite bem alto que é vigarice.

The Peasants, título original, é uma história sobre o patriarcado numa aldeia do interior da Polónia campestre do século passado, acompanhando o percurso de uma jovem que se transforma mulher e é obrigada a um casamento por conveniência com o agricultor mais poderoso da região. Uma menina que se torna um objeto, um troféu para uma sociedade que é conivente com o desrespeito dos direitos das mulheres.

Pelo meio, muitos bailes, muita música etnográfica e um sem número de tragédias pintadas com todas as cores possíveis e em traços diversos de pintura.

Em Nome da Terra, um filme em que a animação é uma proposta concetual..

DIREITOS RESERVADOS

Um filme que apela à animação apenas para um público adulto....

DIREITOS RESERVADOS

A música como ponto de avanço do filme

“De alguma forma, o nosso objetivo é que a música tradicional conduzisse o ritmo do filme, uma música com aquele tom eslavo e folclórico, onde não quisemos também deixar de parte os coros ucranianos e sérvios . Estávamos a adaptar uma obra literária pesada e muito longa, incluindo um casamento que dura três dias, uma batalha gigante e bastantes momentos de dança apaixonantes – havia que condensar todo aquele drama das 900 páginas do romance! A DK é que foi perita em montar o filme e tinha de ter todas certezas, pois isso de fazer filmes com pintura de óleo por cima traz-nos um problema: demora um montão de tempo, mesmo que tenha ótimo aspeto. Diria que são para aí umas cinco horas por cada frame...Por muito que quiséssemos acalmar a coisa, continuavam a dizer-nos que estávamos a ser frenéticos demais”, começa por nos dizer da Polónia via Zoom o realizador.

Quem entrar neste mundo de gritos e movimento tem de se proteger com o efeito de tontura...

> “De alguma forma, o objetivo é que a música tradicional conduzisse o ritmo do filme, uma música com aquele tom eslavo e folclórico, onde não quisemos também deixar de parte os coros ucranianos e sérvios.

Polónia, Portugal...

O britânico Hugh Welchman acha que o filme tem também um eco universal.

“Apesar de a Polónia ser diferente de Portugal, se visitássemos uma área rural de Portugal no começo do século passado não seria muito diferente. Aposto que toda esta questão de certas instituições e do patriarcado faz ressonância com o vosso país.”

Logo de seguida, quando surge a pergunta de como resolvem, quando as opiniões são diferentes no casal, Hugh exclama que é a mulher quem decide em última instância. “Eu!? Tu tomaste muitas decisões a nível musical!”, grita DK.

“Sim, a maioria dos nossos conflitos criativos acontece na fase da escrita, Normalmente, escrevemos os argumentos na varanda da nossa casa, no norte da Polónia. Começámos a escrever este filme num verão cheio de tempestades, algo estranho, pois na Polónia não chove tanto como no Reino Unido. E foi aí que tivemos algumas discussões bem acesas, mas depois disso é raro estarmos em desacordo. Em termos de arte, a DK é uma pintora com treino e, aí, nunca me meto. Posso apenas sugerir isto e aquilo. Para mim, o melhor de fazer estes filmes é fazê-los em conjunto.”

Ainda sobre essa questão, a realizadora volta a atacar: “Quando percebo que não tinha razão fico muito frustrada. Mas claro que nos respeitamos, caso contrário isto não resultava. Para já, está a dar bons resultados em dois filmes. O que fazemos é um trabalho de amor.”

DK diz-se muito honrada por fazer parte dos primeiros cineastas que usa esta técnica de animação e vai admitindo que gostava de produzir para outros pioneiros: “Este é um estilo de animação que ainda está a evoluir. Quando em 2020 lançámos o primeiro trailer concetual para este projeto, aquilo era uma tentativa cómica para chegarmos a este resultado. Ainda estávamos demasiado próximos do estilo de *A Paixão de Van Gogh*, mas depois arranjámos novos pintores que eram um pouco mais impressionistas e com um estilo mais solto. Obviamente, pesquisámos e estudámos novas possibilidades. Neste processo, que demorou anos, os nossos pintores ficaram melhor preparados. Nos últimos meses da produção é que achei que agora é que era. Agora é que deveríamos começar esta produção... Enfim, percebemos melhor a técnica tarde demais. Ao que parece, com o filme anterior , tinha dito o mesmo”.

Como se não fosse uma animação...

A realizadora continua explicando que filmaram tudo com atores de grande calibre e cenários e iluminação com a qualidade perfeita para um filme de imagem real. A parte da pintura veio mesmo muito depois.

“O nosso diretor de fotografia quis iluminar as imagens da forma mais pictórica possível e os atores representaram da mesma maneira como se estivessem num filme de imagem real”. O que é curioso é que o efeito de *Em Nome da Terra* passa por uma sensação de nos esquecermos de que tudo aquilo é imagem digital pintada a óleo...

Por fim, antes de se carregar no *click* do desligar desta chamada virtual, os realizadores ficam espantados pelo título português. Espantados pela positiva.

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Massimo Mazzeo

"Barroco é uma extraordinária civilização da imagem e do som a chegar ao coração"

MÚSICA SACRA O ciclo de concertos *Lisboa Música Antiga* tem a sua abertura já dia 18 de abril, na Capela da Bemposta, com Andreas Scholl. O maestro Massimo Mazzeo, diretor artístico, convida aqui à descoberta.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

O ciclo *Lisboa Música Antiga* vai trazer novos sonantes da música clássica a Lisboa?
O meu principal objetivo é criar um espaço pluralista, onde o verdadeiro protagonismo é dado à estética e à qualidade do artista, da escolha dos programas e dos espaços. Os grandes nomes estão presentes, porque é necessário dar a esta iniciativa um alcance e uma credibilidade que os artistas de renome ajudam a determinar. Dito isto, há nesta série de concertos uma justa alternância entre artistas lendários, artistas portugueses e jovens artistas, maioritariamente portugueses, que farão parte do mesmo cartaz com igual dignidade. Logo no primeiro evento, encontramos verdadeiras lendas como Andreas Scholl (no concerto de abertura a 18 de abril) ou Ton Koopman (a 27 de abril). Os artistas atuarão num espaço muito intimista, se comparado com as grandes salas. Penso que esta seja uma novidade. Alguma vez se viu um concerto de Andreas Scholl atuar a metros do público? Acho que vai ser emocionante. O mesmo se aplica ao maestro Koopman, que não vem a Lisboa como organista desde 1994. Quantos de nós o viram recentemente ao órgão? Um pequeno pormenor: Ton Koopman vem a Lisboa durante um período muito complexo de compromissos profissionais. Aceitou, no entanto, fazer este concerto porque, na sua opinião, aquele instrumento (o órgão Machado e Cerveira da Basílica dos Mártires) merece qualquer esforço.

O que define a música barroca?
O Barroco configura-se como uma extraordinária civilização da imagem e do som, orientada para atingir e envolver um vasto público, a fim de conquistar o seu consentimento com a força do espanto, da persuasão e da emoção. O dinamismo formal, a exuberância decorativa, o ilusionismo, a integração das artes e a teatralidade são as principais características da sua linguagem. Através de celebrações que se transformam em espetaculares rituais de massas, procurava-se exorcizar o medo do vazio e da morte. As igrejas revestem-se de mármore, de colunas retorcidas, de estuques dourados, de monumentos articulados, de música grandiosa e de coros majestosos.

A escolha dos locais dos concertos, nomeadamente igrejas, conventos ou capelas, tem que ver com o tipo de música?
É certo que os locais escolhidos estão intrinsecamente ligados ao repertório. Do meu ponto de vista, a beleza deve ser vista através do som para chegar ao coração. No caso específico destes concertos, alguns dos espaços que estarão abertos ao público são verdadeiras maravilhas, como pérolas num colar precioso. Muitas pessoas desconhecem a existência ou nunca tiveram a oportunidade de entrar neles. Por exemplo, conhece a Capela da Bemposta? Ou o Convento dos Cardães? Garanto-lhe que o deixam sem fôlego. Sem esquecer a Basílica dos Mártires, com o seu magnífico órgão monumental, ou a Igreja do Sacramento, sumptuosamente restaurada. Permitam-me que deixe aqui uma palavra de agradecimento às paróquias e congregações que trabalharam arduamente para que estes espaços fossem abertos para este projeto. A Academia Militar, a Associação da Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, e as Paróquias dos Mártires e do Chiado

O preço médio do bilhete é de 15 euros. Como é possível perante tanta qualidade do programa? Tem que ver com mecenas?
Pela qualidade que queremos propor, o preço dos bilhetes é muito honesto. Posso tentar explicá-lo da seguinte forma: acredito que a Cultura deve ser uma escolha, profunda e convencida. A melhor política cultural é a do cidadão que determina as suas escolhas. Defendo que uma interação saudável entre o público e o privado é a chave para uma política cultural de alto nível, onde os interesses estéticos, de gestão e sociais podem interagir-se de forma virtuosa. O ciclo de concertos que estamos a abrir esta semana é subsidiado quase na totalidade pelo mecenato privado, pela Fundação La Caixa, pela Stone Capital e pela Generali Tranquilidade seguros. Agradeço a estes visionários que, tal como na época do Renascimento, acreditam firmemente que o que é gerado pela economia pode ser transformado e reintroduzido na sociedade em termos de "valores" e de cultura. Além disso, duas juntas de freguesia, de Arroios e da Misericórdia, também se associaram a este projeto de forma idealista e socialmente responsável pois, mesmo que o preço dos bilhetes seja muito acessível, há sempre quem não tenha possibilidades materiais, educativas ou físicas para se permitir estes momentos. Agradeço a estas instituições o facto de fazerem um esforço para proporcionar momentos de rara beleza a pessoas que normalmente não têm essas possibilidades.

> *"Afinal o que conta é o que chega aos nossos ouvidos e, no caso dos nossos concertos, também aos nossos olhos. Na música barroca, isso é mais evidente do que nunca."*

Como é que um maestro italiano escolhe Portugal para viver e trabalhar?
No fim de contas, foi uma feliz coincidência. Tinha vindo visitar uns amigos músicos, depois de muito vaguear pela Europa. Pareceu-me que havia uma bela simbiose, e osmose, entre o passado e o futuro, onde, no presente, era possível plantar uma semente. Pareceu-me muito poético. E fiquei

A sua orquestra barroca Divino Sospiro está também no programa. Os portugueses gostam de música barroca?
Permita-me que fuja à resposta, pois penso que a questão deve ser hoje colocada em termos diferentes. O público português gosta certamente de ter experiências culturais significativas, quer compreender a narrativa que um evento pode desenvolver. Nesse sentido, creio que a música barroca preenche completamente esses requisitos; música cheia de estética e retórica, de uma capacidade narrativa sem paralelo. É famosa a fórmula de Santo Agostinho: "*Musica est scientia bene modulandi*". Assim, a música é uma ciência que consiste em saber "modular" os sons de forma harmoniosa. "*Bene modulandi*" é entrar em consonância com a harmonia celeste, que para Santo Agostinho não é apenas um facto material, mas também espiritual. O que é poderoso, na música, é que isto se aplica tanto àqueles que a praticam, cantando, tocando, como àqueles que a ouvem e vêm os procedimentos da civilização serem postos em prática. Mas, afinal o que conta é o que chega aos nossos ouvidos e, no caso dos nossos concertos, também aos nossos olhos. Na música barroca, isso é mais evidente do que nunca.

Quais são os grandes compositores portugueses de música barroca? Alguma obra vai ser tocada?
Para mim é impossível enumerar. Um dos méritos da "*baroque renaissance*" foi o facto de, para além da redescoberta da prática historicamente informada, ter trazido à luz do dia tantos compositores excecionais esquecidos. Neste sentido, gostaria de prosseguir nessa via. É por isso que poderemos ouvir música inglesa do século XVII, ou as sinfonias de Leonora Duarte, os Salmos de David do Benedetto Marcello, e até as peças para órgão de Sweelink ou Buxtehude. Quanto às minhas preferências, seriam demasiadas para as enumerar. Limito-me a Monteverdi, Giovanni Bononcini, Bach (como não podia deixar de ser), Händel. Mas o meu preferido é Josquin des Prés, um renascentista franco-flamengo

Na pintura *zen* são precisos anos de prática para não fazer quase nada

EXPOSIÇÃO Como é que se faz uma obra de arte cantar? Deixe que a sua mente inconsciente o faça. É esta a mensagem de uma mostra sedutora na Japan Society.

TEXTO **WILL HEINRICH,** *THE NEW YORK TIMES*

NAHO KUBOTA - JAPAN SOCIETY VIA THE NEW YORK TIMES

Dois pintores de longa data contaram-me recentemente como as suas práticas de estúdio se tornaram alegres na casa dos 40 anos, depois de se libertarem das suas ambições, de deixarem de tentar impressionar alguém e de deixarem os quadros pintarem-se a si próprios. Eu próprio tenho andado a tentar trabalhar dessa forma, por isso fiquei entusiasmado ao encontrar as memoráveis demonstrações de espontaneidade artística sem encargos, que estão espalhadas em *None Whatsoever: Pinturas Zen*, da Coleção Gitter-Yelen, na Japan Society.

A peça central da exposição é uma sala repleta de obras de Hakuin Ekaku (1686-1769), o sacerdote *zen* budista a quem se atribui a origem da prática do *zenga*, uma abordagem de desenho animado à pintura a tinta, que mistura pequenas explosões de caligrafia com figuras da mitologia chinesa e da história budista. As suas pinturas estão rodeadas por quatro séculos de obras dos seus antecessores e seguidores, todos praticantes *zen* que utilizaram a pintura com tintas para divulgar as suas doutrinas, com alguns artistas ancestrais do século XX, e um conjunto de almofadas de meditação para os visitantes que queiram realmente mergulhar na obra. Mas por mais encantadoras que sejam muitas dessas peças, enquanto pinturas, nenhuma tem a perfeição autopropulsora do *Daruma Gigante*, de Hakuin.

Este nada contém além do necessário para comunicar as ideias em questão – neste caso, os atributos convencionais do *Daruma*, que são orelhas compridas, testa larga, uma expressão de profunda concentração que beira a raiva e uma barba. O resultado é um traço sem erros: mesmo que caia exatamente onde precisa de estar para fazer a imagem, treme com uma vitalidade que é convincente por si só.

É claro que nem mesmo Hakuin acerta sempre. Numa das primeiras tentativas, Kannon, o *bodhisattva* da compaixão, flutua sobre flores coloridas sob um grupo de carateres chineses velozes, vestindo uma elegante túnica desenhada com um traço já magistral. A pintura no seu todo, apesar de bonita, é exigente e exagerada. Contém mais informação visual do que a necessária.

A simples redução da informação visual também não é suficiente para fazer uma pintura cantar. No século XVII, Isshi Bunshu pintou um retrato de *Daruma*, ou Bodhidharma, o monge indiano considerado o fundador do que se tornou o *Zen*, que consiste em quase nada além do manto do grande homem em silhueta. Mas um pequeno nariz preciso interrompe a simplicidade do manto e o cuidado manifesto com que o próprio manto foi pintado – em várias pinceladas separadas – dá-lhe uma espécie de fragilidade trémula. Essa fragilidade é apelativa, mas revela esforço, não facilidade.

O *Daruma* do final do século XVIII de Ito Jakuchu tem quase tudo: uma testa vasta e vazia, olhos gigantes e esbugalhados, uma pincelada deslumbrante que desvanece o cabelo e um queixo que evoca um traseiro. Mas é possível ver que Ito também estava a ser cuidadoso: o tremor inconfundível da pincelada na testa sugere um processo lento e medido por trás desta imagem gráfica em particular. Não há nada de errado com isso – continua a ser um desenho espetacular –, mas não ilustra exatamente a frase popularizada por Allen Ginsberg: "Primeiro pensamento, melhor pensamento."

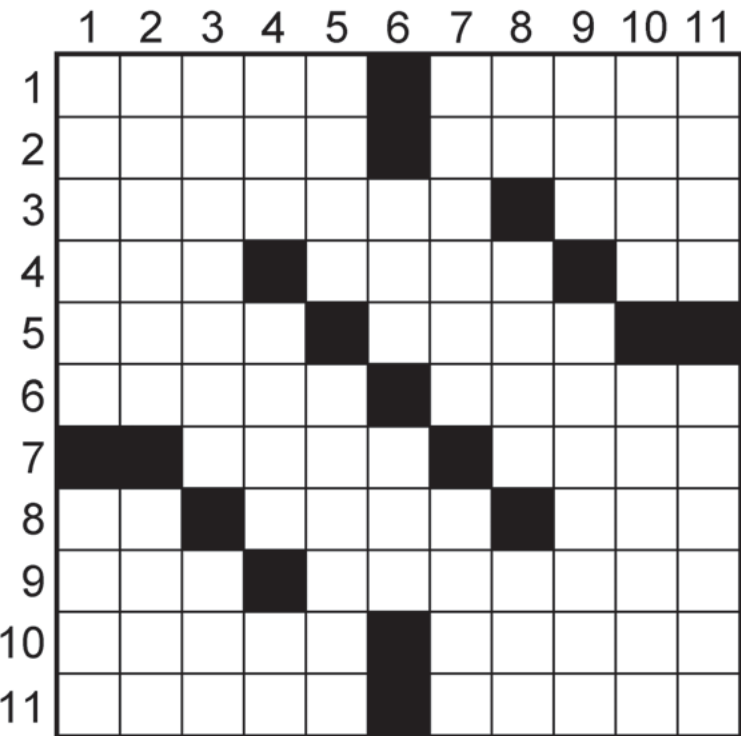
Agora, voltemos ao *Daruma Gigante*, de Hakuin. "Ao deixar de lado o impulso de preencher detalhes interessantes, Hakuin abriu espaço para que a sua mente inconsciente o fizesse. E a mente inconsciente muitas vezes fá-lo melhor. O manto de *Daruma*, no retrato de Hakuin, é uma versão estilizada do caráter japonês para "coração", que ecoa a caligrafia acima dele. Diz: "Aponte diretamente para o coração humano, veja a sua natureza e torne-se Buda". Os seus altos e baixos, semelhantes a uma montanha-russa, ilustram a natureza turbulenta da vida dualista.

A qualidade fina e cinzenta do rosto do velho sugere que mesmo a identidade de um mestre *zen* é evanescente, enquanto a intensidade escura dos seus olhos capta a persistência intemporal da sua compreensão. Uma série de pinceladas bonitas e emplumadas juntam-se na parte inferior para formar uma barba, fazendo com que o papel esbranquiçado pareça mais branco onde pisca entre elas. Daruma aparece do nada, como se estivesse sempre lá.

É de notar que Hakuin, que também é célebre por ter reavivado sozinho a sua seita *zen* após anos de declínio e por ter introduzido *koans* clássicos como "qual é o som de uma mão a bater palmas", só começou a pintar para o fim dos seus 40 anos.

Este texto foi originalmente publicado no jornal The New York Times

GITTER-YELEN COLLECTION VIA THE NEW YORK TIMES

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Pôr a pé. Guarnecer de ameias. **2.** Erva para alimento do gado. Raciocina. **3.** Fazer passar da boca ao estômago. Organização Mundial de Saúde. **4.** Ente. Cheiro. Angola (Internet). **5.** Junta. Do feitio de ovo. **6.** Ladeira. Acomete. **7.** Ofício. Discursar. **8.** Centímetro (abreviatura). Sequência. Engenheiro (abreviatura). **9.** Aqui está. Planta amarilidácea odorífera. **10.** Rasto luminoso dos cometas. Polipeiro marinho. **11.** Debruar. Gostara muito.

Verticais:
1. Elemento de locução. Primeira porção e a mais larga do intestino. **2.** Vasilha de barro ou metal, em que se cozem os alimentos. Dar mios. **3.** Arte de jogar as armas (sabre e florete). Ponto cardeal. **4.** Aperto com nó. Irra! (interj.). «De» + «a». **5.** Cilindro. Dar com. **6.** Passado. Sétima letra do alfabeto grego. **7.** Sanciona. Anta. **8.** A mim. Pequeno mamífero roedor. Preposição que indica companhia. **9.** Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de vinho. Laje em que se acende o fogo. **10.** Doença respiratória. Fatigar. **11.** Rasteiro. Anel metálico ou de madeira.

SUDOKU

	6	9	5		7		8	
			6			9	5	
7								
					4			5
4		5		6	9	3		
	8	3		5		4		6
		4					3	8
	1		2	3	8		4	
					6			

SOLUÇÕES

3	6	9	5	2	7	1	8	4
1	4	2	6	8	3	9	5	7
7	5	8	9	4	1	2	6	3
6	2	1	3	7	4	8	9	5
4	7	5	8	6	9	3	2	1
9	8	3	1	5	2	4	7	6
2	9	4	7	1	5	6	3	8
5	1	6	2	3	8	7	4	9
8	3	7	4	9	6	5	1	2

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Apear. Amear. 2. Pasto. Pensa. 3. Engolir. OMS. 4. Ser. Odor. Ao. 5. Alia. Oval. 6. Rampa. Ataca. 7. Arte. Orar. 8. Cm. Eito. Eng. 9. Eis. Narciso. 10. Cauda. Coral. 11. Orlar. Amara.
Verticais:
1. Apesar. Ceco. 2. Panela. Miar. 3. Esgrima. Sul. 4. Ato. Apre. Da. 5. Rolo. Atinar. 6. Ido. Eta. 7. Aprova. Orca. 8. Me. Rato. Com. 9. Eno. Lareira. 10. Asma. Cansar. 11. Raso. Argola.

avisos, tribunais e conservatórias

NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Publicita-se a abertura de procedimentos de recrutamento de pessoal para a NOVA School of Business and Economics, aos quais podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

https://www2.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe

- **NOVASBE.CT.31.2024 –** Técnico Superior para exercer funções na área IT & Digital Transformation na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho sem termo.
- **NOVASBE.CT.32.2024 –** Assistente Técnico para exercer funções na área de Financial Services na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho a termo certo.
- **NOVASBE.CT.34.2024 –** Técnico Superior para exercer funções na área de International Affairs da Nova SBE, em regime de contrato individual de trabalho sem termo.

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

REAL ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE LISBOA
Instituição de Utilidade Pública – Fundada em 18 de outubro de 1868
"HUMANITAS VITA NOSTRA TUA EST"
OFICIAL da ORDEM MILITAR da TORRE e ESPADA

ORDEM MILITAR de CRISTO
ORDEM do INFANTE D. HENRIQUE
ORDEM DE BENEMERÊNCIA

ORDEM da LIBERDADE
ORDEM da NOSSA SENHORA da CONCEIÇÃO de VILA VIÇOSA
Única MEDALHA de OURO VERMIL da CIDADE de LISBOA
MEDALHA de MÉRITO PROTEÇÃO e SOCORRO GRAU OURO
MEDALHA de MÉRITO LIGA DOS COMBATENTES

SEDE: Rua das Flores, 101 | 1200-194 LISBOA
QUARTEL: Rua das Flores, 95 | 1200-194 LISBOA
Telefones: 21 346 04 75 / 76 – Central
21 342 17 47 - Secretaria | 21 342 44 08 – Fax
Mat. Cons. R. C. de Lisboa e Contribuinte n.º 500 954 410

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DIA 2 DE MAIO DE 2024

Nos termos do n.º 1 do Art.º 37.º e para efeitos do n.º 1 do Art.º 35.º dos Estatutos, e em conformidade com as competências designadas no Art.º 38.º dos Estatutos, convoco a ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA para o dia 2 de maio de 2024, pelas 20 horas, a qual se não tiver quórum funcionará uma hora depois, em conformidade com o n.º 2 do Art.º 37.º, na Casa da Imprensa, Rua Horta Seca, 20, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1.º – Apreciação, discussão e aprovação do Relatório e Contas relativas ao exercício do ano de 2023.
2.º – Outros assuntos.

Lisboa, 10 de abril de 2024

O Presidente da Direção
Manuel Costa Salema

MEDALHA DE OURO DE MÉRITO TURÍSTICO DE PORTUGAL

CONVOCATÓRIA

Caro Associado,

No exercício da competência definida no n.º 1 do artigo 27.º e nos termos e para os efeitos do disposto no n.º 1 do Artigo 26.º e da alínea e) do Artigo 23.º, todos dos Estatutos, convoco os associados para se reunirem em Assembleia Geral, que terá lugar no Dom Pedro Lisboa, sita na Av. Eng. Duarte Pacheco 24, 1070-110 Lisboa, pelas 14.30 horas do dia 22 de abril do corrente ano, com a seguinte ordem de trabalhos:

– **Discussão e deliberação sobre o Relatório e Contas da Direção e Parecer do Conselho Fiscal referentes ao exercício findo em 31 de dezembro de 2023.**

Informamos que o Relatório e Contas e o Parecer do Conselho Fiscal ficarão disponíveis no *site* da APAVT, em **www.apavtnet.pt**, na zona reservada a Associados.

Se à hora marcada (14.30 horas) não estiverem presentes ou representados pelo menos metade do número de associados, a Assembleia funcionará meia hora depois com qualquer número de associados presentes ou representados.

Com os melhores cumprimentos,

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Rui Pinto Lopes

Lisboa, 15 de março de 2024

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Consulado-Geral do Brasil em Faro

LIVRO: 16
FOLHA(S): 104
TERMO: 3829

EDITAL DE CASAMENTO

ILTON GARCIA SILVEIRA, vice-cônsul do Brasil em Faro, usando das atribuições que lhe confere o art.º 18 da Lei de Introdução às normas do Direito Brasileiro (Decreto-Lei n.º 4.657, de 4 de setembro de 1942), faz saber que pretendem casar JOSÉ BISMARK SILVA DE OLIVEIRA, natural de Recife, Pernambuco, Brasil, nascido em 17/03/1991, filho de Virgínia Valeria Pereira da Silva e de José Marcos de Oliveira, e SABRINA FERREIRA GONÇALVES, natural de Buritis, Rondônia, Brasil, nascida em 12/03/2001, filha de Silvana Ferreira e de Sebastião Gonçalves da Silva.

Os nubentes apresentaram os documentos exigidos pelo art.º 1.525 do Código Civil (Lei n.º 10.406, de 10 de janeiro de 2002).

Se alguém souber de algum impedimento, oponha-o na forma da Lei.

Eu, IGOR LEAL PINTO, oficial de Registro Civil *ad hoc*, lavrei o presente para ser publicado na imprensa local e afixado em lugar visível da Chancelaria deste Consulado-Geral.

O Oficial de Registro Civil *ad hoc*

TRIBUNAL DA CONCORRÊNCIA, REGULAÇÃO E SUPERVISÃO

JUÍZO DA CONCORRÊNCIA, REGULAÇÃO E SUPERVISÃO – JUIZ 3

Referência: *459419* *Ação de Processo Especial 10/24.2YQSTR*

Autor: Ampemep – Associação de Micro, Pequenas e Médias Empresas Portuguesas
Rés: BANCO BILBAO VIZCAYA ARGENTARIA S.A. – Sucursal em Portugal, e outras abaixo identificadas

ANÚNCIO

No Tribunal da Concorrência, Regulação e Supervisão, Juízo da Concorrência, Regulação e Supervisão – Juiz 3.

Faz-se saber que nos autos acima identificados, **fica(m) CITADAS(s)**, nos termos e para os efeitos do disposto no n.º 1 a 3 do artigo 15.º da Lei n.º 83/95, de 31 de agosto, não sendo possível individualizar os respetivos titulares dos interesses em causa na ação, **todas as micro, pequenas e médias empresas**, com sede ou residência habitual em Portugal, que contrataram às **Rés** (BANCO BILBAO VIZCAYA ARGENTARIA S.A. – Sucursal em Portugal, BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S.A., BANCO BIC PORTUGUÊS, S.A., BANCO BPI, S.A., BANCO SANTANDER TOTTA, S.A., BARCLAYS BANK PLC, CAIXA CENTRAL DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO, CRL,CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, S.A., CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL, CAIXA ECONÓMICA BANCÁRIA, S.A. e UNIÓN DE CRÉDITOS INMOBILIARIOS, S.A. – Sucursal em Portugal), crédito às empresas em Portugal, durante o período relevante (entre maio 2002 e março 2013), mas que ainda não sejam intervenientes na presente ação, para, no **prazo de 20 dias, decorrida que seja a dilação de 30 dias**, contada da publicação do último anúncio, passarem a intervir no processo a título principal, querendo, aceitando-o na fase em que se encontrar, e/ou para declararem nos autos se aceitam ou não ser representados pela Autora ou se, pelo contrário, se excluem dessa representação, nomeadamente para o efeito de lhes não serem aplicáveis as decisões proferidas, sob pena de a sua passividade valer como aceitação, sem prejuízo do disposto no n.º 4 do artigo 15.º da Lei n.º 83/95, de 31 de agosto.

Esclarece-se que, para efeitos de representação na presente ação, "micro, pequenas e médias empresas" (e, assim, as "empresas representadas") são:

a) todas as pessoas singulares que exerçam qualquer atividade profissional, comercial ou industrial, de forma independente e em nome individual (incluindo empresários em nome individual e profissionais liberais); e

b) todas as pessoas de direito privado que exerçam qualquer atividade económica, com as características decorrentes do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 372/2007, de 6 de novembro, que remete para a Recomendação n.º 2003/361/CE, da Comissão Europeia.

– que para efeitos de representação na presente ação, entende-se por "crédito a empresas", produtos/serviços disponibilizados pelas instituições de crédito às micro, pequenas e médias empresas e aos chamados "Pequenos Negócios", ou seja, produtos direcionados para Empresários em Nome Individual (ENI) e para os profissionais liberais, e especificamente:

a) gestão de tesouraria e financiamento de curto prazo (incluindo descoberto em depósito à ordem, crédito em conta corrente, descoberto potencial, *hot money* e papel comercial);
b) *factoring*;
c) locação financeira (*leasing*);
d) livranças;
e) descontos de letras; e
f) contas correntes caucionadas.

– que se excluem do âmbito das empresas representadas as pessoas singulares ou colectivas que sejam ou cujos sócios ou administradores sejam: (i) os administradores e empregados das Visadas pela Decisão da AdC e suas subsidiárias ou empresas-mãe; (ii) o(s) juiz(es) que decidam o presente processo ou questões do mesmo, em qualquer instância e potencial incidente; e (iii) os mandatários judiciais e consultores económicos e técnicos da Autora e das Rés no âmbito do presente processo.

A causa de pedir traduz-se na responsabilidade civil extracontratual fundada na violação de normas jus concorrenciais, que tem o seguinte objetivo:

a. Ser declarado que, desde maio de 2002 a março de 2013, as Rés violaram, numa prática única e continuada, o artigo 101.º do TFUE (incluindo sua anterior numeração) e (sucessivamente) artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 371/93, o artigo 4.º da Lei n.º 18/2003, de 11 de junho, e o artigo 9.º da Lei n.º 19/2012, de 8 de maio, ao trocar com as suas concorrentes informações estratégicas, não públicas, atuais e futuras, de modo desagregado, individualizado e regular, nomeadamente, sobre as suas respetivas ofertas de crédito a empresas.

b. Ser declarado que esta prática das Rés causou danos aos interesses difusos ou coletivos de proteção do consumo de bens e serviços e da concorrência, e aos interesses individuais homogéneos das empresas representadas;

c. Com fundamento na responsabilidade civil, sejam as Rés condenadas a indemnizar integralmente todas as empresas representadas na presente ação pelos danos que lhes foram causados pelas práticas anticoncorrenciais em causa, no montante dos danos associados aos contratos de crédito a empresas celebrados em Portugal, desde maio de 2002 a março de 2013, em montante global a fixar:
(i) por cálculo aritmético;
ou, não sendo este possível,
(ii) por equidade, nos termos do artigo 566.º(3) do CC;
(iii) sendo os valores integrantes do montante global, calculados anualmente, atualizados à taxa de inflação e acrescidos de juros de mora civis;
(iv) sendo que na presente data a Autora não consegue liquidar este montante, por, nos termos do disposto no artigo 556.º(1)(b) e (c) do CPC, não lhe ser possível determinar de modo definitivo as consequências das práticas ilícitas das Rés, estando tal determinação parcialmente dependente de atos a praticar pela Rés;

d. Vindo-se a revelar não ser possível fazer, total ou parcialmente, na sentença a liquidação do pedido da alínea anterior, ser a Ré condenada no pagamento do montante global, calculado nos mesmos termos, que vier a ser liquidado, nos termos do artigo 609.º(2) do CPC;

e. No caso das alíneas c) e d), ser a condenação das Rés no pagamento de indemnização líquida concretizada na obrigação: (i) do pagamento da indemnização individual devida às empresas representadas que intervenham e assim sejam individualmente identificados no âmbito da presente ação, pelos montantes de indemnização individual que sejam determinados no âmbito da presente ação; e (ii) do pagamento a entidade designada pelo tribunal do montante global da indemnização determinado pelo tribunal de acordo com as alíneas c) ou d), subtraindo-se os valores referidos em (i), a ser distribuído pelas restantes empresas representadas de acordo com método para determinação e distribuição de indemnizações individuais determinado pelo Tribunal;

f. Serem as Rés condenadas no pagamento dos mesmos danos elencados nas alíneas c) ou d), emergentes da prática anticoncorrencial em causa, que se produzam na esfera das empresas representadas entre a prolação da sentença e o trânsito em julgado da sentença, em quantia a liquidar em execução de sentença, nos termos do artigo 609.º(2) do CPC.

g. Ser declarado que a Autora tem legitimidade para proceder à cobrança das quantias a que as Rés forem condenadas, em representação das empresas representadas, incluindo legitimidade para requerer a liquidação judicial das quantias e a execução judicial de sentença, e demais atos necessários à cobrança efetiva das referidas quantias, devendo as Rés proceder ao pagamento da indemnização global a favor das empresas representadas diretamente à entidade designada pelo Tribunal para proceder à administração da mesma, sem prejuízo da legitimidade da Autora para exigir e executar a cobrança, mesmo que judicialmente;

h. Ser nomeada uma entidade incumbida da administração da indemnização global (sem prejuízo da necessidade de aceitação do encargo);

j. Ser declarado que a entidade designada pelo Tribunal para administrar a quantia que as Rés forem condenadas a pagar deverá ser remunerada pelo exercício desta atividade, com a remuneração que o Tribunal entenda adequada;

k. Ser declarado que a entidade designada pelo Tribunal para o efeito deverá proceder à administração das quantias que as Rés forem condenadas a pagar, a título de fiel depositário, competindo-lhe:
(i) criar, gerir e divulgar uma plataforma na qual cada empresa representada poderá requerer a indemnização a que tem direito;
(ii) verificar o direito de cada empresa representada que requeira a sua indemnização através de comprovativo nos termos que venham a ser determinados pelo Tribunal;
(iii) garantir o pagamento da indemnização individual devida, no prazo de três meses após pedido de pagamento com comprovativo do preenchimento dos respetivos requisitos;
(iv) findo o prazo determinado pelo Tribunal, e cumprido o previsto na alínea (m) do pedido, entregar a quantia restante ao Ministério da Justiça nos termos e para os fins previstos no artigo 19.º(8) da LPE e no artigo 22.º(5) da LAP;

p. Subsidiariamente aos pedidos das alíneas c) e d), ser declarado que as Rés têm a obrigação de indemnizar as empresas representadas pelos danos causados pelos comportamentos ilícitos em causa, pelos montantes que sejam determinados em ações judiciais ou por meios alternativos de resolução de litígios subsequentemente promovidos pelas empresas representadas;

q. Serem as Rés condenadas em custas;

r. Ser a Autora ressarcida das custas, encargos, honorários e demais despesas que incorreu por força da presente ação, que extravasem a condenação das Rés em custas, incluindo o custo de financiamento do presente contencioso (a liquidar segundo o AFC), a partir do montante da indemnização global, sem ultrapassar o montante da indemnização global remanescente após o pagamento das indemnizações devidas às empresas representadas e por estes requeridas à entidade designada pelo tribunal no prazo fixado pelo tribunal, nos termos do artigo 19.º(7) da LPE e do artigo 22.º(5) da LAP.

s. Serem as Rés condenadas a divulgar às empresas representadas a existência da sentença e da indemnização a que têm direito, e do modo de a reclamarem, nos termos da lei (artigo 16.º(5) do Decreto-Lei n.º 14-A/2023 e 19.º(2) da LAP) e que o Tribunal entenda adequados a garantir o máximo grau de eficiência e de sucesso na distribuição da indemnização global às empresas representadas.

t. Serem as Rés condenadas a publicar em 2 (dois) jornais generalistas de âmbito nacional um sumário da decisão judicial transitada em julgado no presente processo, redigido pelo Tribunal, a expensas das Rés e sob pena de desobediência.

O prazo indicado é contínuo, suspendendo-se, no entanto, nas férias judiciais.

Terminando o prazo em dia que os tribunais estiverem encerrados, transfere-se o seu termo para o primeiro dia útil seguinte. Ficam advertidos de que é obrigatória a constituição de mandatário judicial.

Santarém, 11-04-2024

A Juíza de Direito
Dra. Vanda Miguel

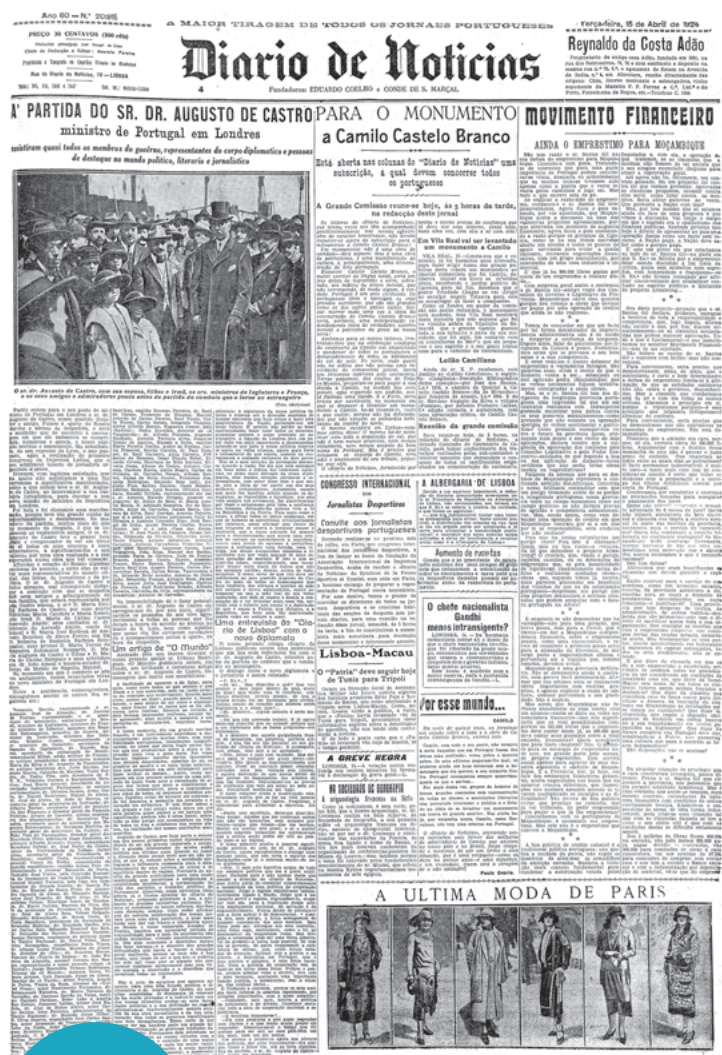
Diario de Noticias

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

A' PARTIDA DO SR. DR. AUGUSTO DE CASTRO ministro de Portugal em Londres

PARA O MONUMENTO a Camilo Castelo Branco

MOVIMENTO FINANCEIRO

A ULTIMA MODA DE PARIS

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 15 DE ABRIL DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS *Jornalistas Desportivos*

Convite aos jornalistas desportivos portugueses

Devendo realizar-se no proximo mês de julho, em Paris, um congresso internacional dos jornalistas desportivos, a fim de lançar as bases da fundação da Associação Internacional da Imprensa Desportiva, acaba de receber o «Diario de Noticias» do Syndicat de la Presse Sportive et Tourist, com séde em Paris, o honroso encargo de preparar a representação de Portugal nessa assembleia.

Por esse motivo, temos o prazer de convidar os directores de todos os jornais desportivos e os cronistas habituais das secções de desporto nos jornais diarios, para uma reunião na redacção dêste jornal, amanhã, ás 5 horas da tarde, a fim de constituirem a assembleia mais autorizada para resolução desse momentoso e interessante assunto.

Lisboa-Macau

O "Patria" deve seguir hoje de Tunis para Tripoli

Ontem na Direcção Geral de Aeronautica Militar não houve noticia alguma dos heroicos aviadores Brito Pais e Sarmento de Beires, que estão efectuando a viagem aerea Lisboa-Macau. Como, porém, tivesse vindo a publico, á noite, que o «Patria» havia levantado vôo de Tunis para Tripoli, procurámos obter informações seguras sobre a descolagem do aparelho, não nos tendo sido confirmada a noticia.

E' de todo o ponto certo que o «Patria» só levantará vôo hoje de manhã, se o tempo permitir.

A' PARTIDA DO SR. DR. AUGUSTO DE CASTRO

ministro de Portugal em Londres

Assistiram quasi todos os membros do govêrno, representantes do corpo diplomatico e pessoas de destaque no mundo politico, literario e jornalistico

O sr. dr. Augusto de Castro, com sua esposa, filhas e irmã, os srs. ministros de Inglaterra e França, e os seus amigos e admiradores pouco antes da partida do comboio que o levou ao estrangeiro

(Foto «Noticias»)

Partiu ontem para o seu posto de ministro de Portugal em Londres o sr. dr. Augusto de Castro, nosso querido director e amigo. Fomos á «gare» do Rossio dar-lhe o abraço de despedida, e ante a multidão que de encontro á carruagem em que ele embarcou se comprimia, numerosa e atenta, o nosso espirito reviveu o espectaculo, tão semelhante, do seu regresso de Lyon, o ano passado, após a realização do primeiro Congresso da Imprensa Latina, que o seu admiravel talento de jornalista organizou e criou.

Dizemos, com legitima satisfação, que ha muito não assistiamos a uma tão carinhosa e significativa manifestação, como a que ontem teve o sr. dr. Augusto de Castro, ao interromper a sua carreira jornalistica, para encetar a sua nova missão de ministro da Republica em Londres.

Foi bela e foi eloquente essa manifestação, porque teve um grande cunho de espontaneidade e desinteresse. No momento da partida, muitos mais do que no momento da chegada, é que se conhecem os verdadeiros amigos. O sr. dr. Augusto de Castro teve o prazer bem grato e compensador de ver em tôrno de si todos os seus sinceros e leais admiradores, a significarem-lhe o seu aplauso por uma obra realizada e a sua esperança numa obra que vai começar.

Afluiram á estação do Rossio algumas centenas de pessoas, e entre elas os vultos mais representativos do mundo oficial, das letras, do jornalismo e da politica. O sr. dr. Augusto de Castro a todos abraçou, mal conseguindo disfarçar a comoção com que se despedia dos seus amigos e principalmente de sua familia, que estava representada por sua ilustre esposa, a sr.ª D. Maria Emilia Barbosa de Castro; por suas gentis filhinhas Maria Candida e Maria Isabel; sua irmã D. Maria do Carmo Castro Azevedo Ataíde; seus cunhados sr. dr. Antonio de Azevedo Ataíde, conde do Ameal e D. Maria José Barbosa de Azevedo Bourbon de Abreu Freire; sua tia D. Belmira de Sequeira Barbosa Sotomaior; suas primas D. Maria Teresa de Sequeira Sotomaior Neuparth, D. Maria Augusta de Castro e filhas e D. Maria do Carmo Sampaio e seus sobrinhos srs. dr. João Ameal e tenente-aviador dr. Jorge de Metelo de Napoles Manuel.

No momento em que o comboio se pôs em andamento, foram levantados vivas ao novo ministro de Portugal em Londres.

Entre a assistencia, numerosissima, conseguimos anotar os nomes dos seguintes srs.:

Venancio Morais, representando o sr. Antonio José de Almeida; dr. Jacinto de Freitas, representando o sr. presidente do ministerio; embaixador do Brasil, ministro de Inglaterra, ministro de França, ministro do Interior, ministro dos Negocios Estrangeiros, ministro da Guerra, ministro da Instrução, ministro das Colonias, Ribeiro Gomes, representando o sr. ministro do Comercio; secretario da legação de Inglaterra, dr. Macedo Soares, secretario da embaixada do Brasil; comandante Millet, adido militar de França; os antigos presidentes do ministerio Antonio Maria da Silva e dr. Augusto de Vasconcelos, os antigos ministros drs. Julio Dantas, Augusto Soares, Catanho de Menezes, Vasco Borges, dr. Pedro Pita, pelo directorio do P. R. N., Velhinho Correia e Bartolomeu Severino; José Maria Alvares, presidente da Associação Industrial Portuguesa; os antigos parlamentares dr. Oliveira Santos, Artur Costa, dr. Daniel Rodrigues, Miguel de Abreu, dr. José de Abreu, dr. João de Barros, secretario geral do ministerio da Instrução; dr. Alberto Xavier, secretario geral do ministerio das Finanças e director geral da Fazenda Publica; Alvaro de Lacerda, antigo comissario dos abastecimentos; dr. Gonçalves Teixeira, secretario geral do ministerio dos Negocios Estrangeiros; dr. Germano Martins, secretario geral do ministerio da Justiça; dr. João Pais de Vasconcelos, director geral dos Hospitais Civis; almirante Gago Coutinho, almirante Alberto Augusto Osorio, comandante Sacadura Cabral, dr. José Pedro da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa; Jaime Atias, secretario geral da Presidencia da Republica; capitão Costa, representando o general Vieira da Rocha, comandante da guarda republicana; capitão Ariosa Feio, representando o general Bernardo de Faria; Custodio José Vieira, pela Comissão Executiva do Centenario de Camilo Castelo Branco; coronel Mardel Ferreira, pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra; dr. Garcia Pulido, dr. Manuel de Sousa Pinto, dr. Alexandre Cancela de Abreu, dr. Eduardo Burnay, actor José Ricardo, dr. Mark Atias, dr. Magalhães Colaço, Henrique Lopes de Mendonça, dr. Mario Calixto, Barreto da Cruz, chefe do protocolo da Presidencia da Republica; José de Abreu Reis, Veloso Salgado, Eduardo Schwalbach, dr. Sousa Costa, dr. Costa Sacadura, presidente da Sociedade de Sciencias Medicas; dr. Trindade Coelho, pintor Carlos Reis, Eduardo Ramires dos Reis, dr. Reinaldo dos Santos, Henrique Taveira, Santos Tavares, comissario do governo junto do Teatro Nacional; dr. Perry Vidal, Monteiro Guimarães, conselheiro Petra Viana, dr. Afonso Lopes Vieira, Moreira de Almeida, director do «Dia»; dr. Joaquim Manso, director do «Diario de Lisboa»; dr. João Moreira de Almeida, coronel Correia dos Santos, representando o nosso prezado colega «A Capital»; Jorge Saavedra, Urbano Rodrigues, director de «O Mundo»; Antonio Ferro, Vicente Arnoso, Luís Derouet, Jorge de Abreu, director de «A Tarde»; Artur Portela, Acacio de Paiva, Vieira da Rosa, director da «United Press»; actor Nascimento Fernandes, dr. Bettencourt Ferreira, dr. Mario Tavares de Carvalho, dr. Caetano Beirão da Veiga, actrizes Carmen Cardoso, Ester Leão e Amelia Rey Colaço, Joaquim Leitão, pintor José Malhôa, dr. Abel de Matos Abreu, actor Carlos Santos, Lino Ferreira, administrador do Teatro Nacional; dr. Ricardo Jorge (filho), D. Oliva Guerra, engenheiro José Carlos Santos, actor Armando de Vasconcelos, capitão Lobo da Costa, João Pires Correia, Henriques Monteiro Mendonça, capitão Garcia de Andrade, C. E. Moitinho de Almeida, actor Robles Monteiro, Bourbon e Menezes, Ferreira Madail, Americo de Oliveira, Carlos Monís, pelos Bombeiros Voluntarios de Lisboa; Leopoldo O'Donnell, João Ortigão Ramos, João Pereira da Rosa, director da Associação Comercial; tenente-coronel Teixeira Sant'Ana, capitão Menezes Ferreira, dr. Raul do Carmo, Frederico de Menezes, Manuel Acurcio do Carmo Pereira, Raul Nunes, Costa Nunes, Carlos Gomes, fotografo Vasques, pintor Alfredo Morais, Nogueira Junior, pelo «Radical»; Pedro Muralha, director de «A Vanguarda»; dr. Alfredo Pimenta, Augusto Machado, Antonio Ferreira Alves, Joaquim Tomás de Aquino, Macedo e Brito, capitão Mario Pereira Coelho, André de Freitas, Carlos Pimentel, Serrão Correia, dr. Paul Pompei, dr. Raul Carneiro, Alejo Carrera, Frederico de Menezes, Cesar Duarte Nobel, Ricardo Covões, Henrique de Melo Barreto, Silverio Costa, Afonso de Castro, Antonio Correia, Cardoso Marta, Abilio Magro, Carlos de Oliveira, dr. Carvalho Pessoa, Alfredo Santos, Jaime da Silva Junior, Francisco Joaquim Rodrigues, Eduardo Reis (pai), Augusto Pina, Sabino Correia, Costa Mendes, Adelino Sampaio, Luís Soares, Oliveira Gandara, Macedo Ortigão, representando seu pai o sr. Antonio Macedo Ortigão, ausente no Algarve; dr. Nobre de Melo, D. Maria Amelia Mexia, D. Adelaide Sequeira, Ivo de Monforte, Aires de Carvalho, Jaime Serra, Correia da Silva, Raul Corrége, Acurcio Pereira, por si e pelos jornalistas portuenses Julio de Oliveira e Antonio Loureiro Dias; José Rangel de Lima, major Pereira Coelho, Rocha Junior, por si e pela «Casa dos Jornalistas»; D. José Paulo da Camara, Jaime Leitão, Edmundo de Oliveira, Cristovão Aires, Paulo Freire, Ariosto Saturnino, Antonio Carneiro, Antonio Carvalhosa, Francisco Vidal, Abel Moutinho, Lourenço Caiola, Luís Trigueiros, João Rosa, Manuel dos Santos, Arnaldo Faria de Oliveira, Luís de Freitas Branco, Amancio Caiola Zagalo, Anselmo Franco, Mario Barros, Eduardo Junqueiro, Mario Sant'Ana, Angelo Pereira, Carlos Mascarenhas Barata, Carlos Neves, Vasconcelos e Sá, Eduardo Brito Aranha, Antonio da Costa Leão, Sebastião Franco, Antonio Rosa, Jaime Silva, major Julio José Domingues, Justino da Fonseca, José Rodrigues Brazão, Alfredo Taveira, Carvalho da Cruz, correspondente na Azambuja; Antonio de Carvalho.

Na impossibilidade de o fazer pessoalmente, o sr. dr. Augusto de Castro encarregou-nos de, por este meio, significarmos os protestos do seu vivo agradecimento a todas as pessoas que lhe deram a honra de assistir ao almoço no teatro de S. Luís, bem como áquelas que nesse dia lhe enviaram saudações ou o acompanharam ontem á «gare», na hora da despedida.

Um artigo de "O Mundo"

Assinado pelo seu ilustre director e nosso prezado amigo sr. Urbano Rodrigues, «O Mundo» publicava ontem, em fundo, um brilhante e carinhoso artigo sobre o sr. dr. Augusto de Castro, homenagem que muito nos sensibilizou:

A facilidade de escrever e de falar, para mim, como para todos os que sentem o que dizem e o que escrevem, está na razão inversa da comoção que experimento. Quanto mais sinto, menos sei dizer; quanto maior é, nesses lances, o meu desejo de ser claro e expressivo, mais fracos são os meios que se me oferecem para realizar. Recorro ao coração e dele brotam impressões confusas, porque bate apressado; peço auxilio á memoria e ela perturba-se, atraiçôa-me, reproduz lentamente.

A nossa memoria, diz um grande escritor francês, é um instrumento caprichoso e desconcertante: guarda muitas vezes, com uma fidelidade escrupulosa, recordações insignificantes, ao passo que deixa fugir certos factos que nos produziram sobre a alma a impressão mais viva e mais forte. Por vezes faz-nos lembrar aqueles servos ignorantes que deixam desprezados, cobertos de pó, os quadros de mestre e as mais belas estatuas, mas que empregam um zelo infatigavel para fazer brilhar os metais... Assim, neste momento em que procuro arrancar de uma amizade de quasi vinte anos a recordação de alguns dos factos que mais a cimentaram e tornaram indestrutivel, para a engrandecer aos olhos de todos, só pequenos episodios alegres, fugidias notas de ternura me ocorrem—de tal maneira a memoria me atraiçôa e o coração me embaraça. E' que dizer adeus a um grande e leal amigo numa epoca em que esta palavra quasi passou a ter apenas uma significação poetica não é coisa banal, sobretudo se êsse amigo nos acompanhou na vida de todos os dias e colaborou nos nossos planos, na realização das nossas aspirações mais queridas.

Augusto de Castro, que hoje parte a ocupar um dos nossos primeiros postos diplomaticos, depois de ser um grande camarada e amigo, foi o grande colaborador da minha acção politica nos ultimos anos. Quando eu tomei a direcção deste jornal senti que ele não podia, só por si, exercer sobre a sociedade portuguesa a influencia necessaria para o estabelecimento de uma politica de ordem e de equilibrio dentro do regime. Precisava do auxilio da grande publicidade para uma acção combinada que permitisse e estimulasse a estabilidade ministerial, a normalização da vida dos partidos, o trabalho proficuo do Parlamento. Absorvido nessa patriotica ideia estava já o ilustre director do «Diario de Noticias», prégando sobretudo a paz, e ajudando as grandes iniciativas nacionais. Faltava só coordenar os nossos esforços, dar-lhes uma direcção comum. Creio poder afirmar que da estreita colaboração dos nossos jornais para esta obra patriotica, á qual mais tarde veio dar um franco e inteligente apoio no Seculo o nosso camarada Amadeu de Freitas, resultou um apreciavel periodo de tranquilidade para o país. Os ministerios têm podido trabalhar, vivendo constitucionalmente, têm sido nomeados e demitidos dentro das boas normas—e a despeito das grandes dificuldades que havia a vencer a situação geral melhorou, porque se hoje não é boa ainda, está longe de ser o que era—e poderia ter sido mil vezes pior se alguem não procurasse combater serenamente mas com firme energia a dissolução e a desordem que invadiam todas as instituições.

Cascais Opera tem vencedor sul-coreano

O Teatro São Carlos acolheu ontem a final do Cascais Opera e o grande vencedor (Grand Prix Égide) foi o sul-coreano Hae Kang, um barítono nascido em 1994. Na bela sala de espetáculos lisboeta, perante uma sala cheia e também com transmissão na RTP2, atuaram oito finalistas de altíssimo nível. O prémio 'Tereza Berganza' para a melhor voz feminina foi atribuído à soprano portuguesa Sílvia Sequeira, enquanto o prémio 'Maurício Bensaúde' para a melhor voz masculina coube a ByeomongMin Gil, baixo-barítono sul-coreano.

PAULO ALEXANDRINO/GLOBAL IMAGENS

Conta do Chega no Facebook restringida por dez anos

META Partido político está impedido de partilhar vídeos e fotografias. André Ventura diz que vai recorrer aos tribunais e à Assembleia da República.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

A conta oficial do Chega no Facebook foi alvo de restrições por um período de aproximadamente dez anos, aplicada pelo gigante tecnológico Meta sem que tenha sido dada qualquer explicação ao partido político português. Ao que o DN apurou, os gestores da conta estão impedidos de partilhar vídeos e imagens diretamente na conta, que tem 198 mil seguidores.

André Ventura disse ao DN que pondera recorrer aos tribunais para reverter a restrição, que o Chega está a contornar através de partilhas de vídeos publicados na conta pessoal do líder do partido, visto que a conta oficial também é alvo de restrições há vários meses. E também planeia levar o tema a discussão na Assembleia da República.

Os administradores da página oficial do Chega no Facebook receberam apenas a mensagem de que a conta está restringida durante 3649 dias. "A atividade da tua conta desrespeitou os nossos Padrões da Comunidade. Portanto, não podes executar uma ou várias ações habituais", anunciou a Meta, sem qualquer contacto prévio ou explicação.

> Vídeo em que André Ventura se refere à "impunidade" da comunidade cigana estará na origem da decisão.

Ao que o DN soube, entre o Chega existe a convicção de que as restrições se devem a um vídeo, partilhado nesta semana na conta oficial de Facebook, que mistura imagens de uma intervenção de Ventura no plenário da Assembleia da República, referindo-se ao que diz ser a "impunidade" da comunidade cigana em Portugal, com imagens de três pessoas a vangloriarem-se de terem cortado os longos cabelos de uma mulher.

O DN contactou a Meta, perguntando quais foram os motivos para a decisão de restringir a conta oficial do Chega e para a duração de dez anos desse impedimento, mas não obteve qualquer resposta da *holding* que detém o Facebook e o Instagram.

BREVES

PR na inauguração de mural de homenagem à Crise Académica de 1969 em Coimbra

O mural de homenagem a Alberto Martins e à Crise Académica de 1969, que está a ser pintado em Coimbra, vai ser inaugurado na quarta-feira pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, anunciou a Associação Académica de Coimbra.
Os estudantes informam que a mural vai ser inaugurado pelas 14:00. Da autoria dos artistas c'Marie e Egrito, o mural nasceu junto ao edifício da Associação Académica de Coimbra (AAC), na Rua Padre António Vieira, no centro da cidade de Coimbra. Serve para homenagear Alberto Martins, o presidente da Associação Académica de Coimbra que pediu a palavra ao então chefe de Estado, Américo Thomaz, dando início à Crise Académica de 1969. É também "comemorativo dos 55 anos da Crise Académica de 1969, enquadrada nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril". "É de salientar o papel que os estudantes desempenharam na luta pela liberdade e pela democracia. É com o intuito de homenageá-los que a Associação Académica de Coimbra pretende celebrar este legado e dia histórico", justifica. A cerimónia contará com intervenções do PR, do homenageado Alberto Martins, do reitor da Universidade de Coimbra, Amílcar Falcão, do vice-presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Francisco Veiga, e o presidente da direção geral da Associação Académica de Coimbra, Renato Daniel.

Oliveira termina em 11.º em dia histórico para Viñales

Miguel Oliveira (Aprilia) terminou o GP das Américas de MotoGP em 11.º – atrás do colega da Trackhouse, Raúl Fernández – o mesmo lugar em que terminou a corrida *sprint* na véspera. A terceira corrida do mundial de velocidade de duas roda foi marcada pelo triunfo do espanhol Maverick Viñales (Aprilia), que deixou o estreante Pedro Acosta (GasGas) na segunda posição, a 1,728 segundos, e o italiano Enea Bastianini (Ducati) em terceiro, a 2,703. O piloto espanhol da Aprilia partiu do primeiro lugar da grelha, mas arrancou mal e até caiu até ao 9.º lugar, mas recuperou a frente da corrida, tornando-se o primeiro piloto a vencer uma corrida do MotoGP por três construtores. Depois de ter festejado triunfos com a Suzuki e a Yamaha, Viñales conseguiu-o agora com a Aprilia. Com estes resultados, o espanhol Jorge Martin (Ducati), que foi quarto, em Austin lidera o Mundial de pilotos, com 80 pontos, mais 21 do que Bastianini. A próxima corrida é o Grande Prémio de Espanha, dia 28 de abril, em Jerez de la Frontera.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Secretário-geral** Afonso Camões **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56603
5 605290 123023